

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**PATERNIDADE EM FAMÍLIAS PÓS-DIVÓRCIO  
CUJO PAI DETÉM A GUARDA UNILATERAL DOS FILHOS**

Mestrando: Rogério Isotton

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Falcke

São Leopoldo  
Fevereiro de 2011

**PATERNIDADE EM FAMÍLIAS PÓS-DIVÓRCIO  
CUJO PAI DETÉM A GUARDA UNILATERAL DOS FILHOS**

Mestrando: Rogério Isotton

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Falcke

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

São Leopoldo  
Fevereiro de 2011

I85e      Isotton, Rogério  
Paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos/ Rogério Isotton. -- 2011.  
162 f. ; 30cm.

Inclui os artigos: “Quando o pai detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa?” e “Paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos”.

Dissertação (mestrado em Psicologia) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2011.

Orientadora: Prof. Dra. Denise Falcke.

1. Psicologia. 2. Paternidade. 3. Paternidade - Guarda - Filho. 4. Família monoparental. I. Título. II. Falcke, Denise.

CDU159.9

Catalogação na Publicação:  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

## **DEDICATÓRIA**

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade e confiança na realização deste trabalho.

A minha esposa, Joana Cicconeto, com quem pude compartilhar as dificuldades, discutir dúvidas e incertezas, dividir as conquistas e a quem pude recorrer nos momentos de fraqueza e angústia.

Aos meus pais, Ângelo e Inês Isotton, pela compreensão, pela paciência e pelo apoio que ofereceram durante esse tempo e, principalmente, por serem referência em características essenciais para a conquista dos objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente:

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Falcke que, com presteza, seriedade, dedicação e profissionalismo, orientou esta pesquisa. Mais do que isso, pelo exemplo de educadora e formadora que revela, auxiliando com humildade o desenvolvimento de meu processo de aprendizagem;

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Röhnelt Ramires, pelo apoio e incentivo que recebi no decorrer do mestrado e pelas sugestões de melhorias na elaboração desta pesquisa;

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Centenaro Levandowski, pela dedicação, orientação e pelas sugestões dadas no início desta investigação;

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Castoldi, que me motivou e me conduziu ao mestrado da UNISINOS;

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana Cecchini de Castro, pelo incentivo, pelo acompanhamento e pela orientação em minha formação educacional e no desempenho da profissão;

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade, confiança, pelo interesse e pela colaboração na concretização deste estudo;

À UNISINOS, berço de minha educação universitária, formação profissional e pessoal, que, representada pela equipe da Central de Relacionamento, em especial, por Liziane Silva Menezes, Cátia

Fröhlich, Cássio Cassel, Michelli Malgarin de Lima e Ana Accorsi  
Moreira, me compreenderam e me apoiaram nos primeiros passos  
rumo ao mestrado;

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia da UNISINOS, com os quais pude ampliar os  
conhecimentos na área da psicologia clínica e da pesquisa em  
Psicologia;

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, que, no decorrer do  
mestrado, prestou apoio, recebeu e encaminhou as demandas  
advindas desta pesquisa;

Ao Programa de Bolsas Santander, pela bolsa concedida,  
viabilizando a realização deste estudo e sem a qual minha  
participação no mestrado não teria sido possível;

A Joana Cicconeto, com quem pude compartilhar as conquistas e  
frustrações que emergiram do início do percurso à realização do  
trabalho rumo ao alcance deste objetivo. Pela disponibilidade em  
discutir e compreender conceitos e questionamentos que surgiram  
durante o mestrado e pelo amor e cuidado que dedica a mim,  
fundamental para a árdua caminhada vital, sou grato.

## SUMÁRIO

Resumo.....	9
Abstract .....	10
Apresentação .....	11
Seção I: Relatório de Pesquisa - Paternidade em famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai: um estudo de casos.....	13
1.1 Introdução.....	14
1.2 Problema de pesquisa .....	18
1.3 Questões norteadoras.....	18
1.4 Método .....	19
1.4.1 Participantes .....	19
1.4.2 Instrumentos .....	19
1.4.3 Procedimentos .....	20
1.4.4 Análise dos dados.....	21
1.4.5 Procedimentos éticos.....	21
1.5 Resultados .....	22
1.5.1 Caso 1 .....	22
1.5.2 Caso 2.....	39
1.5.3 Caso 3.....	67
1.5.4 Síntese dos casos cruzados.....	89
1.6 Considerações finais.....	95
Seção II: Artigo Teórico - Quando o pai detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa? .....	97
Resumo.....	98
Abstract .....	99

2.1 Introdução.....	100
2.2 Diversidade de configurações familiares: eventos que mobilizaram a ampliação das possibilidades de constituir família. ....	100
2.3 Divórcio ou separação conjugal e a guarda dos filhos.....	102
2.4 Diversidade de configurações familiares .....	106
2.5 Família pós-divórcio: definição de conceitos.....	108
2.6 Caracterizando a família pós-divórcio chefiada por um único genitor .....	113
2.7 Considerações finais.....	115
Seção III: Artigo Empírico - Paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos .....	117
Resumo.....	118
Abstract .....	119
3.1 Introdução.....	120
3.2 Método .....	124
3.2.1 Participantes .....	124
3.2.2 Instrumentos .....	125
3.2.3 Procedimentos .....	125
3.2.4 Análise dos dados.....	125
3.3 Resultados e discussão .....	126
3.4 Considerações finais.....	142
Considerações finais da dissertação .....	145
Referências .....	148
Anexos.....	156

## Resumo

O cenário familiar contemporâneo vem sofrendo transformações que propiciam às famílias constituírem-se de diferentes maneiras. Junto com esse contexto de transições, a paternidade também está em processo constante de transformação e vem agregando características que a situam cada vez mais distante dos modelos tradicionais. O índice de famílias pós-divórcio chefiadas por um dos genitores aumentou consideravelmente nos últimos anos, atingindo, segundo IBGE, um percentual de 21,8% em 2007. Deste total registrado em 2007, 9,8% são famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai. O objetivo desta pesquisa, a partir disso, é compreender o exercício da paternidade em famílias pós-divórcio, nas quais o pai detém a guarda unilateral dos filhos. Sob o método qualitativo, com base no estudo de casos, esta pesquisa teve como participantes três pais e um dos filhos, com idade entre seis e 13 anos de idade, que estava sob a guarda dos pais por um período mínimo de seis meses. Como resultado, observou-se que os pais que conduzem essa configuração familiar acumulam tarefas como atividades domésticas, criação e educação dos filhos e sustento financeiro do lar. Dois dos pais trabalham como profissionais liberais, podendo flexibilizar seus horários e conciliar com as atividades domésticas e envolvimento com os filhos. O outro trabalha em empresa de transporte, mas estava em período de licença, dispondo de tempo para cumprir suas tarefas. Os pais evidenciaram uma relação de companheirismo com os filhos, característica também demonstrada por estes. Aqueles entendem que sua presença na vida dos filhos, oferecendo-lhes amor, carinho, segurança e sustento são primordiais para o bom exercício da paternidade e para a promoção de um desenvolvimento saudável. O documento desta dissertação está composto por três seções. A primeira é constituída pelo relatório da pesquisa, na qual os casos foram apresentados, analisados e discutidos. A segunda seção consubstancia-se em um artigo teórico cujo objetivo foi discutir a nomenclatura atribuída, na literatura, para identificar as famílias pós-divórcio chefiadas por um dos genitores. Como última seção, foi elaborado um artigo empírico, que apresenta um recorte dos dados da pesquisa realizada, a partir da análise de conteúdo das entrevistas feitas com os pais.

Palavras-chave: paternidade, famílias pós-divórcio, família.

## **Abstract**

The contemporary family scenario is going through changes that lead families to set themselves in different ways. Along with this transition context, paternity is also in constant process of transformation, and it has been adding features that put it continually more distant from the traditional models. The rate of post-divorce families headed by one parent has increased considerably in recent years, reaching, according to IBGE, a percentage of 21.8% in 2007. Of this total registered in 2007, 9.8% are post-divorce families headed by a father. The objective of this research, from this scenario, is to understand the fatherhood exercise in post-divorce families, in which the father has the unilateral custody over the children. Under the qualitative method, based on case studies, this research had as participants three parents and one of the children, aged between six and thirteen years old, who was in the custody of the parents for a minimum period of six months. As a result, it was found that the parents who lead this family configuration accumulate tasks like household chores, children's care and education, as well as the household financial support. Two of the parents work as autonomous professionals, being able to flex their schedules and reconcile them with domestic activities and the involvement with the children. The other parent works on a transportation company, but he was on an off-work period, having time to accomplish his tasks. Parents showed a companionship relationship with the children, a characteristic also shown by the kids. Those understand that their presence in their children's lives, offering them love, affection, security and support is essential for the proper exercise of fatherhood and to promote a healthy development. This dissertation paper is composed of three sections. The first consists of the research report, in which the cases are presented, analyzed and discussed. The second section is a theoretical paper, whose purpose is to discuss the given literature terminology in order to identify the post-divorce families headed by one parent. As the last section, an empiric article was developed, that presents part of the survey data from the content analysis of the interviews carried out with parents.

Keywords: fatherhood, post-divorce families, family.

## **Apresentação**

A escolha do tema paternidade para esta pesquisa de dissertação está ligada a estudos anteriores, realizados para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Ao analisar o exercício da paternidade e as transformações familiares ao longo da história, percebe-se a importância de investigação da temática. O mestrado apresentou-se como uma oportunidade de efetivar a continuação desses estudos, desta vez, com foco nas famílias pós-divórcio em que o pai detém a guarda unilateral de seus filhos. Nesta investigação, o recorte efetuado tem o objetivo de investigar o exercício da paternidade sob a perspectiva do pai e de seu filho.

As recentes transformações na configuração e na estrutura do sistema familiar apresentam-se como um vasto campo de trabalho e pesquisa. Dessa maneira, estudar a estrutura das famílias (funções, papéis, hierarquia, coesão e dinâmica de funcionamento) nas diferentes configurações (famílias intactas, monoparentais, pós-divórcio, reconstituídas entre outras) é um desafio lançado aos pesquisadores da área.

A estruturação familiar, e conseqüentemente o papel dos que a compõem, está em pleno processo de mudança, diante das demandas sociais contemporâneas. Já não existe um único modelo clássico de família, tal como a família nuclear, caracterizada pela presença do pai, da mãe e dos filhos, em que cada um desempenhava um papel específico e definido (a mãe era responsável pelos cuidados do lar e dos filhos, enquanto o pai assumia as funções de sustento e disciplina). Tais modificações estão ocorrendo de maneira diferenciada nos diferentes núcleos sociais, gerando diversas formas de organização familiar (Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Atualmente, para exemplificar, existem casais em que a mãe é a principal responsável pelo sustento da casa, outros casais dividem os papéis familiares de maneira igualitária e desvinculada do modelo clássico e também há aqueles que mantêm fortes características do modelo tradicional de organização familiar (Silva & Piccinini, 2007; Wagner *et al.*, 2005).

Entre os diversos arranjos familiares que emergem na sociedade contemporânea, as famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai, aos poucos, vêm ocupando um importante lugar nos grupos sociais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1997, 2007), o número de famílias chefiadas pelo homem cresceu de 7,8% para 9,8%, entre os anos de 1997 e 2007, respectivamente. Esse crescimento acompanhou o índice de famílias chefiadas por um dos genitores, passando de 19,2%, em 1997, para 21,8%, em 2007. Observa-se, portanto, uma

crescente participação do pai nos cuidados dos filhos (Goetz & Vieira, 2007; Hennigen & Guareschi, 2002; Silva & Piccinini, 2007; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Wagner *et al.*, 2005) e a possibilidade de aumento do número de pais que queiram ficar com a guarda dos filhos após o processo de divórcio (Eggebeen, Snyder & Manning, 1996; Garasky & Meyer, 1996; Souza, 2008).

Com base nessas constatações iniciais, o objetivo deste estudo é aprofundar o conhecimento sobre a paternidade em famílias cujo pai detém a guarda de seus filhos. De maneira mais específica, pretende-se compreender como o pai e seu filho percebem, sentem e descrevem a paternidade em famílias pós-divórcio.

A dissertação está constituída por três partes, dispostas em três Seções. A Seção I é composta pelo Relatório de Pesquisa, no qual se apresenta a problematização do estudo, o embasamento teórico deste, o método adotado para a investigação e os resultados obtidos. Na Seção II, é apresentado um artigo teórico, intitulado “Quando o pai detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa?”, que contempla uma discussão sobre a diversidade de configurações familiares contemporâneas, os dispositivos geradores desta diversidade, a terminologia utilizada para nomear as famílias pós-divórcio chefiadas por um dos genitores e suas principais características. A Seção III é constituída pelo artigo empírico “Exercício da paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos”. Este artigo apresenta um recorte dos resultados obtidos na pesquisa, focalizando o exercício da paternidade em famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai. Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação, as referências bibliográficas consultadas e os anexos.

## **Seção I**

### **Relatório de Pesquisa**

#### **1 Paternidade em famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai: um estudo de casos.**

## 1.1 Introdução

Historicamente, a paternidade tradicional é modelada pelo patriarcado, modelo no qual o pai é a representação de Deus e autoridade suprema na família. No entanto, durante o século XIX, a divindade paterna e outras características do modelo tradicional começam a ser questionadas, desencadeando um processo de ressignificação do papel do pai (Roudinesco, 2003). Na atualidade, o homem está sendo desafiado a participar, cada vez mais, de tarefas que, tradicionalmente, nunca foram suas (Burdon, 1998; Magalhães, 2007).

As transformações sociais e as modificações do papel feminino têm impacto direto na concepção do masculino (Burdon, 1998; Eggebeen, 2002). De certa forma, na atualidade, homens e mulheres buscam afirmar-se: por um lado, a mulher visa reconhecimento em espaços públicos e, por outro, o homem busca reconhecimento e credibilidade nas atividades intrafamiliares. No entanto, as modificações nos papéis femininos e masculinos evoluíram em ritmos diferentes, gerando, para as mulheres, um acúmulo de tarefas ou a denominada dupla jornada. Muito desse descompasso parece estar ligado ao entendimento cultural do contexto público e privado. Enquanto as mulheres recebem reconhecimento ao conquistarem novos espaços sociais, os homens podem sentir-se questionados em sua masculinidade, quando exercem atividades tradicionalmente femininas (Barsted, 1998; Staudt & Wagner, 2008). A partir desse ponto de vista, possivelmente o espaço público ainda seja mais valorizado do que o espaço privado do lar, considerando o contexto social.

A sociedade contemporânea oferece ao homem o desafio de assumir a masculinidade ligada à afetividade, à emotividade, à sensibilidade e ao prazer. Pensar que é possível ser homem e, ao mesmo tempo, ser terno, acolhedor e capaz de estabelecer laços firmes com seus filhos é também pensar um redimensionamento do masculino. Está, dessa maneira, no pai que cuida a possibilidade de resgatar em si mesmo a potencialidade de amar, acolher e cuidar, conceitos ofuscados, por longo tempo, pelo exercício patriarcal de paternidade, fato que determinou a negação dessa dimensão que é intrínseca ao desenvolvimento humano (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Num estudo realizado por Wagner *et al.* (2005), com 100 famílias de nível socioeconômico médio, no Rio Grande do Sul, sobre o papel do pai e da mãe na família contemporânea, evidenciou-se que, durante a semana, 12% das mães ficam com os filhos nos três turnos; 52%, em dois turnos; e 27% convivem com aqueles somente no turno da noite. Em

relação aos pais, 60,2% convivem com seus filhos somente no turno da noite e 22,4% passam a tarde e a noite junto deles. Durante o final de semana, os pais passam, em média, 25,5 horas com os filhos, e as mães, 34,4 horas com esses (Wagner *et al.*, 2005). A partir desse mesmo estudo, percebeu-se que a maioria das mulheres trabalha fora e, mesmo assim, a mãe ainda passa mais tempo com seus filhos do que o pai, evidenciando o descompasso na evolução entre a função materna e a paterna.

O modelo clássico de masculinidade é convidado, então, a redesenhar-se, de modo que possa atender às demandas do modelo familiar contemporâneo, cujo pai e cuja mãe buscam a igualdade no desempenho dos papéis familiares (Dantas, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004). É importante que, além de o homem romper com os modelos tradicionais de paternidade e masculinidade, a mulher também acompanhe esse movimento de transformação (Burdon, 1998). Em algumas famílias, o pai pode não ser autorizado pela mãe a realizar os cuidados com seus filhos, em função de uma possível falta de confiança nele (Burdon, 1998; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). No entanto, é importante entender que há especificidades que diferenciam os homens das mulheres na maneira de cuidar e criar sua prole (Bustamante & Trad, 2005; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008), o que desafia ambos a romperem com modelos instituídos de paternidade e maternidade.

O bom relacionamento conjugal também facilita a aproximação do pai com os filhos (Levandowski & Piccinini, 2002; Silva & Piccinini, 2007) e propicia o desempenho conjunto dos pais na educação das crianças (Wagner *et al.*, 2005). Nesse sentido, observa-se que as dimensões da conjugalidade e da parentalidade encontram-se associadas (Mosmann, 2007).

Um estudo etnográfico realizado por Bustamante e Trad (2005), no subúrbio ferroviário de Salvador, envolvendo seis famílias com crianças pequenas, sobre a participação paterna nos cuidados dos filhos em classes populares, revelou que, quando os homens se dispõem a realizar atividades ligadas à higiene e à alimentação da criança, as mulheres interpretam que ele está fora do lugar que lhe é próprio. Afirmam que, ligada à função paterna, estão as atividades referentes ao sustento financeiro e à autoridade, ou seja, muito próximas do modelo tradicional de paternidade. O exercício conjunto da criação do filho pode ser reforçado pela mãe quando ela insere a presença do pai em seu discurso (Silva & Piccinini, 2007; Ramires, 1997), sem vincular aos papéis tradicionais, o que, em alguns contextos, ainda não é claramente observado.

O pai que trabalha em ampla jornada pode encontrar dificuldade para dedicar tempo aos cuidados com o filho e acumular as tarefas domésticas (Burdon, 1998; Gillies, 2009; Silva & Piccinini, 2007; Williams, 2008). Seria conveniente que as normas trabalhistas fossem revisadas e adaptadas ao contexto social contemporâneo, passando a considerar a remodelação do papel masculino na família e em outros âmbitos sociais (Burdon, 1998). Aos patrões, por exemplo, não interessa se o homem está vivendo momentos de preparação à paternidade (Barsted, 1998).

Quando a mulher trabalha também fora de casa, o homem tem maior participação nas atividades domésticas e de criação dos filhos (Burdon, 1998; Silva & Piccinini, 2007). Os pais que não trabalham e contam com sua esposa para a manutenção financeira do lar estabelecem um relacionamento muito próximo com o filho, pois dispõem de tempo para realizar os cuidados básicos, bem como para dedicar-se às atividades domésticas (Silva & Piccinini, 2007).

Sutter e Bucher-Maluschke (2008) mostram, em seus estudos, que proteger e prover o grupo familiar continuam sendo os papéis principais do homem. No entanto, caso se faça necessário, os pais se organizam de forma a inverterem esses papéis, ficando a mulher responsável por prover a família e o pai, por cuidar dos filhos.

Dessa maneira, o homem, carregado pelo modelo tradicional da masculinidade e pelo modelo tradicional de paternidade, busca um novo lugar na família e no meio social (Hennigen & Guareschi, 2002). Percebe-se, então, uma transição entre a paternidade tradicional e um novo modelo de ser pai, sem haver um rompimento entre ambos. O novo modelo emerge dessa situação de mudança, acumulando características tradicionais como, por exemplo, a responsabilidade pela segurança da família, e não tradicionais, como o acompanhamento de tarefas escolares dos filhos (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Um estudo qualitativo sobre o tema, realizado no Rio Grande do Sul, indica que a participação do pai contemporâneo, tanto emocional quanto comportamentalmente, mesmo que com algumas restrições, pode ocorrer desde quando o filho está sendo gestado, fato que já demonstra uma possível modificação na paternidade (Piccinini *et al.*, 2004; Levandowski & Piccinini, 2002). Após o nascimento, nos três primeiros meses de vida da criança, os 20 pais participantes do estudo (9 adolescentes e 11 adultos) conseguiam reconhecer os sinais e responder ao filho coerentemente, demonstrando sincronia na relação (Levandowski & Piccinini, 2002).

Alguns pais contemporâneos procuram distanciar-se do modelo tradicional de pais que tiveram, entendendo que a proposta atual não admite todos os aspectos inerentes ao modelo tradicional de paternidade. O que se propõe é um pai próximo da família e afetivo nas relações (Williams, 2008; Gomes & Rezende, 2004), um pai capaz de sentir, dialogar e tolerar, e de romper, assim, com aspectos culturais modeladores do papel masculino tradicional (Gomes & Rezende, 2004).

Ao exercer a paternidade diferentemente da tradicional, os pais descrevem-se mais lúdicos, práticos e com maior capacidade de tolerar a frustração do filho. São mais ativos, intensos, companheiros e se envolvem emocionalmente com a paternidade, cuja qualidade está diretamente ligada à habilidade e à responsabilidade que o pai tem em nutrir, cuidar, doar-se e disponibilizar-se (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Exercer a paternidade, nesse sentido, é um ato desejado pelo pai (Barsted, 1998).

Os questionamentos atuais sobre o exercício da paternidade se evidenciam a partir da vivência de pais que se mostram dispostos a desconstruir o modelo culturalmente instituído de paternidade (marcado pelo autoritarismo, pelo distanciamento, pela inflexibilidade e pelo poder) e de masculinidade (marcado pelo afastamento do afeto, da sensibilidade e dos sentimentos), apontando para uma possibilidade de mudança. Assumir um lugar próximo dos filhos é um desafio para o homem que, além de romper com paradigmas tradicionais, precisa assumir a responsabilidade de ser exemplo para os que ainda não percebem essa mudança. No entanto, essa transformação vai complementar e ampliar o exercício da paternidade e, de forma alguma, deve ser entendida como eliminatória. O pai que se propõe a assumir o novo modelo de paternidade não precisará deixar de prover, trabalhar ou de ser o responsável pela família, muito menos se tornará “menos homem”, mas ressignificará as funções tradicionalmente suas e agregará novas responsabilidades. Dessa maneira, ser pai, nos diferentes arranjos familiares, é um desafio que acompanha as modificações no modelo de paternidade.

Para o propósito deste estudo, são estudados pais e filhos de famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos, com o objetivo de compreender como ocorre o exercício da paternidade nesses núcleos. Uma revisão mais aprofundada da literatura sobre o exercício da paternidade nessa configuração familiar é apresentada na Seção II – Artigo Teórico e na Seção III – Artigo Empírico desta dissertação.

## **1.2 Problema de pesquisa**

A família vem passando por modificações propostas ou impostas pela sociedade contemporânea, incluindo, em seu conceito, não mais exclusivamente a configuração de família intacta. Diversos arranjos familiares compõem o cenário da contemporaneidade. O advento do divórcio vem contribuindo de forma crescente para a ampliação das configurações familiares nas últimas décadas. Culturalmente, a mãe tem a preferência por ficar com a guarda dos filhos após o divórcio, o que posiciona as famílias pós-divórcio chefiadas pela mulher em índice consideravelmente mais elevado do que as chefiadas pelo homem. Essa realidade, todavia, vem sendo modificada à medida que se observam cada vez mais pais buscando judicialmente a guarda dos filhos (Eggebeen, Snyder & Manning, 1996; Garasky & Meyer, 1996; Souza, 2008).

Diversos aspectos da atualidade questionam o homem sobre a paternidade e o modelo de masculinidade a ser assumido. Todavia, percebem-se algumas modificações no modelo de paternidade e masculinidade, situando o homem distante da inflexibilidade, do autoritarismo, do poder absoluto, da insensibilidade, características típicas do papel tradicional que assumia na família. Tais mudanças têm propiciado a constituição de pais mais próximos dos filhos. Estudar como se configura a paternidade nas famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda dos filhos é um assunto que instiga curiosidade e a busca de conhecimento, considerando que ainda é escassa a produção científica sobre este tema.

Partindo desse pressuposto, pergunta-se:

Como se dá o exercício da paternidade, na perspectiva do pai e do filho, em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos?

## **1.3 Questões norteadoras**

1. Como o pai descreve os modelos de paternidade vivenciados em sua infância e a participação da família de origem no cotidiano de sua família atual?

2. Quais as percepções e reflexões que faz sobre o processo de construção de seu papel de pai (expectativas, sentimentos, vivências e concepção do significado da paternidade) e como desempenha a paternidade no dia a dia da família?

3. Como a criança percebe, descreve e avalia sua relação com seu pai (expectativas, sentimentos e concepção do significado da paternidade), sua rotina diária (atividades escolares, diversão etc.) e seu vínculo com outros membros da família?

#### **1.4 Método**

O método adotado neste estudo é de caráter qualitativo e segue o delineamento de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005). Creswell (2007) explica que, na pesquisa qualitativa, os pesquisadores buscam envolver os participantes, com o objetivo de compreender os fenômenos de forma holística. Nesse tipo de pesquisa, a função do pesquisador é indissociável da função pessoa. Flick (2004) complementa essas anotações com a ideia de que a pesquisa qualitativa é dirigida para o estudo de casos empíricos, já que evidencia com minúcia as características peculiares, temporais e locais, advindas do discurso construído a partir do cotidiano articulado à regionalidade e à cultura dos participantes.

O delineamento de estudo de caso possibilita que o objeto seja estudado profunda e criteriosamente, observando minuciosamente cada detalhe de interesse. Tal metodologia de estudo oportuniza a investigação dos objetos que ainda não estão claramente delimitados e que emergem do cotidiano, ao possibilitar a descrição e a valorização do contexto, conservando os aspectos holísticos, priorizando a constituição unitária e resultando na compreensão de fenômenos sociais complexos (Gil, 2008, Yin, 2005).

##### *1.4.1 Participantes*

Participaram desta pesquisa três pais e um de seus filhos biológicos, com idade entre 6 e 13 anos. Foram selecionados pais que já haviam vivenciado um processo de separação conjugal, que estavam com a guarda unilateral dos filhos e que ainda não haviam firmado uma nova união com coabitação. Além disso, eles estavam, na ocasião da coleta, com a guarda dos filhos por um tempo mínimo de seis meses.

##### *1.4.2 Instrumentos*

- Ficha de Dados Sociodemográficos: para coletar dados sociodemográficos dos pais e de seus filhos, tais como sexo, idade, escolaridade, ocupação, cidade e bairro onde residem, entre outras informações similares;

- Entrevistas semiestruturadas, sobre a paternidade, com o pai: para investigar aspectos da história de vida do participante, relacionamento com o pai na família de origem, aspectos subjetivos do exercício da paternidade (expectativas, sentimentos, relação pai-filho etc.), rotina familiar (tais como realização das tarefas domésticas, tempo de convivência com o filho, entre outras) e participação de outros familiares nas atividades domésticas e de criação dos filhos.

- Teste de Apercepção Temática (TAT) com o pai: para avaliar, de forma prioritária, as relações e as atitudes com a figura paterna/figura de autoridade. A aplicação do TAT consiste na apresentação de 20 gravuras, especificamente ordenadas, desenhadas em papel A4, que servem de dispositivo para a criação de histórias. O TAT foi aplicado com os pais, em duas sessões de, aproximadamente, 50 minutos.

- Entrevistas semiestruturadas, com o filho, sobre a paternidade: para conhecer a história de vida da criança, os sentimentos e sua percepção sobre o relacionamento com o pai, com outros membros da família e descrever sua rotina familiar.

- Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT-A ou H) com o filho: para identificar as representações da criança com relação às figuras ao seu redor, especialmente, à figura paterna e para avaliar a qualidade das relações objetivas. A aplicação do CAT-A ou H se resume em apresentar dez gravuras de animais (A) ou pessoas (H), especificamente ordenadas, desenhadas em papel A4, a fim de suscitar a elaboração de histórias. O CAT foi aplicado em uma sessão de, aproximadamente, 50 minutos, com cada criança, sendo escolhida a versão A ou H pelo critério etário.

### *1.4.3 Procedimentos*

Os participantes foram selecionados, com base nos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, por conveniência, por meio da indicação de conhecidos. Foi realizado um contato telefônico com os participantes, a fim de explicar brevemente as características e os objetivos da pesquisa e, com o consentimento verbal, foi agendada a primeira entrevista na residência destes. Nessa primeira entrevista, com a presença do pai, unicamente, foram explicadas detalhadamente as características, os objetivos, os procedimentos e o envolvimento dos participantes com a investigação a ser feita. Em seguida, foi realizada a leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado em duas vias, permanecendo uma em posse do participante. Também foi explicada ao pai a participação do filho, seguindo o pedido de autorização para essa.

Estabeleceu-se uma combinação verbal para que o pai, posteriormente, explicasse ao filho alguns detalhes sobre a pesquisa e, assim, buscasse o consentimento verbal da criança, de forma a possibilitar a interrupção das entrevistas, caso a criança não quisesse participar. Com o consentimento, foi feito o preenchimento da Ficha de Dados Sociodemográficos e foi iniciada a entrevista semiestruturada com o pai, individualmente. Para completar o roteiro da entrevista, com dois pais, foram necessários dois encontros, enquanto que, com um deles, a entrevista foi concluída em apenas um encontro. No que concerne aos filhos, foi realizada uma entrevista. Nesta, inicialmente, a pesquisa foi explicitada, brevemente, e foi solicitado o consentimento verbal da criança para efetivar a atividade investigativa. Cada encontro teve uma duração entre 1h e 1h e 30min. Também foi aplicado o TAT para os pais, em dois encontros de, aproximadamente, 50 min, e o CAT-A ou CAT-H, conforme a idade, para as crianças, em um encontro de, aproximadamente, 50 min. Todos os encontros foram gravados em áudio e transcritos posteriormente.

#### *1.4.4 Análise dos dados*

Os resultados foram analisados, mediante a técnica específica de síntese de casos cruzados, proposta por Yin (2008). Primeiramente, realizou-se uma análise vertical. Nessa, os casos foram relatados separadamente e avaliados em profundidade, integrando os dados dos instrumentos utilizados. Como segundo passo, os casos foram analisados horizontalmente, buscando retratar os aspectos comuns e diferenciais existentes entre os casos descritos. Nos procedimentos finais, os resultados foram integrados e relacionados conceitualmente com as características dos relacionamentos nas famílias pós-divórcio chefiadas por um dos genitores, já descritas na literatura.

#### *1.4.5 Procedimentos éticos*

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e aprovado sob o parecer número 10/030, conforme anexo colocado ao final desta dissertação. Somente após a aprovação foi iniciada a coleta de dados e dos demais procedimentos ligados à pesquisa.

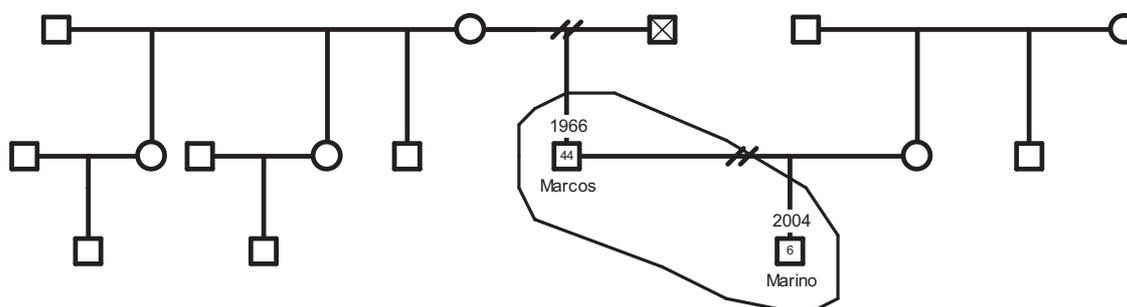
A fim de garantir os quesitos éticos, foi fornecido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que tomassem ciência e fizessem

concordância quanto a sua participação e a de seu filho na pesquisa. Além disso, foi realizado, no primeiro encontro com os participantes, o esclarecimento sobre os procedimentos necessários à pesquisa, sobre o sigilo de informações que identifiquem os participantes, sobre a possibilidade de desistirem de participar dessa, em qualquer instante, e sobre a necessidade de esclarecerem suas dúvidas, a qualquer momento, no decorrer da coleta de dados. Em um dos casos, percebeu-se a necessidade de um acompanhamento psicológico, mas se constatou que a criança já se encontrava em atendimento, o que tornou dispensável o encaminhamento.

## 1.5 Resultados

### 1.5.1 Caso 1

#### 1.5.1.1 Genograma para apresentação dos membros da família



#### 1.5.1.2 Do nascimento ao casamento

Desde bebê, Marcos morava com a mãe e com o padrasto. Seus pais se separaram pouco tempo após seu nascimento, por motivo de infidelidade do pai. O pai de Marcos não aceitou a separação e, portanto, não assinou os documentos do divórcio, mesmo com a insistência da mãe de Marcos.

Junto à separação, ocorreu o distanciamento entre pai e filho, o que, por consequência, culminou com o rompimento do vínculo parental entre ambos. Poucas vezes, o pai procurou Marcos. A primeira vez aconteceu quando tinha sete anos de idade e outras raras vezes, posteriormente. Quando criança e, mesmo depois, na adolescência, Marcos refere que sentia raiva de seu pai e não queria vê-lo:

*Meu pai tirava de nós dentro de casa, quando eu era nenê, para dar para os outros. Deixava eu e minha mãe, fazia minha mãe fazer comida, para os outros e ela não comia, não deixava ela comer. Ele era assim, tragueado, sabe.*

O sentimento foi mudando com o passar do tempo e, anos antes do falecimento do pai, Marcos passou a visitá-lo. Em seus últimos momentos de vida, no hospital, Marcos cuidou do pai.

A mãe de Marcos uniu-se conjugalmente pela segunda vez quando o menino estava com quatro anos de idade e foi o padrasto que assumiu as responsabilidades paternas de cuidados básicos, criação e educação. A esse, Marcos passou a chamar de pai.

*Eu chamo ele [o padrasto] de pai, e ele é meu pai. É meu primeiro pai, né?*

Nos primeiros anos da adolescência, Marcos já não gostava de acompanhar os pais nos passeios à vizinhança. Enquanto a mãe o forçava a acompanhá-los, o padrasto incentivava-o à autonomia, sugerindo que a mãe permitisse ao filho ficar sozinho em casa, porque considerava que já tinha idade para isso. Marcos aprendeu, com o padrasto, noções de mecânica, pois o menino cresceu vendo-o trabalhar em sua oficina de automóveis. O vínculo entre os dois era próximo, de forma que Marcos tinha-o como um exemplo a ser seguido, ao contrário do pai, com o qual os encontros foram raros.

No dia a dia, quando Marcos fazia suas travessuras, não era o padrasto quem aplicava as punições, ele apenas relatava as atitudes do menino para a mãe, de quem efetivamente recebia as sanções. Algumas vezes, recebeu a punição do padrasto, mas apenas quando esta estava ligada ao trabalho na oficina. Relata:

*Fazia estripulia, sabe, ia tomar banho escondido no valão. Às vezes, estava dentro de uma sanga, pelado tomando banho, quando via a mãe lá, a mãe e o pai. A mãe já estava me esperando com a varinha na mão.*

A família de Marcos passou por momentos de dificuldade financeira, mas a mãe e o padrasto nunca deixaram de suprir as necessidades básicas do filho. Diz:

*Mas eu não, eu tinha o meu leite, tinha uma carne para mim, coisa assim, eles não deixavam faltar. É verdade. Eu dou muito valor a isso aí, né?*

Nesse momento de sua vida, queria aproveitar sua fase de adolescente. Passou a auxiliar seu padrasto na oficina e reforçou a paixão por dirigir carros. Marcos gostava muito de dirigir os carros de seu padrasto, mas os pedidos não eram feitos diretamente a este; o menino os fazia intermediado pela mãe. O padrasto tinha um carro que ele mesmo montou e que não permitia a ninguém dirigir, entretanto Marcos recebia a permissão para isso. Atualmente, Marcos reconhece a importância que teve o padrasto no seu desenvolvimento e o descreve da seguinte forma:

*Ah, pessoa boa, honesto, trabalhador, na dele. Ele gosta da coisa certa, [...] olha cara, pessoa assim que nem ele é difícil.*

Mais tarde, Marcos buscou um emprego para trabalhar fora de casa e, já entrando para a vida adulta, conheceu sua, na época, futura esposa, com quem, sem muita espera, passou a conviver conjugalmente.

#### *1.5.1.3 Do casamento à separação.*

Marcos e sua esposa se conheceram e não demoraram em tomar a decisão de morarem juntos. Por serem vizinhos, semanas após se conhecerem, passaram a dividir o mesmo teto. Durante o casamento, conviviam proximamente com a sogra de Marcos, que, segundo ele, interferia consideravelmente na relação conjugal. Outra questão que Marcos considerava atrapalhar o relacionamento era o ciúme de sua esposa. Relatou que ela o controlava inclusive no local de trabalho.

Antes do nascimento do filho, o casal não priorizava a organização financeira. Em relação à alimentação, não estavam preocupados em consumir alimentos saudáveis. Diversos aspectos como esses propiciavam uma rotina não estruturada suficientemente adequada para receber uma criança, como se revela no seguinte recorte:

*Não tínhamos uma estrutura. Era eu e ela. Então, a gente se virava da maneira que dava. Nós não sabíamos muita coisa, assim, eu principalmente, recebia e não sabia o que fazer com o dinheiro, me determinar. Então, a gente ia ao mercado, comprava um quilo de arroz e gastava R\$ 200,00 – R\$ 300,00 reais, tudo em besteira, chocolate, essas besteirinhas, bolachinha, refrigerante.*

Não demorou para acontecer a gravidez, fato não planejado pelo casal. Nas palavras de Marcos, “*não foi uma decisão, veio, e eu aceitei. Eu quis desde o começo*”. Embora inesperado,

o filho Marino foi bem aceito pelos pais e, a partir do nascimento, “*mudou muita coisa, principalmente no modo de pensar*”. Marcos participou muito proximamente da gestação, acariciando o bebê ainda na barriga e acompanhando a esposa nos procedimentos de pré-natal e nas demais necessidades, buscando garantir a saúde da mãe e do bebê:

*Acompanhei ela em todos os exames, o pré-natal; toda a vez que ela ia, eu ia junto. Sempre, médico, onde ela fosse, eu acompanhava, cuidando, isso e aquilo, quando precisava.*

Por circunstâncias de trabalho, Marcos não pôde acompanhar o nascimento do filho, como desejava. Quando ele recebeu o aviso, o filho já havia nascido. Imediatamente solicitou dispensa de seu posto de trabalho e foi rapidamente ao hospital conhecê-lo. Narra:

*Só no dia que ela ganhou que eu não estava presente, que eu estava trabalhando. Daí a minha mãe me ligou e disse: João, tu acaba de ser pai. Porque a gente imaginava, não para aquele dia. Eu imaginava mais para frente.*

Com a presença do filho, foi necessário “*tomar consciência de que não era só nós. Tinha mais alguém*”. O casal começou a se organizar como uma família, considerando que uma criança precisa de determinados alimentos, de refeições saudáveis e de cuidados especiais. Assim, passaram a se estruturar financeiramente, na rotina diária, e a desenvolver um pensamento com base na responsabilidade, no planejamento e na dedicação. Marcos também procurou se estabelecer financeiramente, com o objetivo de um vínculo empregatício estável, considerando que precisava garantir o sustento da família. Indica:

*Quando ele veio, aí foi a hora de determinar as coisas. Aí já é leite, fralda, tem tudo. Daí tem que se programar para não gastar mais do que deve, sempre ter uma reservinha para qualquer emergência [...] O meu jeito, o jeito dela comigo. Que, às vezes, quando era só eu e ela, a gente discutia, tinha aquelas discussões, que todo o casal tem, né? Só que daí, quando ela ganhou, eu comecei a ficar mais brando, não queria discussão, por causa dele mesmo. Depois, vendo ele se desenvolver, crescer fui mudando também, minha cabeça, vendo que a pessoa tem que acompanhar o desenvolvimento e, procurar se fixar em algum lugar, um emprego para garantir o sustento, porque, até então eu não dava muita bola para isso aí de emprego, sabia que saia de um, conseguia em outro.*

Marcos relatou que dois momentos importantes propiciaram mudanças em seu comportamento: o casamento e a paternidade. Diz isso em:

*Quando se é solteiro, tu vê o mundo de um modo. Aí tu te junta ou casa, tu vê completamente de outro ângulo e depois, quando nasce uma criança então, daí tem que abrir toda a visão da pessoa para poder ver, porque é um inocente que está ali, dependente de ti.*

Marcos participava ativamente da vida de seu filho, brincando, auxiliando nos cuidados com a higiene, alimentação, saúde, educação, sendo, na maior parte do tempo, o provedor financeiro da família, o que se observa em:

*Não tenho vergonha de dizer, sabe, quem cuidava dele, trocava fralda, fazia mamadeira e coisa, mesmo trabalhando, à noite, chegando do serviço, era eu. Primeiro plano, sempre o Marino, né. Estava doente, quem corria com ele era eu.*

Em relação à paternidade, Marcos refere que assumiu um compromisso com seu filho e buscou zelar por ele, provendo os cuidados necessários, procurando dar ao filho o mesmo que recebeu de sua família de origem quando criança. Depois do compromisso assumido, relatou que nunca deixou de exercer sua função. Acompanhava o filho proximamente, ao mesmo tempo em que aprendia com ele sobre a prática da paternidade:

*Ele era bem pequenininho, eu peguei a mão dele e disse: o pai nunca vai te deixar, nunca vai largar tua mão para nada. O pai vai estar contigo nas horas boas e nas horas ruins.*

Mesmo casado, Marcos recebia apoio da família de origem nas questões financeiras e na preservação da integridade do bebê. Embora Marcos tomasse o cuidado de preservar o filho das discussões entre o casal, muitas vezes o menino presenciou momentos de agressividade familiar, que culminaram com a decisão pela separação.

#### *1.5.1.4 Da separação à paternidade pós-divórcio*

Com o aprendizado da conjugalidade e da paternidade na bagagem, a família de Marcos entrou numa nova fase: a separação. Segundo Marcos, foram três rupturas durante o relacionamento, algumas, segundo ele, em função das interferências da sogra na vida familiar. A conjugalidade foi turbulenta, com separações e reconciliações, mas a quarta ruptura foi definitiva. O ciúme da esposa, acompanhado de um ato de violência familiar, pôs fim ao casamento. Ocorreu que a esposa jogou uma xícara de água quente em Marcos e este, por sua vez, bateu na face daquela. O ato de violência foi registrado na Polícia Civil, que, mesmo observando a lei

Maria da Penha<sup>1</sup>, não determinou a prisão de Marcos; ele acompanhou a esposa para os procedimentos de exame de corpo de delito.

Na época da separação, Marino tinha cerca de três anos de idade. Nos anos subsequentes à separação, ele ficou sob a guarda unilateral da mãe; Marcos o visitava regularmente. Passava finais de semana alternados com ele, pagava pensão e auxiliava na alimentação, na saúde e nas vestimentas do menino. Diversas vezes, em compromissos aos quais a mãe não podia ir acompanhada de Marino, ele ficava sob responsabilidade de Marcos, considerando que este podia contar com sua mãe, avó paterna de Marino, para os cuidados com o filho, enquanto estivesse em horários de trabalho. Observa-se o comprometimento do pai a partir do seguinte recorte:

*Eu nunca saí dessa função de ser pai, mesmo separado. Existe ex-mulher e ex-marido, ex-filho não existe. Sempre falei isso: ex-filho não existe, filho é pra sempre.*

Marcos afirmou que Marino, enquanto estava sob a guarda da mãe, era maltratado. Uma denúncia de maus tratos e abuso sexual, efetuada pela avó materna de Marino, fez com que Marcos iniciasse judicialmente um processo de alteração da guarda do filho. Enquanto o processo se desenrolava, o Conselho Tutelar passou a guarda para a avó materna, ponderando que o pai já tinha uma ocorrência de violência doméstica registrada contra sua ex-esposa. No final do processo, foi definido que a guarda provisória ficaria com Marcos que foi imediatamente buscar seu filho. A partir desse momento, pai e filho passaram a residir juntos, constituindo uma família pós-divórcio chefiada pelo pai.

#### *1.5.1.5 Paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai*

Marino foi morar com seu pai já com seis anos de idade e, segundo o pai, não apresentou muitas dificuldades de adaptação. Marcos comentou sobre o baixo peso e a apatia do filho. Entretanto, com seis meses de guarda paterna, segundo o pai, Marino já havia aumentado de 19kg para 26kg, inclusive já apresentava melhoras significativas nas condições de saúde. Atualmente, o pai relata que toma muito cuidado com a alimentação de Marino, chegando, por vezes, a ser excessivamente zeloso. Em relação à saúde, diz impedir o filho de se expor ao frio, mantendo-o dentro de casa e agasalhando-o adequadamente, quando necessário:

---

<sup>1</sup> Lei Maria da Penha refere-se à Lei Federal n. 11.340, de 7 de agosto de 2006.

*Mais que uma gripezinha, não deu, sabe. Eu cuido. É, estar dentro de casa, tomou um banhozinho alguma coisa, às vezes está frio, boto dois parzinhos de meia, duas calças, prefiro que reine, que ele fique deitadinho na cama, olhando televisãozinha, pelo menos não está se resfriando, não está pegando frio, está sendo cuidado.*

Em relação à alimentação, Marcos conta que prepara a mamadeira, a maior parte das refeições e o lanche para a escola. Além disso, Marcos afirma zelar pela higiene do filho, bem como pela limpeza do lar e das roupas. Quanto à educação de Marino, Marcos refere que procura conversar com ele, costuma explicar calmamente o necessário, e está habituado a responder às dúvidas e aos questionamentos, valorizando a construção de um vínculo seguro entre os dois. No dia a dia da convivência, Marcos costuma fazer negociações com o filho, como, por exemplo, a solicitação de que o menino deve apresentar um bom comportamento na escola para ganhar um brinquedo. Marcos relatou a vivência escolar do filho: faz reivindicações quando não concorda com possíveis decisões que são tomadas na escola, conhece as professoras, sabe das atividades que são propostas para Marino, auxilia nas tarefas escolares, participa dos eventos realizados pela escola e recebe o boletim.

O pai relatou na entrevista que mantém o quarto de Marino, com seus brinquedos, material escolar e roupas, sempre bem organizado. Mesmo assim, revelou que Marino não consegue dormir sozinho por ter medo de escuro, por isso dorme com o pai. Os dois convivem proximamente, criando momentos de brincadeiras, jogos, passeios em pracinhas, no *shopping center* e fazem visitas aos primos. Marcos se preocupa em preencher a vida de Marino e nunca deixar que lhe falte nada. O que adquire para seu próprio bem-estar não deixa de estender ao seu filho, reafirma. Por exemplo, Marcos instalou em seu quarto TV a cabo e fez questão de instalá-la no quarto do filho, que além da TV, tem um videogame.

Em relação às condições financeiras, Marcos atende as necessidades da casa: alimentação, vestimentas e saúde. Não considera que seja difícil ou fácil; para ele, a situação financeira é boa, pois consegue fazer tudo o que é necessário com o dinheiro que recebe, tendo, segundo ele, até mais do que o necessário, como a TV a cabo, por exemplo. Também não considera que seja difícil atender a vontade do filho de possuir um determinado brinquedo, já que, quando Marino pede algo e o que solicita está dentro das condições financeiras reais, o pai compra.

Desde que a guarda do filho está com Marcos, este pai pondera que as visitas da mãe não estão sendo dificultadas. Marcos insiste com sua ex-esposa para que visite o filho e que o acompanhe na escola. Segundo esse pai, a mãe de Marino o visita pouco, não o acompanha nas

atividades escolares e admite que o filho está em boas mãos. Marcos ainda não permite que o filho vá pernoitar na casa da mãe, em função dos maus tratos a que foi submetido quando estava com ela.

Atualmente, Marino está com seis anos, frequenta a escola, faz psicoterapia, gosta de passear na casa da avó e das tias paternas. Marcos tem 44 anos de idade, não convive com uma segunda esposa, não tem namorada, tem vínculo empregatício, mas está em período de licença saúde e, por isso, não está trabalhando. Dedicar-se às atividades pessoais, domésticas e, especialmente, ao filho.

Ao solicitar a Marcos para pensar sobre a construção de sua paternidade e o que pensa sobre o fato de ser pai, ele responde:

*Muito bom. É ótimo, eu não imaginava que era tão bom. Eu pensava que uma mãe, se bem que é a maioria, é a mãe que demonstra muito amor pelos filhos, né? Mas ser pai também é. Olha, tem que ter amor pelo filho e o filho pelo pai. [...] Porque eu vejo os meus cunhados também como é que são com os filhos, né, que dão carinho, amor. Eu pensava sempre para mim assim ó: será que um dia eu vou ser assim, vou ser um pai meio coruja assim? Mas olha, e sou até mais do que eles ainda, porque é muito bom ser pai. Eu posso dizer de bandeja, é ótimo. Não tem o que dizer: é bom.*

#### 1.5.1.6 Concepções das figuras parentais identificadas por meio do TAT

Das diversas histórias que Marcos elaborou, motivado pelas figuras do TAT, como o objetivo não era uma avaliação de personalidade, buscou-se identificar, especialmente, como a figura paterna se encontra representada no teste. Inicialmente, surge a representação de uma figura repressiva, como pode ser observado no relato motivado pela gravura 1:

*Calculo eu que alguém o está obrigando a aprender, então ele não quer decepcionar. Ou ele foi pressionado, de alguma forma ou ele por si mesmo quer mostrar para alguém que ele consegue. E daí ele está preocupado em aprender. Eu acho que talvez os pais querem que ele seja músico [...] ou até um professor que foi contratado para ensinar ele, está pressionando. Pode ser o pai ou mãe dele ou alguém que tem o sonho que ele siga essa carreira de músico e aí querem que ele vá a todo o custo.*

Posteriormente, emerge a noção de inadequação da postura repressiva, e Marcos vai dando outro sentido à experiência, buscando reparar essa primeira manifestação:

*Se conseguir, ele conseguiu; se não conseguir, pelo menos tentou, né? [...] Não digo assim, alguma coisa de ruim, mas também não vou te dizer assim, que quando a coisa é*

*pressionada é bom. Também, muita coisa não se extrai, né? Porque não adianta, muitas vezes, a gente diz assim: quero que o meu filho estude para ser médico, ser psicólogo, ser advogado, ser isso, ser aquilo [...] E aí, ele vai agir por ele, ele que vai escolher o que quer ser na vida, né, porque não vai ser eu que vou. Conselho se dá, mas tu não pode pegar a pessoa e ó: tu vai por aqui e tu tem que ir por aqui.*

Em outras histórias, são referidos problemas na relação pai-filho, para os quais a solução vem da interferência da figura materna. Nesse sentido, Marcos parece reportar a sua experiência como filho, quando a mãe era quem amenizava os conflitos:

*Pode ser o marido dela com uma filha, alguma coisa, dando conselho. E o filho, às vezes, não aceita e sai aquele bate-boca entre pai e filho. E ela veio ver a situação, como é que estava, que mãe sempre tenta. Eu sei, mãe sempre tenta apaziguar as coisas. [...] coisa que aconteceu de errado. Ou um filho ali, fez alguma coisa errada e o pai foi corrigir, ou o pai foi dar um conselho: olha, é assim que funciona, é assim que anda a carruagem. A pessoa não aceitou. Daí gerou tipo um bate-boca e aí a pessoa (mulher que abriu a porta, seria a mãe) veio ver.*

Marcos associa a representação explicitada na história ao que vivencia concretamente e parece concluir que o conceito de família está ligado a contradições, desavenças e reconciliações, ao amor e ódio, prevalecendo, ao final, o lado positivo:

*Eu vou dizer baseado no que já aconteceu até comigo. Acaba tudo numa boa, porque família é bate-boca, daqui a pouco, estão todos se abraçando e se lambendo. Termina numa boa. Todo mundo entra num consenso, deu. [...] alguma coisa que o pai diz, a gente pode até não aceitar na hora, pode bater uma boca ali e dizer: não. Mas um dia acontece e a pessoa pensa: não, me falaram e é verdade.*

Motivado por outra gravura, surge uma representação clara da conflitiva edípica. Marcos cria uma história na qual o filho dá a notícia, para a mãe, da morte do “*marido dela*”:

*Calculo eu que foi a perda do marido dela ou alguma coisa assim, sabe? Ele veio transmitir a notícia para a mãe e está meio desolado.*

Possivelmente tomado pela culpa, Marcos opta por criar uma nova história para a mesma gravura, na qual imagina o filho partindo de casa, a fim de construir a própria vida.

*Bom, vou criar uma história aqui, eu acho que de repente, ele arrumou algum emprego, alguma coisa em outra cidade, né? Falou para ela que iria embora e ela por sua vez*

*como mãe, não gosta. É que nem, vamos supor assim: que nem uma galinha, quer todos os pintinhos em baixo das asas, não quer nunca se desfazer e aí ela se sentiu mal assim, se sentiu na situação de abandono do filho, como se o filho tivesse deixando ela de lado, né? Ela não entende que um dia todo mundo tem o seu caminho, né? Eu calculo que seja isso.*

Observou-se, também, que, em várias histórias, emergem intenções de cuidado e dedicação na relação pai-filho. O pai parece ser percebido como referência, a quem é possível recorrer quando o filho está necessitando de auxílio. Assim, relata:

*No caso do pai ali com o filho, eu diria assim que o pai estaria zelando pelo filho ali, né? Dando algum conselho, falando alguma coisa, olhando pelo filho, presente junto com o filho.*

*Eu acho que o filho foi pedir ajuda ao pai, né? E o pai, como um bom pai, foi aconselhar em alguma coisa.*

*Seria o rapaz pensando no pai, assim como, vamos supor assim, como era o pai dele antes. Ele, longe do pai, pensando no pai dele, num momento de dificuldade. Geralmente, quando se está longe, se pensa, em pai e mãe. É o que eu penso.*

Marcos também conta histórias nas quais pai e filho estão distantes fisicamente, mas próximos em pensamentos. Distantes um do outro, pai e filho pensam em como seria se estivessem próximos:

*Tanto o pai pensando no filho: ah, meu filho longe de mim e eu estou zelando por ele. E o rapaz, também, a mesma coisa: meu pai está distante, ah se meu pai estivesse aqui agora presente, isso e aquilo, tudo assim, é a ausência.*

*Não, eu acho que acaba superando, se é do rapaz pensando no pai dele ou o pai dele pensando nele, os dois vão acabar se encontrando, é o que eu penso, que acaba assim, os dois se encontrando e tudo numa boa, né? Que eu sempre penso, que tudo acaba numa boa, acaba em pizza.*

É possível perceber, pelas histórias criadas por Marcos, que são trazidos fragmentos de sua vivência com o seu pai biológico. Distantes um do outro, parece imaginar como seria se o pai não tivesse se distanciando. Há também uma busca de superação dessa distância, o que, na realidade, é vivenciado por Marcos e seu pai semanas antes do falecimento deste.

### *1.5.1.7 Paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai: o olhar do filho*

A entrevista com Marino foi realizada em seu quarto, onde mantém seus brinquedos organizados. Segundo ele, para manter tudo no lugar, após brincar, costuma reorganizá-los. Em função da idade de Marino, seis anos, a entrevista semiestruturada foi realizada de maneira adaptada ao seu contexto, por isso o seu quarto foi escolhido como local em que o pesquisador jogou e brincou com o menino, ao mesmo tempo em que as perguntas eram feitas.

Durante a entrevista, Marino lembrou-se de uma brincadeira que realizava na casa onde morava anteriormente, quando residia com seu pai e sua mãe. Também comentou que morava, durante certo período, com sua mãe:

*Quando eu morava na outra casa eu fazia uma banda com esses aqui. [...] Eu morava num apartamento com meu pai e minha mãe. Mas na outra [casa] de madeira, eu morava com minha mãe.*

Enquanto conversamos sobre essas mudanças, Marino me mostrou um brinquedo que se transformava em outro e disse que estava usando uma camisa do pai do brinquedo. Marino também reconhece que é melhor residir com seu pai *“porque ele compra as coisas para mim, me dá frutas e ele comprou dois cachorros para mim. Estão lá no pátio, um grande e outro pequeno”*.

Marino revelou que gosta de brincar com seu pai. Uma das brincadeiras ocorre antes de dormirem, quando brincam que estão fazendo um acampamento e, com as cobertas e travesseiro, imitam uma barraca: *“A gente faz barraca em baixo da cama com cobertor”*. Marino também joga futebol com seu pai: *“Ele sempre consegue pegar tudo, ele sempre consegue fazer gol”*. Marino também demonstrou gostar de brincar com seus primos: *“A gente brinca com os brinquedos e a gente brinca de corrida de mochilas. A gente tem as mochilas de rodinha e a gente corre”*.

Em relação às responsabilidades com a escola, Marino confirmou que vai e volta da escola acompanhado de seu pai. Além dessa atividade que o pai realiza com o filho, aquele também prepara a mamadeira: *“Às vezes, o meu pai faz gelada e, às vezes, quente”*. Marino também contou que, quando precisa de alguma coisa ou quer um brinquedo, por exemplo, pede para seu pai: *“peço para o meu pai”*. Foi possível perceber, também, que Marino recebe limites de seu pai. Ele afirma: *“O meu pai não deixa entrar lá”*.

Quando Marino morava com sua mãe, esta o deixava sob os cuidados de uma tia. Enquanto estava sob os cuidados dessa tia, Marino afirmou ter ingerido um vegetal venenoso. Ele conta esta história: *“E eu já comi uma fruta venenosa, não morri. Quando eu morava numa casa, a tia que cuidava, bem venenosa aquela planta era. Eu tomei água, por isso que eu não morri”*.

Marino afirmou que não gostava de morar com sua mãe, pois apanhava. Mas agora que está morando com seu pai, não apanha mais. Afirmou, ao responder a pergunta sobre sentir saudades de sua mãe: *“Não”*. E completa:

*Legal, morar com meu pai. Quando eu morava com a minha mãe, era muito ruim por causa que ela me batia. Isso dói, né? Mas e porque o Deus não dá um colete para gente?*

Marino declarou ter medo de dormir sozinho em seu quarto, por isso busca em seu pai o apoio para dormir com segurança: *“Eu só quero que o meu pai dorme comigo”*.

#### 1.5.1.8 Concepções das figuras parentais identificadas por meio do CAT-A

Marino situa a mãe como responsável pelos cuidados de alimentação dos filhos; indica uma relação conturbada, na qual ela oferece o alimento, que é jogado fora pelos filhos, atitude pela qual são punidos pela mãe. Da mesma forma, em outros momentos, aparece a punição materna:

*E a mãe deles está botando mais comida para eles. Daí eles jogaram fora de novo, daí mais, mais, mais e botaram tudo fora. [...] Eles que tem que limpar. Depois que eles limpar eles vão ficar de castigo.*

*E eles foram dormir. Mas não dormiram, ficaram de bagunça. Fizeram guerra de travesseiro. Daí a mãe deles estava dormindo e eles foram pegar sopa e tocavam um no outro, no quarto. Molhou toda a cama deles e a mãe deles deu um castigo, uma semana.*

É o pai que surge para assumir a função materna: *“Daí chegou o pai deles [...] O fim é quando chegou o pai deles. Daí o pai deles virou a mãe deles e esse é o fim”*. A relação conflituosa com a figura materna aparece ainda em outras histórias, como a dos ursos, por exemplo:

*Dormem separados. O urso dorme aqui e esse aqui [filhote] dorme aqui e esse aqui [a mamãe urso], dorme em cima desse [filhote]. Ele vai ficar sem ar! [...] Por que ela não dorme aqui ou fora da fazenda?*

Marino, na história da família canguru, imagina turbulências e desentendimentos entre os cangurus e os touros. A mãe e suas filhas estavam indo à fábrica de cangurus procurar algum emprego. Caso ela conseguisse trabalho, uma das crianças iria para o colégio e a outra ficaria em casa com o pai. Nessa história, o menino demonstra a representação dos papéis familiares: a mãe vai trabalhar, uma filha vai para o colégio e a outra fica em casa com o pai. Isso se infere de:

*Está indo lá na fábrica, na fábrica dos cangurus pedir trabalho lá. E essa aqui vai ficar em casa com o pai dela e essa aqui vai para o colégio.*

Marino coloca, de um lado, a mãe como a figura central de diversas histórias, seja no papel de punição ou de proteção: “É importante: ‘não pode ir lá filho’, a mãe dela falou. ‘Lá é a sala do hospital, é melhor vocês ficarem aqui’”. O pai, por outro, aparece com menor frequência e, quando surge, exerce o papel de cuidador, assumindo, por vezes, a função tradicionalmente definida como materna.

#### *1.5.1.9 Discussão do caso*

É possível constatar que Marcos nasceu e se desenvolveu na companhia de pessoas que se tornaram referência em sua vida: inicialmente, sua mãe e, posteriormente, o padrasto, que passou a assumir um papel importante para seu desenvolvimento. O distanciamento do pai biológico, principalmente após a separação, abriu um espaço para que o padrasto passasse a assumir o papel de pai, tornando-se um modelo de paternidade para Marcos.

Nessa direção de análise, diversos autores afirmam que é possível haver um afastamento do cônjuge que não detém a guarda do filho, chegando a atingir a ruptura do vínculo parental (Brown, 2001; Edin, Tach, & Mincy, 2009; Garbar & Theodore, 2000; Peck & Manocherian, 2001; Souza, 2008). Além disso, o vínculo entre pai e filho, neste caso, caracterizou-se pela fragilidade, pelo distanciamento e pela negatividade (Brito, 2007), o que levou Marcos a desconsiderar a existência de seu pai até o início da vida adulta, quando começou a visitá-lo.

O padrasto, por outro lado, foi modelo de identificação com a figura de autoridade, no ambiente da oficina. Essa autoridade foi exercida de forma afetiva, visto que demonstrava

confiança e valorizava a autonomia. No entanto, ao mesmo tempo em que Marcos afirmou o quanto seu padrasto é um exemplo para si, demonstrou certo distanciamento, quando relatou que precisava da mãe para intermediar a comunicação entre os dois, ressaltando traços tradicionais de paternidade.

As representações veiculadas no TAT aproximam Marcos de uma imagem de pai que está próximo dos filhos e da família, que auxilia e protege. Essa imagem é, provavelmente, advinda do modelo de pai representado pelo padrasto. Na história cujos personagens, o pai e o filho, distantes entre si, estão pensando um no outro, o fato pode ser comparado com o distanciamento existente entre Marcos e seu pai. O filho pensando no pai parece revelar um sentimento de aproximação, por muito tempo negado. O reencontro de Marcos, já adulto, com seu pai, ocorreu no hospital, semanas antes do falecimento deste, pois coube ao filho Marcos a responsabilidade de cuidar do pai. Foi nesse momento que pôde falar brevemente de seus sentimentos ao pai, demonstrar compreensão e convidá-lo para morar em sua casa, caso melhorasse sua saúde, para que pudesse receber os cuidados de que necessitava.

Outro aspecto a se ressaltar, a partir do TAT, neste caso, é uma ideia inicial de um pai que, por meio do poder e do autoritarismo, decide pela vida do filho, contraditoriamente à imagem que Marcos construiu de pai e à maneira como procura exercer a paternidade. Então, apresenta a possibilidade de existência de um pai que não toma as decisões pelo filho e que acredita na boa educação desse filho como preparação para a vida adulta, quando terá que tomar as decisões de maneira autônoma. Essa representação, possivelmente, está ligada ao padrasto, e é explicitada por Marcos, quando alega o incentivo do padrasto para que descobrisse e buscasse um trabalho que goste de realizar.

A possibilidade de Marcos ser pai promoveu diversas mudanças em sua vida, inclusive no seu modo de pensar. Assumiu a paternidade já na gestação do bebê, demonstrando seu estilo participativo e próximo da família, ao desempenhar seu papel. Piccinini *et al.* (2004) pesquisaram a participação do pai na gestação do filho e consideram que esse movimento propicia a transformação do modelo de paternidade. Quando o pai participa ativamente nos cuidados com o bebê, em seus primeiros três anos de vida, é possível que haja uma comunicação entre ambos que assegure maior reciprocidade (Levandowski & Piccinini, 2002).

Possivelmente, Marcos desejou ser pai e por isso não hesitou em assumir este papel, procurando manter-se próximo ao seu filho e participando ativamente dos cuidados com a higiene,

alimentação, saúde e educação, desde que ele era bebê. Conforme Barsted (1998), quando há o desejo da paternidade no homem, este assume com facilidade o papel que lhe é atribuído, participando ativamente da vida do filho. Além disso, Marcos sofreu o abandono do pai na sua infância e, possivelmente, foi a consciência da dor da ausência, permeada pelo amor, outro aspecto que o determinou a assumir o compromisso de estar sempre com seu filho.

Além disso, Marcos não representa o modelo tradicional de paternidade, cujo papel está ligado diretamente ao sustento do lar e mais distante das atividades domésticas e de criação dos filhos (Grzybowski & Wagner, 2007). Marcos exerce uma função de pai que valoriza a proximidade com o filho e, por conseguinte, o auxílio no atendimento das necessidades básicas da criança. Essa postura corrobora as ideias de autores que defendem que o novo pai participa na criação e educação dos filhos, bem como das atividades domiciliares, não deixando de auxiliar no sustento da família e se aproximando afetuosamente dela (Gomes & Rezende, 2004; Williams, 2008).

Essa postura no exercício da paternidade parece, de certa forma, gerar insegurança em relação à masculinidade de Marcos. Isso fica visível quando expõe, meio constrangido, que não tem vergonha de dizer que ele era responsável por trocar fraldas e dar mamadeira ao filho e que fazia isso mesmo trabalhando e chegando tarde em casa. A necessidade de justificar que trabalhava e chegava tarde parece uma forma de reafirmação da masculinidade. Esse dado, especificamente, reforça os achados de alguns autores, afirmando que o rompimento com o modelo tradicional de paternidade pode gerar questionamentos em relação à própria masculinidade (Barsted, 1998; Staudt & Wagner, 2008). Atualmente, Marcos realiza as atividades domésticas, cuida do filho e não está trabalhando: será que aceitou a condição de ser homem e realizar atividades tradicionalmente femininas? É possível que a maneira como o padrasto tenha assumido a criação de Marcos, tenha servido de exemplo e reforçado a ideia de que pai pode cuidar do filho, ser amoroso, afetuosamente e, simultaneamente, ser homem.

Com a separação, o filho ficou com a guarda da mãe, seguindo as estatísticas em relação à separação e à guarda dos filhos, cuja responsabilidade em 88,77% (IBGE, 2008) dos casos fica com a mãe (Brown, 2001; Silva, 2003; Souza, 2008; Wallerstein & Kelly, 1998). Mesmo que o filho não tenha ficado sob sua guarda, Marcos procurou exercer sua responsabilidade de genitor que não detém a guarda, acompanhando o cumprimento das responsabilidades daquele que está com essa. Foi o que se observou, a partir da constatação da manutenção das visitas regulares e

também por ele ficar com o menino além do tempo previsto, quando a mãe tinha algum compromisso.

É possível que a proximidade entre pai e filho, antes e após a separação, tenha viabilizado a decisão de Marcos em buscar a guarda unilateral. O acompanhamento que fez em relação à criação do filho, enquanto este estava sob os cuidados da mãe, possibilitou que tomasse conhecimento das dificuldades que o mesmo vinha enfrentando. Além disso, fatores como o amor, o carinho, o afeto, a noção de responsabilidade e seu comprometimento paterno, impediram Marcos de aceitar a situação em que seu filho se encontrava, culminando na solicitação da guarda, a fim de garantir proteção e cuidados especiais ao filho.

A partir do momento em que pai e filho passaram a residir juntos, Marcos parece ter assumido a paternidade de forma a compensar os maus tratos vivenciados pelo filho. Quando Marcos refere cuidar muito bem do menino porque de nada adiantaria ter a guarda e não cuidá-lo, parece assumir uma posição supervalorizada de paternidade e se aproxima do filho de tal maneira que parece compor uma simbiose pai-filho. Marcos quer cuidar tão bem do filho que, por vezes, indica querer ocupar o lugar que é da mãe, exercendo prioritariamente a função materna e abdicando do exercício da função paterna. Como se, para cuidar bem do filho, devesse dar-lhe tanto amor quanto uma mãe daria e, mais do que isso, tivesse necessidade de exercer o papel que seria dela. Dessa maneira, Marcos reafirma convicção do que diz e faz, ao responder determinados questionamentos sociais que surgem do contato com uma criança educada, bem alimentada, que recebe cuidados especiais sem a presença da mãe no cotidiano familiar. Um exemplo disso é quando Marcos, orgulhosamente, responde às professoras da escola, perplexas com a alegria, curiosidade e satisfação do menino, que é separado da esposa e tem a guarda do filho.

Marcos levanta de madrugada para dar mamadeira a Marino, o que não acontecia enquanto o menino estava com a mãe, tratando-o de forma infantilizada e sem limites. Movimentos como esses ilustram a possibilidade de o pai estar assumindo a função materna. De certa forma, o exercício da função materna pelo pai se torna necessário no âmbito de uma família na qual o pai é o único responsável pela criança, mas, ao mesmo tempo, no caso de Marcos, parece dificultar a inserção de limites, a interdição, função que seria própria do pai. Por outro lado, pode-se pensar que o afastamento da mãe, após a perda da guarda, seja em função desta díade pai-filho autossuficiente, já que Marcos relatou que sua ex-esposa confirmou que o menino

está muito bem e apegado ao pai. Apesar da iniciativa de Marcos em aproximar mãe e filho, o que parece uma demonstração de consciência da importância que ela tem no desenvolvimento da criança, a mãe mantém o afastamento, confirmando a dificuldade do genitor que não detém a guarda continuar mantendo contato efetivo com o filho, conforme apontam determinados autores (Brown, 2001; Edin, Tach, & Mincy, 2009, Garbar & Theodore, 2000; Souza, 2008).

Por outro lado, pelo fato de o processo de guarda estar em andamento e ter sido concluído durante os momentos finais da coleta de dados desta pesquisa, é possível que Marcos, por temer não receber o parecer favorável, assumisse esse papel de pai superprotetor, imaginando ter que provar que é capaz de criar um filho sem a presença da mãe. Uma maneira de mostrar isso é poder dizer que seu filho engordou nos seis meses em que está sob seus cuidados, que não teve febre, nem ficou fortemente gripado.

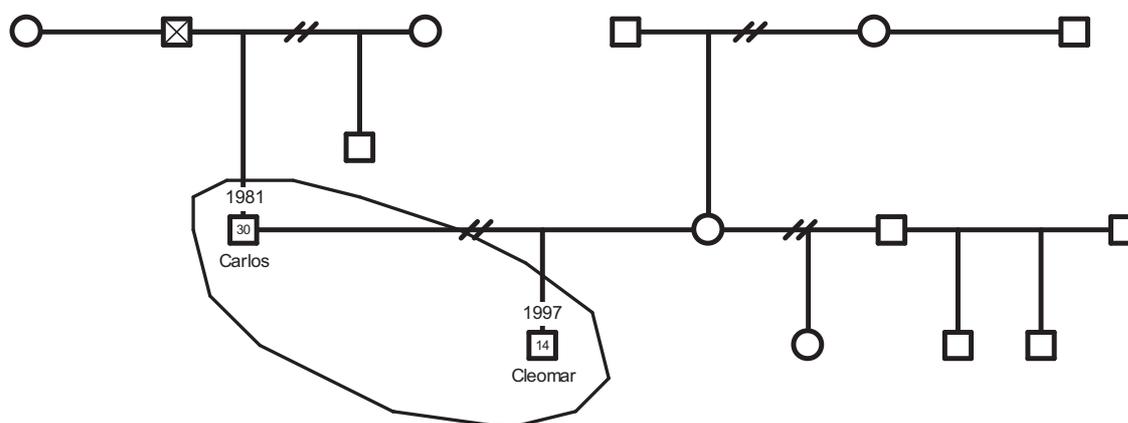
Percebe-se, também por meio da análise em curso, que Marcos entende a paternidade diretamente ligada à amorosidade, ao afeto, ao carinho, num caminho de ruptura com o modelo tradicional de paternidade e masculinidade, conforme já argumentaram Gomes & Rezende (2004) em seus estudos. Todavia, a proximidade que se estabeleceu entre pai e filho, a ponto de dormirem juntos, por exemplo, e o grau de proteção que Marcos oferece à criança, podem caracterizar uma interdependência exacerbada. Sob um olhar clínico, esse fator pode ser interpretado como uma relação de superproteção. Marcos assume um papel de cuidado exagerado e o filho passa de uma extremidade à outra. Quando estava com a mãe, sofria negligência e maus-tratos, mas agora, com o pai, é superprotegido, o que, por consequência, também não favorece um desenvolvimento saudável.

O relato do filho demonstrou a satisfação deste com a maneira como seu pai exerce a paternidade. Marino pareceu responder positivamente à proteção e aos cuidados de seu pai, ao afirmar que os dois brincam juntos, que seu pai lhe presenteia com brinquedos e lhe passa segurança. No entanto, em pouco tempo de convivência, já demonstra sinais de uma proteção e preocupação excessivas, evidenciada no fato relatado de que, por vezes, Marino precisa avisar ao pai que o faz comer demasiadamente. Por meio do CAT, emergiram imagens de uma mãe punitiva e que exerce cuidados precários, contraditoriamente à imagem de pai, cuja paternidade está ligada à proteção, à proximidade, ao afeto, entre outras características tradicionalmente ligadas à mãe. A história dos pintinhos se alimentando e o gesto de jogar fora a comida parecem manifestar uma tentativa de controle por parte da mãe e a revolta de Marino. Mas, ao final, o

salvador é o pai, que surge para substituir a mãe e pôr fim à história. Além disso, Marino revela ter uma imagem de pai assumindo o papel tradicionalmente delegado a mãe quando conta a história dos cangurus, cuja mãe trabalha e cujo pai cuida da filha menor em casa. Esses dados parecem confirmar que, após a separação e a guarda do filho, Marcos assume, em primeira instância, a função materna, tendo dificuldade em conciliar com a função paterna, também necessária ao desenvolvimento infantil.

## 1.5.2 Caso 2

### 1.5.2.1 Genograma para apresentação dos membros da família



### 1.5.2.2 Do nascimento ao casamento

Carlos apresentou seu pai como seu herói. Descreve-o como sendo “*um cara bem severo, extremamente inteligente, ele era uma biblioteca ambulante*”. Gostava muito de seu pai: “*Ele sempre me fascinou, tipo, eu queria me vestir como ele, queria fazer a barba como ele, eu queria saber o que ele sabia, sabe?*”.

Carlos relatou que foi educado “*na base, vamos dizer, da chinelada. Aprontou, cinta, sabe? Meu irmão brigou no colégio, eu não defendi o meu irmão, cinta*”. Todavia, Carlos refere que, quando tratava os filhos dessa maneira, seu pai, antes de os filhos dormirem, ia até a cama deles e se desculpava pela atitude tomada. Carlos conta que, na ocasião, sentia raiva desse comportamento do pai, pois achava incoerente receber do pai uma punição e ter de desculpá-lo a seguir.

Com a separação de seus pais, Carlos e o irmão ficaram sob a responsabilidade do pai, que, posteriormente, estabeleceu uma nova união conjugal. Segundo Carlos, seu pai participava ativamente das atividades domésticas, das providências com vestimentas dos dois filhos, acompanhava-os nas atividades do colégio, estabelecia horários para brincar, ensinava-os a cumprir atividades domésticas, a evitar as drogas e enfrentava outras possibilidades que poderiam desviá-los do caminho correto:

*Era sempre ele que fazia as coisas, que organizava as coisas da casa. Por mais que tivesse a minha madrasta lá, era o meu pai que levava a gente nas lojas para escolher roupas, corrigir os temas, que passava as informações de horários que a gente ia ficar na rua, com quem que a gente podia brincar, com quem que a gente não podia brincar, sermões. Ele que botava a gente para lavar louça, ele dizia que o homem tinha que aprender a lavar louça para nunca se casar com uma mulher só porque ela lavava louça e cozinhava.*

Infelizmente, o pai não conseguiu evitar determinadas decisões de Carlos. Relatou que “queria tentar fazer de novo” sua adolescência, pois julga que foi rebelde, “brigava com muita gente, sentia prazer em desafiar alguém e, se apanhasse, sentia o mesmo prazer”, o que relata em:

*A primeira revolução da minha vida, foi na época que eu comecei a me tornar rebelde e tudo mais. E eu vi como o meu pai conciliou o fato de talvez perder o filho com o sentimento que ele tinha pelo filho dele. As lições de moral que meu pai me deu sem sentar e conversar comigo, só com exemplos, sabe. Essa foi a primeira transformação que eu passei.*

Aos 13 anos de idade, conheceu as drogas, fato que o distanciou de sua casa e de sua família. O pai, nessa época, foi, para Carlos, um exemplo de atitudes sensatas, buscando trazer o filho para o caminho que considerava correto. Mesmo sabendo que as atitudes do filho não eram satisfatórias, zelava por ele, como dito em:

*Mesmo que eu estivesse fora da casinha, o meu pai sabia exatamente onde eu estava, em que condições eu estava e o que ele podia fazer para me ajudar. Meu pai foi um técnico de futebol, sabe, ele foi decisivo. Ele sabia exatamente tudo que estava acontecendo, ele juntava informações: um comentário, pegava um caderno, via um negocinho rabiscado, sabe? Ele tinha um olhar clínico muito grande e uma visão periférica das coisas muito, muito ampla. Era incrível. E isso marcou. Essa visão dele, assim, foi o que me ajudou muito, principalmente, quando eu achei que ele não podia me ajudar, porque ele não*

*sabia o meu real estado e ele sabia. Ele sabia que uma surra não ia adiantar, porque eu já era um guri crescido. Ele sabia que isso era coisa de influência e que, se ele me proibisse de certas coisas, eu ia pular a janela para fugir de noite ou coisa parecida assim, sabe?*

Em meio a esta turbulência, Carlos conheceu sua atual ex-esposa, ainda adolescente, com quem começou a namorar. Ela buscou ajuda com Carlos para sair de sua própria casa, pois era vítima de abuso sexual de parte do padrasto. O jovem casal concluiu, após tentativa frustrada de relatar a situação para a mãe dela, que não acreditou no relato e bateu na filha, que uma gravidez seria o caminho para que ela pudesse deixar sua casa e se afastar do padrasto. Foi o que de fato ocorreu. A namorada ficou grávida de Marcos e a notícia de que Carlos iria ser pai, aos 16 anos de idade, modificou não somente a vida dela, mas também a do adolescente. Com a gravidez, veio o medo, pois não tinha tomado consciência proporcionalmente à responsabilidade que estava assumindo a partir daquele momento, diante das mudanças que ocorreriam. No entanto, tinha a certeza de que não iria, de forma alguma, abandonar a namorada, por maiores que fossem os desafios:

*Não tinha ideia, confiei demais que eu não ia deixar ela sozinha. Mas eu não tinha nem ideia de como ia ser. Eu estava sentindo medo. Depois que ela estava grávida de fato, eu não sabia mais o que eu ia fazer. Eu nunca soube o que fazer. Eu sabia que eu queria tirar ela de lá, mas não sabia nem como ia fazer isso. Meu pai tinha a resposta. Realmente, é que nem eu te disse, aquilo foi uma cegueira adolescente.*

Mesmo sabendo que sua namorada estava grávida, não revelou ao pai, por quem foi interrogado, pois aquele percebeu algo diferente no filho: “*meu pai descobriu por causa das minhas atitudes em casa*”. Carlos afirmou que seu pai foi de extrema importância para que pudesse aceitar o filho que estava chegando, conseguisse superar o medo, deixasse as drogas e ingressasse no mercado de trabalho. Com o apoio e compreensão dele, Carlos relatou que assumiu a paternidade com todas as forças:

*Só que ele teve que deixar a natureza agir com esperança que houvesse um freio. E talvez ele viu o freio na hora da gravidez. Que daí ele pegou e disse assim: é agora que eu vou fazer esse guri aceitar essa gravidez e trabalhar essa gravidez para frear ele deste mundo. E daí eu vi: Pô, eu não posso deixar o meu pai ser o pai do meu filho, ta entendendo? Daí eu comprei o compromisso, comprei mesmo.*

Com a gravidez de sua namorada, o pai, descrito por Carlos com o uso de expressões como “*seriedade, extrema inteligência, carinho, amor, segurança*”, auxiliou na construção de uma casa para os dois morarem e apoiou Carlos no início de uma nova fase: o casamento e a paternidade, simultaneamente.

#### 1.5.2.3 Do casamento à separação

O medo que Carlos afirmou sentir nessa etapa de sua vida foi superado com o apoio da família e dos amigos. Com o auxílio inicial do pai, do irmão e de seus vizinhos, em mutirão, organizaram a residência onde o casal passaria a viver seus próximos anos. Assim relata:

*Para mim, aquilo foi muito bonito assim, foi fascinante. Eu escutava muita música, então eu lembro que eu convidei meus amigos para me ajudar a pintar a casa, a reformar as coisas que estavam faltando, para gente comprar os móveis que faltavam. Eram eu e meu irmão e uns dois ou três vizinhos. Daí aparecia o meu pai para ver: ah, está ficando bonito.*

Carlos e sua namorada passaram então a viver conjugalmente, pois “*a gente nunca se casou com todas as formalidades, a gente juntou as escovas de dente, vamos dizer*”. Para sustentar a família, ele trabalhava em dois empregos e, após o trabalho, auxiliava nas atividades domésticas. Dividindo o mesmo teto, características individuais do casal, antes desconhecidas, tornaram-se evidentes. Segundo Carlos, a convivência “*foi uma catástrofe, começaram a aparecer os defeitos da pessoa*”.

Carlos exerceu a paternidade desde a gravidez: “*quando ele estava na barriga dela, eu sempre deitava do lado e cantava*”. Segundo Carlos, com o nascimento do filho, foi tomado por uma emoção indescritível e passou a se colocar como um modelo para seu filho, pois queria reproduzir a paternidade que recebera de seu pai. Cleomar veio como sinônimo de esperança, de salvação:

*O Cleomar veio para mim, foi sinônimo de esperança. Eu depus um pouco da confiança de perpetuar o relacionamento do meu pai. Chegou um novinho, que vai durar mais tempo. Então vou fazer esse relacionamento se tornar um espelho para mim conseguir superar, talvez, a perda do meu pai mais tarde. Eu posso ver um dia o meu pai morrer, mas eu não quero ver o meu filho morrer. Se tiver que partir, eu vou antes e eu sei que continuou, tá entendendo?*

Carlos passou a compreender aspectos da paternidade antes desconhecidos por ele, a ponto de elaborar uma compreensão mais adequada de aspectos e momentos vividos junto a seu pai.

*E daí eu comecei a ver o que era ser pai, sabe? Comecei a entender melhor o meu pai. Eu fiquei pensando no que eu representava para aquela criança sem ela saber. [...] E eu botava na cabeça que aquela criança só contava comigo e que eu tinha que correr porque eu era a única proteção para deixar aquela criança viva, ativa, para fazer parte do mundo, mais tarde, sabe? A responsabilidade era toda minha.*

Carlos relata que tal senso de responsabilidade gerava a sensação de pai herói, estimulando-o para o trabalho, para o sustento financeiro do lar e da criança. Revela: “*Isso me ajudou muito a perceber o que era ser responsável por alguém*”. Por exemplo, o bebê teve dificuldades na amamentação e necessitava de um tipo específico de leite, fato que exigia de Marcos responsabilidade: “*Então eu tinha que comprar um leite especial para ele, sabe, e esse leite era muito caro*”. Para garantir o sustento do lar e da família, trabalhava em duas empresas e também auxiliava nas atividades domésticas e nos cuidados com o bebê.

*Eu saía de casa 7h da manhã e voltava 11h da noite. Então, até as 2h da manhã eu ainda estava passando pano nas coisas, limpando o fogão, terminando de cozinhar, lavando as fraldas, lavando minha roupa, passando minha roupa.*

Quando Carlos conseguia conciliar as folgas dos dois empregos, gostava de passear com seu filho:

*Eu tinha comprado um macacão para ele e eu gostava de andar com ele como se ele fosse uma sacola. Eu pegava ele por uma alça e eu saía para caminhar com ele voando assim, sabe? Ficava vendo a reação dele com o vento batendo no rosto. Eu até pendurava ele assim, num negócio que eu tinha feito para ele ficar aqui no meu peito, para mim andar de bicicleta. Só que, ao invés de eu colocar ele virado para o meu peito, eu colocava ele virado para frente. E daí eu saía, ficava o dia todo, andando de bicicleta, assim devagarzinho, com ele ali junto, levava uma bolsinha com a mamadeira.*

Em relação à sua esposa, Carlos relatou que era impaciente com os cuidados do filho e não realizava as atividades domésticas com dedicação:

*Ela era extremamente impaciente, ela fazia muita coisa com mau gosto. A pessoa por quem eu tinha me apaixonado era uma imagem que não era real, era uma pessoa muito ruim, ao ponto de uma vez o Cleomar estar chorando e ela embalando o Cleomar nos braços, ela pegar e largar o Cleomar em cima da cama, assim, botar a mão na cabeça e dizer que não aguentava mais. Tipo o guri com menos de um ano, caindo dos braços dela, que ela estava de pé em cima da cama de casal, em cima do colchão. E daí eu tinha visto o tamanho da burrada que eu tinha feito e da nossa imaturidade.*

O jovem pai também falou da sobrecarga de atividades, a qual fez com que se cumprisse automaticamente um ciclo: “*eu ia trabalhar, voltava para casa, fazia as coisas, dormia, ia trabalhar, eu não conseguia mais curtir as coisas*”. Segundo ele, isso foi fazendo que com perdesse sua esposa, sua família, tudo isso antes mesmo de que a separação fosse consumada.

#### *1.5.2.4 Da separação à paternidade pós-divórcio*

Um ano e oito meses após a união, houve a separação. A esposa de Carlos, sem mencionar nada, mudou-se com o filho para um lugar desconhecido por Carlos. Este conta:

*Eu sei que um ano e oito meses, um dia eu cheguei em casa e a casa estava vazia. Os vizinhos disseram que a mãe do meu filho, meia hora depois que eu saí de manhã, estacionou um caminhão ali, botou tudo dentro e sumiu.*

Sem saber onde estavam, Carlos entrou em depressão, perdeu o emprego e chegou a tentar o suicídio. Ele precisou de alguns anos para se reerguer. Com a participação de seu pai, Carlos conseguiu sair do estado depressivo e, aos poucos, foi retomando sua vida:

*Peguei um hábito estúpido de dormir embaixo da cama. [...] Até que teve um dia, no ano novo, que meu pai não aguentou, me tirou de baixo da cama e olhou nos meus olhos assim, e gritou para mim: ‘acorda’. E meu pai deu um soco na cara. E eu fiquei ali, no canto do quarto, até as 3 da manhã. Ele voltou, trouxe um prato de comida da ceia e sentou ali no canto comigo. Começou a conversar e disse que jamais esperava ter gerado um filho para ficar se afundando assim, sabe, que eu não tinha noção do quanto aquilo doía nele. Ele pegou e disse assim: Carlos, por mais terrível o que tu esteja sofrendo, tu não tem noção do que é para um pai se sentir impotente por não poder ajudar o filho, porque o filho não quer ser ajudado. E ele saiu. Eu fiquei com aquelas coisas na cabeça e: vou sair desse quarto, tomei um banho, me arrumei, fui lá e dei um abraço nele.*

Carlos relatou ter sido a separação a segunda grande transformação de sua vida. Considera que a separação, sobretudo, foi geradora de mudança de caráter. Foi a partir do momento em que ficou sozinho que reconstruiu a maneira de pensar: passou a questionar a existência divina, a ler

muito, até chegar o momento em que encontrou a tranquilidade que o acompanhou nos momentos de decisões. Ele imagina que, se estivesse casado ainda, seria uma pessoa mais “impulsiva e insegura”:

*Eu perdi o grande amor da minha vida, junto com o meu filho, sabe? Foi a segunda maior transformação que eu tive.*

Depois da separação, houve um distanciamento entre Carlos, sua esposa e filho, pois ele não sabia para onde eles tinham ido. Porém, decorridos aproximadamente dois anos, por meio de um pedido judicial de pensão alimentícia, Carlos reencontrou seu filho. A partir desse momento, voltou a ter contatos mais frequentes com ele:

*Daí demorou uns dois anos e meio para eu descobrir onde ela estava. Que daí veio uma cartinha de intimação judicial pedindo a pensão alimentícia.*

Durante esse período, já com 21 anos de idade, Carlos vivenciou o falecimento do pai, o que lhe causou enorme e profundo sofrimento. Ele relatou que, atualmente, em função de suas crenças religiosas, fantasia seu pai lhe fazendo uma visita. Como em um sonho, seu pai passa um dia com ele e depois toma um ônibus e vai embora. Tempos depois dessa perda, Carlos passou por dificuldades financeiras e lhe foi tomada a residência onde morava com a madrasta e seu irmão. Sua madrasta ficou com todos os bens do pai sem dividir com Carlos e o irmão.

Carlos e Cleomar passaram a se visitar e, quando estavam juntos, o primeiro dedicava parte de seu tempo para o segundo. Numa das visitas a Cleomar, já com cinco anos, jogando futebol, Carlos viveu com seu filho um momento, para ele, inusitado. Esse instante ele recordou durante a entrevista:

*Existe um desenho na TV que é o Dragon Ball e tem um gurizinho e o nome desse gurizinho é Gocu, que é o guri mais forte do Universo. Então, estava eu e o Cleomar jogando bola, só pai e filho, tinha várias outras crianças brincando, mas quem estava jogando ali era só eu e ele. Ele resolveu jogar bola de pé descalço e ele foi chutar a bola e chutou o asfalto e arrancou o tampão do dedo. Bah, daí ele me olhou assim, olhou o sangue saindo e olhou para mim, tipo, esperando alguma coisa, né? Daí eu peguei e disse assim: Cleomar, o que o Gocu ia fazer nessa hora? Bem assim eu falei para ele. Daí ele pegou e disse: pai, eu aguento até em casa, mas a gente precisa botar um Band-Aid aqui. Ele me disse o que eu tinha que falar, tá entendendo. Daí eu botei ele na garupa e a gente foi, mas ele ficou ali, sem chorar, sabe?*

Atualmente, Carlos avalia que a separação foi uma das melhores coisas que aconteceu na sua vida, exceto pelo filho, que ficou por algum tempo distante. Revela ter sentido falta do menino e que sonhava em ensiná-lo a andar de bicicleta, o que o filho não aprendeu com o pai:

*Eu queria ter ensinado o Cleomar a andar de bicicleta. Eu sempre quis estar presente na hora do tombo, sabe, na hora da desilusão amorosa. Eu não queria que alguém falasse besteira para o meu filho numa hora dessas. Então eu queria estar ali, porque eu passei por isso e eu saberia dizer para ele alguma coisa que iria ajudar. Que ele realmente iria absorver e compreender, sabe? Se ele ganhasse na loteria, tudo bem, eu não gostaria de estar nesses momentos, eu gostaria de estar nos momentos de dor dele porque eu queria ajudar.*

Além disso, Carlos afirma que poderia ter feito diferente após a separação, e que deveria ter tomado a iniciativa de lutar pela guarda do filho, mas afirma ter sido “*influenciado*”.

*Eu, quando minha ex-esposa saiu da minha casa, eu procurei uma assistente social para ver o que eu poderia fazer para pedir a guarda da criança, para tentar lutar pela guarda, mas ela me desmotivou, assim ó, ao quadrado: ‘nunca que uma criança vai ficar com o pai, nunca’. Quase riu da minha cara. E daí eu vi: ‘cara, eu não tenho chance’.*

Durante o período pós-divorcio, no qual Cleomar ficou sob a guarda de sua mãe, após voltarem a morar próximo de Carlos, este tinha dificuldade de estar em companhia de seu filho em função das barreiras criadas pela mãe, que desqualificava o ex-marido. Pouco antes de buscar moradia com o pai, Cleomar e sua meio-irmã, filha do segundo casamento da mãe, enquanto a mãe trabalhava, buscaram a casa de Carlos para almoçar, pois onde moravam não havia comida. Cleomar, já com dez anos, começou a relatar ao pai cenas de maus tratos e de negligência por parte de sua mãe e seu padrasto, fatos nos quais, inicialmente, não acreditou. Ele julgava que o filho criava motivos para morar com ele. Cleomar, para comprovar a veracidade do relato, filmou o que acontecia com ele e sua irmã dentro de casa e mostrou para o pai, que pôde verificar as reais condições do filho, identificando, inclusive, que a mãe já havia sido denunciada no Conselho Tutelar. Após uma discussão entre o padrasto e Cleomar, aquele bateu no menino que, no dia seguinte, foi para a casa do pai. Irredutível, afirmou não querer voltar a morar com sua mãe e mostrou ao pai os hematomas decorrentes da surra do padrasto na noite anterior.

Carlos seguiu os procedimentos legais e o Conselho Tutelar orientou que ficasse com a criança e encaminhasse uma ação judicial de guarda. A mãe, inicialmente, não aceitou, mas não

pôde tê-lo de volta, a partir da decisão judicial de manter a criança sob a guarda provisória do pai. Segundo comentou Carlos, a avaliação de ter melhores condições de criar o filho teve peso nessa decisão.

#### *1.5.2.5 Paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai*

Com o filho morando em sua residência, Carlos sentiu-se obrigado a mudar seus hábitos rotineiros. O irmão, com quem dividia a residência, mudou-se. Carlos deixou de fumar dentro de casa, melhorou a alimentação, entre outras mudanças, conforme refere em:

*Foi tudo muito rápido, simplesmente ele veio aqui em casa e disse que não queria mais ir embora, sabe, e mudou muita coisa. Entrou uma criança em casa, não posso estar bebendo na frente de uma criança. Meu filho tem problema respiratório, não posso fumar, preciso de horário, preciso começar a me regrar.*

Foi organizado um quarto para o filho, bem como foi providenciado o atendimento a outras necessidades ou comodidades que contribuíram para que Cleomar pudesse ter uma vida saudável:

*Fiquei feliz. A gente montando o quarto dele, escolhendo um guarda-roupa, uma TV, comprar material escolar, comprar roupas, foi bem legal. Foram experiências assim que eu nunca tive.*

No relato de Carlos, ficou claro que ele sentiu mais preocupação do que euforia, logo que seu filho ficou sob sua responsabilidade. As preocupações concerniam ao fato de quais atitudes a ex-esposa poderia tomar contra a decisão judicial e se relacionavam ao que fazer para sustentar a criança:

*Confesso que nos primeiros dias foi muito difícil até para dormir. Eu imaginava eu saindo de casa para trabalhar, o Cleomar indo para escola e a mãe dele dando um jeito de entrar aqui em casa e levar ele a força. Daí tinha que arrumar lugar para o Cleomar ficar de tarde.*

Cleomar também enfrentou dificuldade de compreender os costumes do pai. No tempo que ficou com a mãe, tais hábitos eram diferentes e, além disso, conforme Carlos, a mãe contribuíra para a formação de uma ideia negativa do pai. Entretanto, Carlos procurava explicar

ao filho uma visão diferente, utilizando os ensinamentos da Bíblia, tentando demonstrar uma forma mais flexível de entender o cotidiano. O pai exemplifica essa situação:

*Então, quando ele chegou aqui em casa, ele teve muitos problemas. A mãe dele sempre dizia: tudo que teu pai tem é do diabo, que o diabo vai tirar tudo do teu pai, o que o teu pai toca é música do diabo, que um dia o diabo vai passar e vai levar o teu pai e vai te deixar sozinho lá. Ele teve muita dificuldade de entender isso tudo.*

Carlos relatou que, depois que seu filho passou a morar com ele, a saúde do menino melhorou. Cleomar tem bronquite e a incidência de manifestações diminuiu. Carlos atribui essa melhora ao fato de seu filho poder brincar com os amigos fora de casa e de realizar atividades físicas com frequência:

*Ele veio para cá e começou a jogar bola, começou a andar de bicicleta, começou a correr sabe, começou a desenvolver o físico e a defesa dele aumentou. Em pouco tempo que ele está aqui, recém vai fazer dois anos em dezembro, já descartou o nebulizador.*

Carlos afirma que objetiva passar para seu filho o que aprendeu com seu pai. Além disso, entende que, pelo fato de o filho estar na adolescência, deve acompanhar de perto as atividades dele, principalmente as que realiza fora de casa.

*E a felicidade ali de estar interpretando um papel que era do teu pai. Daí tu fica pensando: 'olha pai, agora é minha vez'. Daí eu ficava pensando na forma que o meu pai fazia para mim me sentir seguro e fiz a mesma coisa com ele.*

*Então, eu tenho que prestar muita atenção do que ele traz na mochila, se ele está fazendo os temas, onde que ele fica entrando quando ele está na Internet, no tipo de assunto que ele está tratando com os amigos dele.*

Carlos acompanha as atividades do filho, limitando o uso da internet e do videogame, incentivando a leitura e tomando conhecimento das atividades do colégio. Também procura orientar seu filho quando está em companhia dos colegas de aula, ensina como se portar nas atividades em equipe, no futebol, por exemplo, e esclarece aspectos necessários sobre sexualidade, prestando apoio nos momentos de tristeza de seu filho. Assim, cita-se:

*Pai, porque que os meus colegas estão debochando do meu cabelo? Eu falo para ele: é pura ignorância. Eles estão te usando como alvo de chacota, porque tu é o único guri que*

*tem o cabelo um pouquinho mais comprido na sala de aula. Então tu é o diferente. Agora se tu quer ser igual, é só tu usar o boné. Porque todo mundo, dentro da sala de aula, usa o boné. Mas se tu se sente excluído, diferente, se isso te incomoda, tu usa o boné. Mas eu acho que tem que acostumar com essa diferença e saber quando eles estão falando a verdade e quando eles estão só se sentindo oprimidos e achando que têm que atacar alguém para aquela opressão passar um pouquinho. Mais tarde, tudo que é empresa vai dar de tudo para achar um guri que nem tu, diferente. Eles não querem um padrão. De todas as empresas que eu trabalhei, todas querem alguém que pense diferente, que dê ideias novas, que questione.*

Esse pai procura não deixar seu filho sem resposta e lhe dá liberdade para esclarecer alguma dúvida que tiver, incentiva-o a questionar, a discutir ideias, sempre solicitando justificativas e fundamentos e ensinando-o a aceitar os erros e a se impor quando estiver certo:

*Eu não tenho todas as respostas, mas eu nunca posso deixar ele sem resposta, porque eu vejo que ele conta demais comigo para uma orientação. Até, por exemplo, hoje de tarde ele quer cortar o cabelo, ele faz questão que eu esteja junto para ajudar, porque eu já sei o que ele quer fazer, para ajudar a dizer para mulher: ‘ó, não é isso, tem que arrumar mais assim.*

*Eu não faço aquela coisa de opressão. Uma coisa que jamais vai existir entre nós: ‘ô pai, posso ir para a rua?’ ‘Não’. ‘Porque pai?’ ‘Porque não’. Eu não posso dar uma resposta, porque não, para ele, isso é ilógico. Eu tenho que justificar, tem que ter um porque, ele precisa entender. Até para eu não deixar o guri de 17, 18 aí, mais tarde, perdido na rua, sem resposta.*

Pai e filho passam bastante tempo juntos, realizando atividades de lazer e diversão, bem como desempenhando as tarefas domésticas. No que tange aos alimentos, Carlos orienta o filho para uma alimentação saudável, sem desconsiderar a opinião e a vontade da criança, que também auxilia nas demais atividades domésticas:

*A gente joga videogame juntos, a gente pára para ver futebol juntos, a gente escuta uma partida de futebol juntos, a gente vai no mercado juntos. A gente fica pensando qual vai ser o cardápio da semana, que a gente tem uma grade do que a gente vai fazer de almoço na segunda, na terça, na quarta, na quinta, sabe. Daí ele me ajuda a montar isso: ‘Bah, pai, eu queria comer isso, eu queria fazer aquilo’. A gente conversa muito.*

Em relação às questões financeiras, Carlos relatou não passar por dificuldades, pois conduz a parte financeira controladamente. Por isso, afirma não ter problemas com essa questão. Controla a aquisição de vestuário do filho, organizando “*um tênis para ti jogar bola, um tênis*

*para ti ir para o colégio e um tênis para ti sair*”, por exemplo, pois considera estar educando seu filho para valorizar as coisas que possui. Com o uso da internet, Carlos afirma que economiza com telefone e com diversão. Faz passeios com o filho e a namorada, mas de forma planejada. Também se preocupa em reservar dinheiro para uma faculdade para o filho.

Em relação às pessoas da família extensa de Carlos, este relatou trocar auxílio com seu irmão. Além disso, tem sua namorada como pessoa dedicada com a qual pode contar sempre que precisar. O relacionamento que atualmente tem com sua ex-esposa é *“na base do cinismo”*. Carlos relata que, se for sincero com ela, não entenderá e sentir-se-á atacada. Em função de sua ex-esposa não gostar de ser contrariada, Carlos apenas ouve o que ela tem a dizer e concorda com ela. Para ele, ela apenas existe e deixou de ter importância.

Atualmente, Carlos tem 29 anos de idade, é músico, trabalha com um grupo musical e com projetos sociais, somando em torno de 40 horas semanais de atividades, administrando seus próprios horários. Tem projeto de construir uma casa nova e, somente depois de terminar a construção, casar-se novamente com a atual namorada. Moram ele e seu único filho, Cleomar, de 13 anos de idade, de quem detém a guarda provisória, mas com fortes esperanças de que a guarda definitiva unilateral seja concedida a ele. Enquanto espera, alega:

*Mas, por enquanto, está favorável e pelo que ele falou acho que agora vai ter só uma audiência onde a juíza vai bater o martelo e vai dizer: não, ele fica com o pai.*

Carlos define assim o filho: *“Cleomar é companheiro”*. Considera que os momentos de maior felicidade com seu filho foram: *“quando o Cleomar nasceu, o primeiro aniversário, quando entrou no colégio, quando passou a primeira vez de ano e a primeira vez que ele esteve doente aqui em casa, que a gente dormiu junto, eu achei bem legal”*.

#### *1.5.2.6 Concepções das figuras parentais identificadas por meio do TAT*

A figura paterna encontra-se representada, nas histórias elaboradas por Carlos como norteadora do caminho que o filho deve seguir. Diante da gravura um, Carlos percebe o menino com violino sendo influenciado fortemente por um sonho *“imposto pelo pai e pela mãe”*, que estão *“querendo que ele se aperfeiçoe para algo, tentando lapidar o menino”*. Apesar de sentir-se forçado a aprender, *“o guri começa a tocar, se torna um exímio músico”*, representando a intolerância à possível frustração do desejo dos pais. O menino consegue realizar o sonho dos

pais, mas a história revela a inexistência de desejo próprio e de sentimentos que tornariam sua música mais do que uma execução de notas, recheada de emotividade:

*E confesso que eu não consigo nem imaginar como seria um final para uma história dessas, assim, sabe. [...] Isso se repete por dias e dias até que começa ser exigido resultado e o guri começa a tocar, se torna um exímio músico. Mas ele simplesmente executa as notas. A maioria acha, que de uma forma maravilhosa, mas, perante aos outros músicos ele é uma máquina, ele não faz vibrar a nota com emoção, ele simplesmente executa a nota.*

Emerge, junto com as figuras parentais, a autoridade, o desejo deles, que prevalece sobre o desejo do filho. Tais características voltam a aparecer em outra história, cujos pais decidem pelo casamento da filha:

*Os pais dela acabaram gostando do cara, disseram que ela talvez tivesse um futuro promissor do lado do cara. Os dois se casaram, muito a contragosto dela, talvez mais por causa de uma vontade dos pais. O irmão dela não aprovava a situação. Ela se mudou, foi morar numa cidade bem distante com ele onde ela acabou tendo uma vida mais escrava. Ela não podia sair para rua, as pessoas não podiam olhar para ela e ela acabava sendo violentada seguidas vezes e apanhava sempre. Ficava presa em casa sem telefone, não tinha um celular, vivia toda machucada, não sai para rua, o marido dela não levava ela para passear. Ela não podia ver a família dela, ele não deixava ela ver a família por causa que eles podiam ver os machucados essas coisas e talvez desconfiar do que tivesse acontecendo. Mas mesmo assim, o irmão dela sempre desconfiou.*

Carlos atribui dois finais a esta história: um em que a irmã é “resgatada” pelo irmão e o outro, em que ela continua vivendo com o marido, mas tomada por uma tristeza profunda e frequentemente acometida pela dúvida de buscar o suicídio. Ao mesmo tempo em que as figuras parentais estão ligadas à autoridade, parecem também serem pais que abandonam.

Em outra história, Carlos descreve uma família chefiada pela mãe, cujo pai abandonou a esposa e o filho ainda na gravidez. Os personagens da história representam uma configuração familiar contemporânea, em que a figura materna permanece com o filho e é o pai que rompe o vínculo parental.

*Eu vejo uma menina que teve um filho cedo, o pai não assumiu a criança, ela teve que enfrentar toda a situação sozinha. Teve dificuldades de criar a criança porque os pais dela não aceitavam a situação. [...] Ela teve muita dificuldade, ela trabalhava como arrumadeira em casas de família. Mesmo assim colocou o filho para estudar. Como ela era muito apegada nele, ela conseguia acompanhar a lição de casa dele, conseguia*

*conversar seguido com ele e ele começou a se desenvolver bem na escola, era um bom aluno, foi crescendo muito bem.*

Nesse sentido, é possível que esteja revelando a fantasia de abandono do filho, refletindo o tempo em que ficou longe dele, após a separação. O fato de Carlos conformar-se com tudo, e de aceitar a situação de distanciamento do filho, pode ser interpretado como um abandono efetivo.

Por outro lado, Carlos descreve um rapaz que demonstra confiança em seguir os conselhos de uma figura que parece exercer a função paterna. É possível identificar que essa figura parental tenha sido referência na vida do rapaz, ao mesmo tempo que há a dificuldade de romper o vínculo, por isso resgata a imagem do pai ou do avô durante a noite. Essa história pode ser comparada com a história de Carlos com seu pai, quando ele relata receber seu pai, de maneira imaginária, e passar um dia com ele:

*Ele tinha um parente querido, um pai, um avô, pode ser um avô que ele gostava muito, que de alguma forma fantástica, extraordinária, o avô dele sempre aparecia de noite para dar alguns conselhos para ele enquanto estava dormindo. Desse jeito ele acorda todos os dias com a sensação de ter matado a saudade.*

Nesse sentido, também se revela o exercício da paternidade mediante a história de um pai que sustenta uma filha, administrando, mesmo com dificuldade, as finanças do lar e as atividades domésticas. Mesmo assim, demonstra passar segurança para ela construir uma vida diferente da vida que o pai leva. É o que se verifica em:

*Um cara humilde, simples, uma casinha pequena, dificuldade de se manter, de comprar os mantimentos. Mora com uma filha que está, mais ou menos na idade dos 15 anos, só ele e ela. Ela está crescendo, ele tem muita dificuldade de dar as coisas que ela precisa, daqui a pouco ela começa a namorar, ela está estudando, ela tem mais necessidade do que um guri teria na idade dela. Ele tem um emprego que é ser vigia do condomínio. [...] E ele fica pensando nas coisas que ele podia dar para filha dele, fica pensando se ainda tem alguma coisa para dar de café da manhã para filha dele, antes de ela ir para escola. [...] Ele chega em casa, sentindo muito frio. Ele chora um pouco, mas ele está tão confuso que às vezes ele nem sabe por que ele está chorando. Talvez porque o fardo seja pesado demais. Ele chora mais um pouco, limpa as lágrimas, seca os pés, acorda a filha dele, consegue servir muito mal, mas consegue um cafezinho para filha dele, um pedacinho de pão dormido e ela vai pra escola e ele vai dormir.*

De certa forma, a história pode refletir a sensação de sobrecarga no cuidado do filho como progenitor que detém a guarda e com esse reside, constituindo-se o principal responsável pela sua

criação e educação. Além disso, Carlos demonstra, por meio dessa história, a responsabilidade do pai em criar, educar e sustentar um filho, que, em sua própria história, aprendeu com o impacto do nascimento do filho.

Mediante o uso de outra gravura, Carlos demonstra que a figura masculina, ao exercer a paternidade, pode assumir um lugar próximo da esposa e dos filhos. Ele relatou a história de um rapaz muito educado que se relacionava muito bem com os pais. Crescera e se casara com uma moça; começou a trabalhar com seu sogro na empresa da família de sua esposa. Um final de semana por mês, o rapaz saía com seus amigos para caçar perdizes, divertir-se e festejar. Observa:

*Mas ele era extremamente amável com a mulher dele, acabou tendo filho e adorava ver os filhos dele crescendo. [...] Só aqueles dias que ele passa longe de casa renova todas as forças para que ele fique mais um mês dentro de casa dando atenção para mulher dele, para os filhos dele. [...] Volta para casa tendo a vida bacana que ele estava levando com a família dele.*

Nessa história, a figura masculina está carregada de amorosidade, afetividade e proximidade da família e dos filhos, formando um grupo familiar diferente do tradicional. Um final de semana por mês, o pai sai com os amigos para caçar perdizes e se distrair. Pode-se perceber o entendimento, projetado no personagem, de uma figura masculina diferente da concebida tradicionalmente. O pai mantém a proximidade com a família e não parece haver indícios de questionamentos da própria masculinidade, pois apresenta a naturalidade de conjugar com os momentos de diversão com seus amigos.

Em diversas histórias, Carlos imagina homens e mulheres que se casam, passam por problemas, alguns superam e continuam vivendo juntos e outros optam pela separação. Em alguns casos, ocorre a traição, consequência do desejo de reviver um amor antigo, deixado para trás, mas que parece valer mais do que aquele com quem o personagem está vivendo no momento atual da história. Emergem sentimentos de timidez na adolescência, fato que impede a manifestação do amor e o desejo pelo outro, mas que, nas histórias, quando os personagens são adultos, são retomados e consubstanciam motivos de separação.

### 1.5.2.7 Paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai: o olhar do filho

A entrevista com Cleomar confirma diversos aspectos trazidos por Carlos. O filho relatou que, depois que se mudou para a casa do pai, demorou “*um pouco para acostumar, porque era bem diferente da minha mãe, sabe, bem diferente*”.

*Ele [o pai] ficava pensando: ‘o que eu vou fazer agora’. Daí ele começava a fazer o que o meu avô fazia com ele, sabe, meu avô também criou ele. A gente ficava pensando, um num quarto e outro no outro, ficava pensando o que a gente ia fazer. Muito estranho no começo. Mas agora é muito legal, a gente se diverte muito. Ele ensina fazer as coisas, agora ele está me ensinando a fazer comida.*

Segundo Cleomar, pai e filho se divertem juntos. Aquele recebe ajuda quando precisa, pode ver seus amigos com maior frequência e passou a visitar seus familiares, por parte de pai, constantemente. Em relação aos estudos, recebe bastante incentivo do pai, de quem ganha livros para leitura. Cleomar gosta de ler livros de história, mas que alternam textos e figuras; são esses os livros que recebe de seu pai:

*Eu gosto de ler livros de histórias, mas se é só letra, só letra, só letra, bah, não consigo ficar lendo. Tem que ter alguma coisa para eu ver. Daí ele vai lá e pega os livros que eu quero.*

Em relação às atividades domésticas, Cleomar afirma participar, junto com seu pai, de muitas delas. Prefere cozinhar, em vez de lavar a louça. Mesmo assim, pai e filho parecem dividir as tarefas de maneira igualitária.

*Eu gosto de cozinhar, mas não gosto de limpar depois. A gente combina, né, ele fica fazendo alguma coisa ali no computador, um trabalho, eu faço almoço e ele limpa. Eu não gosto quando é o contrário. Tem vez que ele faz almoço e limpa, tem vez que eu faço almoço e limpo. A gente vai trocando. [...] Os quartos a gente não divide, ele arruma o quarto dele e eu arrumo o meu quarto.*

Cleomar concorda com esses procedimentos e afirma gostar de dividir os afazeres para não ter de fazer sempre as mesmas tarefas, mas, segundo ele, isso nem sempre foi assim. No início, Cleomar fazia a maior parte das atividades, pois o pai apresentava uma dinâmica diferente de sua mãe, com quem convivera muito tempo, para lidar com as atividades do lar. Cleomar conta que esse comportamento de não poder ver as coisas sujas foi aprendido com a mãe, pois ela

trabalhava fora e não tinha tempo para as atividades domésticas. Por essa razão, isso ficava a cargo dele e de sua meio-irmã. Justifica desta maneira:

*Eu não consigo ficar sempre fazendo a mesma coisa. Que nem antes, quando recém eu tinha vindo morar aqui eu só tinha que arrumar o meu quarto e lavar a louça. Daí eu arrumava o meu quarto, lavava a louça e ficava olhando a sala, daí eu não me segurava e ia lá e arrumava a sala. Daí eu olhava a área, daí eu não me segurava e ia lavar a área. Eu não gosto de fazer as coisas, mas também não consigo ver suja. Daí eu falei para o meu pai: ‘Bah! Eu tenho que fazer todas as coisas, porque eu não consigo ver suja. A gente tem que ir trocando, porque eu não posso ir fazendo tudo o que eu vejo pela frente’. Daí ele: ‘é’. Daí a gente foi trocando, foi trocando até que deu certo.*

Durante a descrição da rotina, Cleomar relatou fazer sua própria comida no café da manhã e inclusive contou que se organiza para a alimentação do restante do dia. Se estiver num dia que tem futebol à tarde, ele mesmo prepara os lanches pré e pós-futebol com antecedência. Nesse relato, demonstrou ter autonomia e pouca dependência de seu pai para acordar, fazer sua higiene pessoal, organizar suas coisas, ir para o colégio, entre outras atividades cotidianas. Além disso, ficou claro que Cleomar tem diversas atividades, externas a sua casa, com os amigos e com o pai:

*Que nem, quando o meu pai não está em casa de meio-dia, eu já deixo o meu almoço pronto, ou ele já deixa a janta, daí ele faz janta e já deixa o almoço pronto. E antes de sair também, quando eu faço meu café, já faço dois sanduíches para deixar para de tarde. Terça e quinta, eu faço isso, porque eu chego e não tem tempo para ficar parado, tem uns dez minutos. Eu chego da escola, daí eu almoço, daí eu durmo. Bah, porque se eu não dormi, eu desmaio. Daí eu acordo e tenho uns dez minutos só para tomar café. Daí eu tomo café, daí eu como pão, tem vez que eu vou comendo.*

Nos finais de semana, costuma ir para a casa de sua mãe, onde vivem sua irmã, seus dois irmãos, que são gêmeos, e seu padrasto. Em alguns finais de semana, Cleomar fica com seu pai e, nesse caso, “quase não ficam o final de semana em casa”. Dentre as atividades de finais de semana com o pai, uma é a visita à avó paterna.

O menino contou também que é “envergonhado em ficar pedindo coisas”. Não gosta “de ficar pedindo muita coisa”. Relata, sobre isso:

*Eu tinha o cabelo comprido, até pouco tempo atrás. Daí eu estava andando de boné, eu não gostava de ficar sem boné, até um dia que eu perdi o meu boné. Daí eu fiquei andando sem boné, um tempão, só para não pedir outro boné que eu estava com vergonha.*

Cleomar também relatou ter mais dificuldade de pedir ao pai roupas, tênis ou outro objeto que precisa comprar, isso lhe é mais difícil do que o era com sua mãe. Justifica a dificuldade nesse aspecto, em relação ao pai, pelo fato de estar morando com ele há pouco tempo:

*Muito difícil eu pedir alguma coisa para ele. Eu chego para minha mãe: 'Ô mãe! Me dá um boné?' Eu consigo falar para minha mãe, só que eu não consigo falar para o meu pai. Eu fiquei 11 anos morando com a minha mãe, eu acho que é por causa disso, sabe, que com o meu pai, faz dois, três anos que eu moro com ele só. Daí, bah! Não consigo falar com ele.*

Outro exemplo relatado é o de que Cleomar, ao passear com os amigos, quando quer um brinquedo ou um jogo, primeiro procura a mãe e, somente depois da aprovação dela, consegue pedir ao seu pai:

*Tipo no cinema. [...] Daí eu falei para minha mãe, daí ela falou para mim ir amanhã. Daí eu liguei para o meu pai, daí ele falou que tá, que ele ia falar comigo. Daí eu cheguei em casa: 'O pai, tu vai me deixar eu ir no cinema?' Bah! eu achei que ele não ia deixar. É porque eu não peço para ele porque eu acho que ele não vai deixar sabe, mas daí ele deixou.*

O filho relatou que há a participação da avó paterna, da mãe e avó materna, juntamente com seu pai, para a compra de roupas e material escolar:

*O meu pai, a minha avó e a minha mãe só dão material escolar quando começa o primeiro trimestre, quando começa o segundo e quando começa o terceiro. Se falta no meio desses, meu pai e minha avó que suprem isso, sabe?*

Em relação aos medicamentos que Cleomar precisa utilizar, também são divididos entre os pais e avós. Relatou que, embora o pai saiba que sua mãe, por ter cuidado do filho por onze anos, saiba a medicação que Cleomar deva tomar, quando ataca a bronquite, o pai é quem procura se certificar de tudo, levando o filho ao médico, se necessário. É importante salientar, que essa participação da família extensa e da mãe de Cleomar, não foi explicitada pelo pai durante a entrevista com ele. O menino continua:

*A minha mãe e a minha avó, elas cuidam mais dos remédios. Se falta remédio no meio desses trimestres, a minha mãe e a minha avó que compram.*

*Eu me ataquei da bronquite. Daí eu fui tomando os remédios, fazendo nebulização. Daí meu pai me levou no hospital, daí ele viu que eram aqueles remédios mesmo que eu tinha que tomar. Daí depois de uns dois dias eu fui jogar bola, né, daí passou tudo, daí, um calorão, põe tudo para fora.*

Quando Cleomar se machuca, jogando futebol, por exemplo, seu pai parece interpretar como uma consequência de suas próprias escolhas e o repreende com expressões rudes, mas que ele interpreta como sendo irônicas. O garoto relatou um episódio que ocorreu no futebol, de forma descontraída, rindo de toda a situação:

*Quando eu estou brincando e me machuco, meu pai me chama de boca-aberta [Cleomar riu]. Eu joga no gol, sabe, daí eu deslizei e tinha, tipo uma madeira alta, sabe, pegou no meu joelho. Meu pai teve que ir lá me buscar, estava doendo e eu não podia ir caminhando. Quando estávamos vindo para casa, ele olhou bem para mim: ‘Ah! Tu é boca-aberta, né, guri’. E eu: ‘Mas o que tu queria fazer?’ ‘Quem manda jogar no gol’. ‘Mas se eu sou goleiro, vou jogar aonde?’ Daí ele: ‘Tá! Mas quem teve a ideia de tu jogar no gol? Eu fiquei olhando para ele. Tá, mas quase nunca eu me machuco, sabe, sério assim. Não me machuco muito, não me machuco. Só se ralar, assim, isso aí é normal.*

Quando Cleomar tira uma nota baixa no colégio, o pai intervém com castigos como: “sair para rua e mexer no computador, eu tive que ficar um mês estudando, daí eu tive que surpreender o meu pai”. Demonstrou que o pai o acompanha em sua vida escolar, apoiando-o e exigindo, quando necessário:

*Eu conversei com ele depois, falei para ele que estava mal mesmo numa matéria e eu não ia conseguir recuperar. Ele falou que era o primeiro boletim e essa talvez passasse, dependendo da nota. Que nem ano passado, eu tirei quatro “I” no primeiro boletim, cinco “I” no segundo e nenhum “MS” nesses dois. Chegou o último boletim eu tirei sete “MS” e nenhum “I”, o resto tudo “S” e são dez matérias. O pai se apavorou. Ah, esse ano eu não quero fazer isso.*

Cleomar afirmou que passa pouco tempo sozinho. Está sempre em atividade com amigos. Além disso, deixou claro, no seu relato, que procura observar as combinações que faz com seu pai:

*Sempre tem um amigo meu aqui em casa. Tem vez que chega passar o dia inteiro aqui. Numa semana, eu acho que veio umas sete, cinco mães aqui reclamar que os filhos não*

*param dentro de casa para vim para cá. Elas não sabem o que tem de tão bom aqui. Perguntaram para o meu pai. Meu pai falou: 'Nada. Só ficam aqui em casa'.*

Cleomar afirma que dificilmente se desentende com seu pai. Algumas vezes se desentendeu, mas porque antes houve uma briga ou discussão com outra pessoa. Nesses casos, fica nervoso por tal situação, seu pai pede explicação ou solicita que faça alguma atividade, o que deixa Cleomar mais nervoso, por isso, acabam se desentendendo:

*Daí o meu pai não sabe, que eu brigo com essa pessoa, só sabe depois que eu briguei com ele. Daí tipo, eu tenho que lavar a louça assim, daí ele fala que eu tenho que lavar a louça, daí eu estou lá sentado e não lavo a louça, daí ele entra: 'Oh Cleomar! Lava a louça'. Daí ele sempre vê uma coisa que nunca tem, tipo: 'Tu está batendo os pés, guri'. 'Não, fica aí no teu quarto agora que eu vou lavar a louça'. 'Que cara é essa?' 'É a única que eu tenho'. 'Ah, deixa que eu lavo a louça'.*

Carlos e Cleomar já conversaram sobre o que houve na ocasião da separação, os motivos desta e como ela aconteceu. O filho revela um motivo que não apareceu na entrevista com Carlos, quando afirma não concordar com a traição que levou o casal a se separar, pois entende que deveriam ter conversado para buscar uma solução:

*Nem uma criança fazia o que eles fizeram. Que pedisse, né, ter falado: não consigo mais conviver contigo, mas não ir lá com outro cara. E meu pai foi mais inocente ainda, foi lá, e só para dar nos dedos, ficou com outra gurria. Nem eu faço isso na escola. Eu falei isso para ele. Ele: 'Ah, mas não é bem assim, né?' Eu: 'Ah, mas tinha que ter pensado'. Ele: 'É'. Daí ele muda de assunto.*

No decorrer desse relato, Cleomar afirmou que, do período em que esteve com a mãe e o segundo marido dela, não tinha reclamações. Depois, a mãe dele se separou novamente e passou a conviver com o terceiro marido, com quem Cleomar teve problemas.

*Se a minha mãe tivesse ficado com o mesmo cara a vida dela inteira, eu não teria vindo morar aqui, eu teria ficado lá. Com o pai da minha irmã, não é o meu pai e não é o pai dos meus irmãos. Ele se separou da minha mãe e ela teve um outro namorado. Daí eu não me dava muito bem. Ele queria dar uma de macho e queria me bater. Daí ele me batia. Na última vez, ele chamou meu pai de palavrão, na minha frente, ele ameaçou o meu pai pelo celular, ele foi para me bater, assim. Daí bah! Bah! Eu peguei um pedaço de pau.*

*Depois que minha mãe teve os meus irmãos, para mim ela tinha me esquecido, sabe? Ela saía, fazia as coisas, chegava e dormia, não dava mais para conviver assim com ela. Daí,*

*quando eu fazia alguma coisa de errado, ela nunca ia lá e me xingava, ela mandava o meu padrasto me bater. Eu não consegui mais e vim para cá. Eu estava tri mal. Tipo a bronquite, sabe, eu faço uma vez nebulização e passa. Eu não conseguia, eu tinha que fazer umas dez vezes para conseguir passar.*

Foi pela dificuldade de convivência com o padrasto que Cleomar, com 11 anos de idade, deixou a residência da mãe, a fim de morar com seu pai. Segundo ele, não foi o pai, a mãe ou o padrasto que decidiram essa questão. Foi o próprio Cleomar que, sabendo que não deveria ser ele o responsável pela decisão, buscou um espaço mais saudável para viver. Encontrou em seu pai a solução para seu problema.

*Nem meu pai, ele não pediu para mim vim para cá. Eu que vim por que eu quis. Eu sei que eu não tinha idade e não tinha cabeça, que eu era muito quieto, assim sabe, para pensar em vir para cá. Daí, mas bah! Tava muito difícil.*

*Daí no outro dia assim a minha mãe foi trabalhar, como se nada tivesse acontecido. Daí ela chegou em casa e eu não estava mais em casa. Daí ela veio aqui e eu não estava aqui, não tinha ninguém em casa. Eu estava lá na avó. Daí ela ligou para mim, depois eu fiquei uma semana sem ver ela. Daí depois, eu fui lá com o meu pai.*

No relato, Cleomar confirmou que, logo que foi morar com o pai, este ficava inseguro em deixar o filho sozinho, pois imaginava que a mãe poderia sequestrá-lo.

*Meu pai tinha medo da minha mãe me sequestrar, sabe? Me pegar e sumir.*

*No começo, minha primeira semana, eu cheguei a arrumar minhas coisas para ir para minha mãe, sabe? Não gosto de ficar longe dos meus irmãos. Só que eu pensava: não, voltar para lá de novo? Mas agora eu estou bem.*

Nos finais de semana em que Cleomar passa com a mãe, fica no computador com seu padrasto e assiste à televisão. Segundo o menino, quando está com a família da mãe, recebe “*tudo nas mãos*”, razão pela qual já pediu para a mãe que não deseje manter essa situação, pois não vai morar mais com ela. Demonstrou, com isso, já estar habituado com o modo de vida que leva com seu pai:

*Agora eu não ia mais conseguir morar lá de novo. Eu já falei para ela, se eu fosse morar lá não ia ser por causa dela e do meu padrasto, ia ser por causa dos meus irmãos.*

*Vou lá e vejo como é que estão as coisas. É outra coisa. A minha mãe não deixa o meu padrasto xingar os meus irmãos na minha frente, por causa que ela sabe que, qualquer coisa eu posso contar. Mas, está bem agora, a gente não está mais brigando.*

Embora Cleomar afirme não querer voltar a morar com a mãe, sente falta dos momentos de conversas que entabulava com ela, já que, com o pai, é diferente. Para preencher esse vazio em relação à mãe, Cleomar a procura para dialogar.

*Acontecia alguma coisa comigo, assim na rua, com alguma guria ou com um amigo meu, e aí a minha mãe pegava e conversava comigo, sabe? Só que daí ela nunca mais fez isso. Daí tem vezes que eu sinto falta disso. Meu pai fala comigo, também, mas não é a mesma coisa que falar com a mãe, sabe? Bah! É bem diferente falar alguma coisa assim com o pai do que com a mãe.*

Cleomar imagina que, quando veio morar com seu pai, causou um desentendimento entre o pai e o tio que perdurou por um longo tempo. Carlos morava com seu irmão e, quando seu filho o procurou, o irmão precisou desocupar um espaço na casa para que o filho pudesse ocupar.

*Eu só sei que eu cheguei aqui de manhã e meu pai estava arrumando o quarto do meu tio, tirando as coisas dele. E depois o meu tio chegou assim e nem falou com meu pai. Eles ficaram um tempão sem se falar.*

*No mesmo dia que eu vim morar aqui, o meu tio saiu daqui, foi morar com a minha avó. Ele e meu pai brigaram. Eu não sei porque que é, meu pai não me contou ainda, porque se ele não contou é porque talvez seja por causa de mim. Mas eu não sei se é certo. Mas isso eu penso ainda: meu tio saiu aqui de casa por causa de mim. Mas meu pai não me disse porque que é. Então eu não sei por que. Mas para mim esse é o momento mais ruim, porque eu não sei porque é, e pode ser que seja, eles brigaram feio.*

O adolescente carrega certa culpa por ter causado esse desentendimento entre pai e tio. Afirma que “*agora eles já se acertaram, mas ele podia estar morando aqui*”. Cleomar já tentou conversar com seu pai sobre esse assunto, mas o pai não quer lhe contar o que houve e “*diz que é assunto dele*”.

#### *1.5.2.8 Concepções das figuras parentais identificadas por meio do CAT-H*

Cleomar descreve, em muitas histórias, o dia a dia de uma família chefiada pelo pai. Diante da primeira gravura, narra a história de um pai que é convidado pelo filho a fazer a janta para os amigos:

*Eles estavam brincando, as crianças e daí um deles ficou com fome. Daí eles, os outros dois foram tudo lá na casa dessa criança que estava com fome e ela pediu para o pai delas fazer uma janta e daí ele fez a janta.*

Durante a história, relatou que os amigos foram solicitar às mães a permissão para jantar na casa do menino, cujo pai faria a janta; elas permitiram, o que se explicita a seguir:

*Daí eles foram lá, viram o que as mães acharam e foram lá para casa do amigo deles. Daí eles comeram e jantaram e ficaram lá.*

Nessa história, identifica-se uma figura paterna não tradicional, responsável pelos afazeres domésticos, que mantém tal proximidade com o filho que age com tranquilidade ao ver filho chegar com seus amigos para jantar. O pai da criança que convidou os amigos parece dar liberdade, autonomia e apoio ao filho nas decisões dele. Essa história pode ser comparada com a vivência de Cleomar, que afirmou, na entrevista, que seus amigos circulam sob sua responsabilidade em sua casa, mas precisam do aval de suas mães para isso.

A partir de outra gravura, Cleomar torna mais explícita a imagem da figura paterna como responsável pela guarda dos filhos. Na história que segue, imagina uma família cujos pais se separam pelo motivo da traição. O filho fica com a guarda do pai, que o pune por determinado acontecimento e logo depois pede desculpas ao filho:

*Tinha um senhor que era casado com uma mulher. Daí um dia ele brigou com a mulher dele, porque ela tinha traído ele. Tinha brigado de manhã, daí depois tinha ido para o trabalho, daí chegou cansado. Daí viu que o filho dele estava com uma cara de triste, assim. Daí ficou olhando para o filho dele, daí ele decidiu que eles queriam tirar uma foto, para botar na parede. Daí ele pegou o filho dele, botou num lado da cadeira dele, daí eles tiraram uma foto. Daí depois o filho dele começou a chorar. Daí ele perguntou porque o filho dele estava chorando. Daí ele [o filho] disse que estava chorando porque ele [o pai] não queria [que o filho] tirar foto no colo. Daí ele ficou irritado e bateu no gurizinho e daí o gurizinho começou a chorar, daí foi dormir. Daí depois ele [o pai] foi lá no quarto, de noite, e acordou o gurizinho e pediu desculpas para o gurizinho. Daí o gurizinho aceitou as desculpas dele. Daí o pai dele dormiu com ele lá, aquele dia de noite, e contou uma história para ele e daí ele dormiu. A foto era para marcar o tempo de quando os dois estavam juntos assim, o primeiro dia sozinhos, só os dois, sem a mãe deles.*

Cleomar iniciou essa história aproximando-a do fato da separação de seus pais. Porém, por não concordar com a maneira como os pais resolveram o problema da traição, imaginou a

história com a traição da mãe, sem a vingança do pai. Além disso, vê-se um pai com poder de escolha: há a opção de permanecer com o filho. Será que essa história não estaria revelando o desejo de Cleomar de ter ficado com o pai após a separação? Outro aspecto a ser ressaltado é que, na parte final da história, Cleomar parece fazer uma projeção precisa da história dele próprio. Carlos relatou, na sua entrevista, que o pai batia nele e pedia desculpas, o que parece também ser um comportamento dele em relação ao filho.

Cleomar também narrou a história de uma família mais tradicional, composta pelos pais e seus filhos. Pela história, é possível verificar que os pais dividem as tarefas. A mãe chegou do trabalho, o pai estava com os filhos e preparou a janta. À noite, foi a mãe quem providenciou os devidos cuidados para o bem-estar dos filhos.

*Um dia, a mãe dos nenês, chegou em casa, daí ela tinha perdido o emprego. Daí o marido dela foi lá para o quarto e teve uma conversa com ela. Daí os nenês ficaram lá na sala sentados [...] ela foi para o banheiro tomar banho e ele ficou lá com os nenês brincando com eles, fazendo carinho neles.*

*[A mãe] Entrou na cozinha para pegar alguma coisa para comer. Daí o marido falou para ela voltar que ele ia fazer a janta. Daí ele foi lá fazer janta, daí eles comeram, os nenês e a mulher, daí eles foram deitar. Daí eles deitaram e botaram o nenê lá no berço, daí os nenês dormiram. Daí de noite eles acordaram porque um nenê estava chorando e tinha acordado o outro que queria mamar. Daí a mãe dele foi lá na cozinha, fez uma mamadeira e deu para o nenê, e daí o nenê tomou a mamadeira e dormiu. Daí ela se deitou de novo. Daí ela viu que o outro nenê não parava de tossir. Daí ela se levantou, pegou ele e foi lá na sala daí sentou com ele lá e daí ele parou de tossir um pouco, daí ela deu um remédio para ele, daí ela largou os dois e ficou sentado na beira da cama dela e ficou olhando para os dois.*

As demais histórias relatadas por Cleomar dizem respeito a famílias intactas e a famílias em que houve a separação depois das quais os filhos permanecem com o pai. Em algumas histórias, o pai protege, faz a higiene, cuida da alimentação do filho e, em outras, o pai propõe atividades de lazer e auxilia nos cuidados com a família.

#### *1.5.2.9 Discussão do caso*

Carlos é filho de pais separados, viveu a infância e a adolescência na companhia de e sob a responsabilidade do pai, que convivia com uma segunda esposa. Cresceu vendo-o participar das atividades domésticas e da criação dos filhos, destacando-se o exercício de um modelo de

paternidade não tradicional (Burdon, 1998; Magalhães, 2007). O pai está colocado numa das posições mais elevadas no imaginário de Carlos. A maneira como o descreveu, a explicitação da relação que tinha com ele e o conteúdo do relato mostraram o quanto Carlos projeta em seu pai a imagem de um super-herói.

O pai esteve presente em momentos difíceis de sua vida. Segundo Carlos, mais do que isso, seu pai sabia onde ele estava, estava ciente de sua situação, do que estava acontecendo, mesmo distante fisicamente do filho. Porém, ele também relatou que sua educação fora rigorosa e com punições, o que poderia gerar insegurança em Carlos. Por não falar desse sentimento durante a entrevista, possivelmente Carlos prefira ressaltar apenas o que considera positivo em seu pai. Situação que também pode levantar uma hipótese de idealização do mesmo, a partir do seu falecimento. O sentimento de insegurança no relacionamento com seu pai aparece quando se analisa o discurso de Carlos. Ele não optou por pedir auxílio ao pai para distanciar sua namorada do padrasto. Decidiram pela gravidez e, mesmo quando consumada, Carlos não buscou o pai espontaneamente para informá-lo do ocorrido. Essas questões parecem ir ao encontro dos resultados obtidos pelo TAT, cuja figura parental se mostra ligada à severidade e ao poder de decisão. Outra questão a se destacar é que o pai não permitia a Carlos seguir a profissão de músico; este afirma que, com a morte daquele, pôde seguir essa carreira, concretizando seu sonho. No entanto, para Carlos, seu pai foi referência e, atualmente, assevera que nele depositava confiança e buscava a direção para sua vida.

Carlos assumiu a paternidade como se fosse a única justificativa para sua vida, tornou a paternidade o motivo único de sua existência. No filho, estava projetada a responsabilidade por distanciar a ex-esposa do padrasto que desta abusava, fato que motivou Carlos a deixar as drogas, a buscar uma remuneração financeira e, inclusive, a apostar no filho como facilitador da superação de uma futura perda do pai. Tamanha é a importância projetada no filho, que, quando ocorre a separação e o distanciamento entre pai e filho, Carlos chega a tentar o suicídio.

Ele assumiu a paternidade desde a gestação do filho e passou a exercer a função paterna de maneira tão intensa que, quando houve o abandono do lar por parte da esposa, Carlos parece ter ficado sem objetivos para continuar sua vida. O relato que faz evidência ter passado por uma fase extremamente difícil após a separação: não tinha mais o filho com ele, por quem fez o máximo que pôde, na tentativa de suprir todas as necessidades. Todavia, nesse aspecto situa-se outra contradição do seu relato uma vez que pouco refere ter feito para encontrar o filho nesse

tempo em que ficou distante. Foi necessário repensar diversos aspectos de sua vida para que pudesse se recuperar da depressão, das tentativas de suicídio e continuar vivendo.

Com a separação, a mãe levou o filho consigo sem cogitar a possibilidade e o desejo de Carlos de ficar com a guarda do menino. Cleomar, em seu relato, afirmou que a separação foi motivada por infidelidade, o que parece ser ainda uma experiência difícil para Carlos, que nem relata o acontecimento. Atormentado pela vivência da traição e da separação, que o leva a depressão e a tentativas de suicídio, Carlos convive com o afastamento do filho, em vez de continuar lutando para encontrá-lo após a separação. É possível pensar, nesse caso, que o fracasso na conjugalidade tenha gerado uma sensação de fracasso na paternidade.

A mãe ficou com a guarda de Cleomar, corroborando com os achados literários sobre a predominância da mãe nas decisões de guarda dos filhos (Dantas, 2003). Posteriormente, houve um pedido de pensão alimentícia por parte da mãe, fato que voltou a aproximar pai e filho. Observa-se uma atitude passiva de Carlos, que permite que a esposa e o filho deixem sua vida; afinal, logo após o casamento, deu-se conta de que foi um erro ter decidido pela gravidez em proteção da ex-esposa. Certamente, ele sofreu a perda, mas parece buscar a simples conformação, deprimindo-se, em vez de buscar seus direitos e de localizar a esposa e o filho. Essa situação revela também a ambivalência, evidenciada nas lâminas do TAT, entre assumir ou abandonar o filho. Atualmente, demonstra arrependimento em não manter-se firme, como quando sustentava o lar, ainda casado, para localizar o filho e continuar próximo dele.

Tal passividade se evidencia novamente a partir do momento em que soube dos maus tratos da mãe em relação ao seu filho, o que justifica dizendo não acreditar no filho. A partir disso, é o filho que decide pela sua própria proteção e decide morar com o pai. Carlos não acreditava no filho, quando este lhe falava dos maus tratos e da negligência materna. Cleomar precisou provar, com gravações de vídeo, como era sua vida. Somente quando esse filho se posicionou, afirmando não querer morar com a mãe, é que Carlos buscou a regularização da guarda do filho.

Além disso, nesse momento, percebeu a necessidade de ser muito mais do que apenas palavras e conselhos, ou um espelho para o filho; trouxe para si o modelo de paternidade que teve com seu pai. Dessa maneira, essa postura de Carlos em seguir o modelo de pai que teve quando criança vai ao encontro do que sustentam estudos realizados por Yablonsky (1990).

Transcendendo o modelo tradicional, assim como já havia feito o seu próprio pai, ao ficar com a guarda dos filhos após o divórcio, Carlos assumiu a responsabilidade pelo sustento do lar, sem deixar de auxiliar nos cuidados com o filho e com as atividades domésticas. Dessa maneira, esse pai não rompe totalmente com o modelo tradicional de paternidade, mas acrescenta a este modelo a responsabilidade pelas tarefas domésticas e de criação dos filhos, o que, conseqüentemente, caracteriza o novo modelo de paternidade (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Carlos realizava atividades historicamente vinculadas à maternidade, mas não demonstrou que isso pudesse colocar em cheque a própria masculinidade (Barsted, 1998; Staudt & Wagner, 2008). É possível que, em razão de ter um modelo de paternidade que incorporou a participação ativa nas atividades domésticas e nos cuidados, na criação e na educação dos filhos, Carlos tenha entendido tudo isso como parte de sua função, além do papel de sustento do lar (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

A partir desse momento, Carlos voltou a assumir o que sempre quis ser para seu filho: um pai como o pai que teve. Mudou sua rotina, seus hábitos e costumes, em prol de ser um modelo para seu filho. Nos primeiros meses de convivência, pai e filho passaram por momentos de adaptação. Cleomar também teve que se adaptar ao modelo de vida do pai, que era diferente da vida que levava na companhia de sua mãe. No entanto, embora tenham afirmado que essa fase já passou, Cleomar relatou ter dificuldade de fazer pedidos ao seu pai e revelou buscar, primeiramente, a opinião da mãe e, só posteriormente, a do pai. Tais fatos demonstram que os pais ainda ocupam os papéis tradicionais relacionados ao gênero: o pai ocupa uma figura de maior autoridade diante da mãe, que, por sua vez, está mais ligada aos cuidados e vínculos afetivos com os filhos (Grzybowski & Wagner, 2007).

A partir do momento em que Cleomar passou a morar com o pai, concretizou-se uma família pós-divórcio chefiada pelo pai e Carlos passou a acumular funções. No entanto, em vista do fato de o menino ter idade para auxiliar nas atividades domésticas, pai e filho dividem as tarefas. Autores como Souza (2008) afirmam que, nas famílias chefiadas por somente um dos progenitores, pode haver uma maior participação dos filhos nas atividades domésticas. Tal aspecto não foi marcado como dificuldade, contradizendo autores como Garbar e Theodore (2000), quando afirmam que o desempenho das atividades domésticas para as famílias chefiadas por homens é encarado como uma dificuldade.

Além disso, Carlos estimula o filho a confiar em si mesmo e a buscar respostas, bem como a não aceitar os fatos como são. Ao mesmo tempo, luta por não deixar o filho sem respostas. Mais do que ensinar com palavras, Carlos ensina com atitudes, o que fica evidente ao analisar o fato de dividir com seu filho a decisão pelo cardápio da semana. Outro aspecto a ser destacado é a autonomia que esse pai objetiva preservar em seu filho, pois exige resultados melhores no colégio ao filho, ao mesmo tempo em que dá liberdade a este de estudar a sua maneira.

Em relação às condições financeiras, não foram identificadas dificuldades por Carlos, talvez pelo fato de o sustento do lar ser uma responsabilidade social masculina, o que ele sempre exerceu. Essa é uma situação diferente da que costuma acontecer quando as famílias pós-divórcio são chefiadas pelas mulheres (Brown, 2001; Garbar & Theodore, 2000). Contudo, também cabe questionar sobre o quanto ele se permite falar das dificuldades, uma vez que nos relatos do filho aparecem situações de auxílio financeiro. Pode-se pensar que, pelo fato do sustento financeiro ser tradicionalmente algo esperado do pai, Carlos não tenha se permitido admitir sua dificuldade em assumir essa responsabilidade.

Com a guarda sob responsabilidade do pai, não houve um afastamento da mãe; pelo contrário, a mãe quer seduzir o filho para que retorne a viver em sua companhia. Além disso, essa mudança também produziu a aproximação de Cleomar com os familiares da família extensa, principalmente por parte do pai. O relato do menino, sobre a participação dos familiares na aquisição de material escolar, roupas e remédios seguem a mesma direção dos achados de alguns autores que afirmam que a família constituída por um dos genitores tende a aproximar-se de outros membros da família extensa (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003; Brito, 2007; Peck e Manocherian, 2001).

Em relação aos resultados do TAT, evidenciou-se que Carlos procura concretizar a função paterna ligada ao amor, à família, à esposa e aos filhos e ao sustento do lar. Em contrapartida, também faz referência a um modelo de paternidade autoritário, disciplinador, que utiliza seu poder para decidir sobre outros membros da família. Esse aspecto pode ser relacionado ao fato de que o pai de Carlos o impedia de seguir a carreira de músico, a qual queria muito. Quando o pai adota essa postura, no caso da história em que os pais decidem pelo casamento da filha, é o irmão que fica do lado dela e contra a decisão dos pais. Cabe fazer uma relação com a infância de Carlos, por cujo irmão deveria zelar, podendo ser penalizado pelo pai, caso não o fizesse.



### 1.5.3.2 Do nascimento ao casamento

Na entrevista deste caso, Germano relatou que seu pai lhe oferecia tudo de que precisava, “mas não dava o fundamental, que era a presença dele”. Seu pai nunca deixou que lhe faltassem “bens materiais, comida, tênis novo, roupa boa”, porém “não participava dos meus colégios, dos meus jogos”.

O pai de Germano, todavia, falecido cinco anos antes da entrevista realizada, deixou saudade que ele revelou sentir e aumentar cada vez mais, pois gostava muito dele. Ao falar do pai, Germano se emocionou, por isso, falou pouco da relação que teve com ele:

*Eu sinto muito quando eu falo nele, eu não posso falar nele que eu me emociono. Eu gostava dele, gosto ainda até hoje, cada vez está ficando mais forte isso, a saudade. A gente se dava muito bem, só que não era o pai que eu sonho, não era, mas também nunca foi mau, nunca deixou sentar uma mosca em nós, nada. Mas o jeito dele era aquele jeito seco, aquele abraço de lado, mas, nossa, faz falta.*

A família de Germano reside há muito tempo na mesma cidade e, segundo o entrevistado, mantém-se, de longa data, unida. O pai sempre morou junto com a família. Germano recordou momentos especiais que vivera junto ao seu pai, ligados a viagens:

*Eu gostava quando a gente ia para praia, a família toda, todo mundo de camisa do inter. Se fardava de colorado e ia. Daí, cada restaurante que parava no meio do caminho ou posto de gasolina, era brincadeira, era um momento que eu gostava, que eu sempre recordo. Escrevo às vezes sobre isso.*

Germano, ao atingir a adolescência, sentia-se mais à vontade com sua mãe, para pedir o carro, por exemplo, pois o pai ficava mais distante dos filhos e somente intervinha em momentos de maior gravidade. Revela:

*Claro que eu tinha mais facilidade com a minha mãe, de chegar, de pedir o carro. Se tivesse que pedir para sair, era tudo com a minha mãe. Com o meu pai, eu tinha mais respeito, não chamava ele de senhor, também, não era tão longe assim. Mas, mais era com a minha mãe, o pai supervisionava de longe. Quando precisava de uma coisa mais grave ele entrava, com mais energia.*

### 1.5.3.3 Do casamento à separação

Aos 27 anos de idade, Germano casou-se com sua atual ex-esposa, na época, uma menina de 17 anos de idade. Considera que teve um relacionamento agradável, com desentendimentos, mas tudo dentro da normalidade. Casaram-se e decorrido um ano, aproximadamente, tiveram o primeiro filho. Dois anos depois, tiveram o segundo. De acordo com o que conta Germano, viveram um bom casamento, pois, entre outros fatos, gostavam de passear e viajar em família. No entanto, havia uma divergência: enquanto a esposa tinha sonhos de conhecer o mundo, Germano não conseguia se adaptar fora de sua cidade. Fizeram diversas tentativas de mudanças de residência e, embora ele tenha relatado não possuir problemas com mudanças, afirma que esse era um aspecto do relacionamento em que encontrava dificuldades:

*Cara, só essa coisa que a gente se mudava muito. Ela tinha um espírito muito cigano, muito nômade. Onde ela ia, eu ia atrás, mas não chegava a ser ruim porque sempre é uma mudança, eu gosto também de mudança e desafio.*

Germano relatou que, durante o casamento, seu pai ainda vivia. De um lado, recordou que gostava dos domingos que passavam em família; preparavam o almoço e almoçavam juntos, a família de Germano, seus pais e a família da irmã. De outro, evocou os momentos conflituosos gerados pela questão financeira, afirmando que a esposa não mantinha as finanças em dia. Reconheceu a dificuldade em se manter estável com uma atividade remunerada, o que contribuiu para a intensificação da instabilidade financeira. Considera o aspecto financeiro uma das causas fundamentais da separação:

*Vai numa loja aí e compra 300 reais e nós estamos com a conta de luz atrasada, daí já dá aquela briga. [...] Não me lembro, pelo menos de ciúmes, esse tipo de coisa, mas eu me lembro que financeiramente. Eu sou muito empreendedor, então sempre parece que uma coisa vai melhorar e aí eu desgosto de um emprego e começo em outro. Então nós tivemos vários altos e baixos, ganhamos muito dinheiro juntos, eu e ela, e a gente faliu junto também. Então, nessa hora aí é brabo, isso aí não tem casamento que resista, o dinheiro. Eu acho que um dos motivos até foi esse. Se eu tivesse financeiramente bem, nós estaríamos até hoje. Acho que foi mais ligado a dinheiro.*

Em relação à decisão de ter filhos, “o primeiro e o segundo vieram sem querer”. O casal não planejou, embora desejassem ter filhos. O primeiro foi recebido com muita alegria e festejos, mas o segundo nasceu quando o mais velho ainda era pequeno e em momento de crise financeira

na família. Além disso, a mãe estava com toxoplasmose e as recomendações médicas eram de fazer aborto, conforme lembra Germano. Após receberem essa notícia, ficaram indecisos, mas, depois de realizarem as devidas ponderações, levaram adiante a ideia de ter mais um filho:

*E a gente decidiu: vamos seguir adiante, não vamos tirar. E foi a escolha acertada. Não chegou a ser um trauma, mas foi uma coisa mais pesada. Não veio: 'ai que maravilha'. Foi aquele medo até a hora que nasceu. Mas aí nasceu, tirou dez no testezinho, aquele que eles fazem, tudo, e até hoje é nota dez o guri.*

Germano afirmou que assumiu “o papel de pai” quando soube que sua esposa estava grávida do primeiro filho; diante disso, avalia que “foi bem tranquilo”. Durante a semana, Germano trabalhava fora de casa, mas, como era dono de seu próprio negócio, conseguia almoçar todos os dias com os filhos e a esposa, podendo, de vez em quando, levá-los consigo para seu local de trabalho. Germano também desfrutava seus momentos individuais com seus amigos; observou que passava menos tempo com os filhos do que atualmente. Nesses dias de ausência do pai, as crianças ficavam com a mãe e, conforme a avaliação desse pai, estavam bem cuidados. Sobre isso, diz:

*Eu passava um sábado, eu saía de manhã, nove horas para jogar tênis e eu voltava oito da noite. Eu passava os sábados inteiros sem ver os meus filhos.*

#### 1.5.3.4 Da separação à paternidade pós-divórcio

Três anos após o nascimento do segundo filho, Germano e sua esposa se separaram. A ex-esposa foi morar com a mãe e levou as crianças. Germano pretendia entrar com um processo de guarda dos filhos após a separação, pois ambos, pai e mãe, desejavam ficar com as crianças. Para isso, esse pai agilizou os procedimentos necessários à obtenção da guarda com os advogados e começou a organizar a construção de uma casa para morarem. Dessa época, relata:

*Então na hora já entrei com advogado e daí ele disse: cara, tu tem que fazer tua casa. E daí eu já comecei a querer construir a casa para trazer meus filhos.*

Semanas após a separação, a ex-esposa o informou de que se mudaria para o exterior, o que possibilitou um acordo amigável quanto à guarda dos filhos, que ficariam sob responsabilidade do pai, enquanto a mãe viajaria sozinha.

*Então ia ser litigiosa, mas ela me ligou perguntando se eu não poderia buscar os guris, que ela já tinha feito o passaporte. E eu disse: meu Deus, só se for agora. Fui lá e busquei os guris e a guarda ficou comigo. Já entrei com o processo e já ganhei a guarda.*

A partir desse momento, Germano teve novos desafios para superar. Sozinho com os filhos, passou por momentos de adaptação e reorganização de sua vida. Essa situação inusitada é assim narrada por ele:

*Aí eu fiquei sozinho com os dois. Quando a gente veio, eu não tinha nem onde morar. Eu estava morando com a minha mãe. Daí eu disse: 'Não, mas como é que eu vou morar com a minha mãe, com os dois?' Daí eu resolvi construir aqui e só Deus sabe como foi que eu construí isso aqui, a duras penas. Daí a gente logo veio morar aqui e nós estamos aqui há cinco anos.*

Após a separação e a obtenção da guarda dos filhos, Germano relatou ter ocorrido um único desentendimento, pois a mãe pegou os filhos e não cumpriu o que havia sido combinado. Temeroso que a mãe pudesse fugir com os filhos, acionou o poder judiciário e providenciou a busca das crianças. Depois disso, ele combinou com sua ex-esposa que ela poderia ver os filhos, desde que isso acontecesse na mesma cidade onde residem. Germano evoca tais fatos:

*Aconteceu uma vez que ela veio, dois anos depois ou um ano depois, passear aqui. Ficou quinze dias, pegou as crianças e levou. Disse que iria no final de semana e voltaria na segunda. Era sexta-feira da outra semana e ela não tinha voltado, ainda. Então eu entrei com uma liminar, fomos lá e buscamos as crianças com força policial e tudo. Eu achei que ela ia levar para o exterior, porque não me ligou. Daí a gente chegou lá: 'Não, está aqui a carta e eu vou levar agora'. Ela disse: 'Não, não vou entregar'. Daí a gente foi no juizado, resolvemos e eu trouxe as crianças embora. Logo depois ela veio, já pediu desculpas, ficou tudo numa boa.*

#### *1.5.3.5 Paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai*

Após a separação e a partida da ex-esposa para o exterior, Germano relatou que as crianças sentiram falta dela e que passaram por momentos de adaptação. Desse momento em diante, as crianças poderiam conversar com a mãe somente por telefone e pela internet. Essa situação causou certo temor ou insegurança, pois Germano temia não conseguir conduzir a família sozinho. Reconhece isto, quando diz:

*Claro que os gurus sofreram. Eu disse que não, mas a gente via, choravam por qualquer coisinha, no começo e eu tinha medo de não conseguir segurar essa coisa, de dizer: 'Não, ou nós vamos morar aí ou tu vem morar aqui, porque eles estão sentindo'. Mas superaram tranquilamente, depois de uns três meses acho que durou mais ou menos.*

Nessa fase, Germano também se adaptou à nova maneira de exercer a paternidade. Relatou que, antes da separação, exercia sua função de pai, mas que, quando separado e como responsável pela guarda dos filhos, as atividades da paternidade aumentaram:

*Porque quando tu esta dividindo com a mulher, tu está sempre dividindo a paternidade. Cada um cuida um pouco. Mas ela pega e vai embora e eu fiquei sozinho. Daí isso aí que me fez ser o pai mesmo de verdade.*

Germano assumiu, então, um lugar mais próximo dos filhos. Em momentos nos quais saía para suas atividades esportivas ou para o trabalho, por exemplo, enquanto casado, os filhos ficavam sob o cuidado da mãe, no entanto, após a separação, passaram a ser exclusiva responsabilidade sua. Dessa forma, atualmente, leva consigo os filhos em suas atividades de esporte e lazer, bem como a outras atividades que, anteriormente, realizava sozinho. Germano percebe isso com positividade:

*Eu levo meus filhos no futebol, eu levo os meus filhos onde eu vou, estou sempre com eles. Eu digo: são meus filhos. Eu vou no futebol, todo jogo do inter nós vamos. Vai eu e os dois. Sabe, eu vivo com eles. E antes, claro que não. Eu deixava eles num sábado de tarde, ficava com a mãe deles, mesmo sendo pai, eu deixava eles e ia jogar tênis. E agora não, se nós vamos jogar tênis, vamos juntos. Então eles vão, ficam ali juntos, jogam futebol, jogam tênis. Eu faço a minha vida e eles estão sempre juntos. E eles não são um estorvo. E isso aí só aconteceu quando eu fiquei sozinho. Até hoje, eu sempre digo: 'Bah! Eu achei que eu era pai antes, mas antes eu não era'.*

Germano reconhece que encontra em seus filhos uma parceria para a rotina diária. Divide com eles os momentos de diversão, de lazer e de atividades domésticas. Quando prepara a comida, em momentos em que os filhos estão em casa, solicita a eles que lhe façam companhia na cozinha. Germano considera isso anormal, afirmando que a normalidade entre as famílias ocorre quando o casal de pais cozinha e os filhos brincam na sala, por exemplo, sem participar das atividades que os pais realizam. Ressalta, por isso:

*Eles são companheiros para olhar um jogo, para olhar um filme, para tudo, para escutar música, fazer comida, para lavar a louça. Eles são parceiros em tudo.*

*Eu acho que isso também não é uma coisa normal. Uma coisa normal, eu acredito que seja o pai chegar em casa e a mãe tá lá, os dois ficam lá cozinhando e os filhos estão aqui olhando televisão ou vão para o quarto. Não tem aquela coisa: 'Não, vamos ficar juntos aqui'.*

Germano considera que seus filhos são autônomos. Organizam-se para as atividades festivas, por exemplo, comprando presente, se necessário, escolhendo e vestindo a própria roupa. Sentem-se seguros para organizar sua própria alimentação, quando necessário, o que também verifica quando vão acampar, viajar e na ida à praia. Esse pai avalia que incentiva a independência de seus filhos:

*Então eu não tenho: 'te vira'. Eu gosto, né, desde pequeno eles são assim. Pode fazer sujeira ao redor do prato, sujar o chão, mas: 'te vira'. E eles vão estar com trinta anos, dizendo assim: 'Bah, mas porque que meu pai não bota uma empresa para mim?' 'Não, te vira, tu vai ter que montar a tua empresa'.*

No dia a dia, quando seus filhos ultrapassam os limites e se mostram desorganizados, Germano diz que procura mostrar a eles a atitude adequada, incentivando a organização. Julga que, mesmo sendo mais difícil o cotidiano sem uma empregada para manter a limpeza do lar, a necessidade de fazerem cada um a sua parte na manutenção da higiene da casa é uma questão de educação:

*Em casa, eu tento, se tu olhar, não é aquele primor, limpinho, tudo direitinho, porque eu não pago empregada. A empregada sou eu e os dois, estou ralhando todo o dia: vamos arrumar o quarto, vamos me ajudar na louça, enfim, a gente divide as tarefas. Não é como se tivesse uma mulher ou uma empregada, mas eu prefiro assim. Então, é melhor a gente pelear um pouquinho mais e formar um caráter, saber que se tu sujou o chão, vai ter que limpar.*

Germano e seus filhos não costumam manter uma limpeza rigorosa na casa. Priorizam os momentos de lazer durante e após a janta, por exemplo, deixando a limpeza para outro momento. Organizam-se em momentos que Germano considera mais apropriados para isso e, geralmente, essa tarefa é dividida com os filhos.

*Chegam, larga a mochila no meio da sala e ficam pulando por cima da mochila e a mochila ali. Eu digo: 'Mas vem cá, tchê'. A calça fica do lado avesso no meio do quarto. Daí tem que está indo: 'Pô!'. Tem a hora para olhar televisão e eles querem olhar e daí: 'Depois eu arrumo'. E a hora que eu chamo eles para dizer: 'Deu, agora nós vamos arrumar a casa'. Eles pegam legal. Eles não são aquelas pessoas, tipo assim, gente que está fazendo uma comida, está fazendo a comida e já está lavando a tábua de passa bife, já está fazendo a comida e arrumando a casa. Eu não sou assim e eles não são assim. Sabe, de repente eu estou olhando televisão e a casa vai ficando uma chafurda, mas daí chegou a hora de limpeza, daí a gente vai limpar. Então é um estilo diferente. Eu acho que eu acabei até passando isso para eles. Mas quando eu digo: 'Agora vamos ajudar'. Um pega e ajuda a estender roupas, recolher roupa, o outro ajuda a arrumar o quarto [...].*

Germano julga exercer a paternidade exemplarmente. Por tomar conta da maioria das atividades dos filhos e pelo fato de estar próximo deles, considera-se, orgulhosamente, “*uma mãe*” para seus filhos;

*Eu vou dizer, eu sou uma mãe mesmo, assim. Eu vou nas reuniões de escola, vou no dia das mães, vou no dia dos pais, levo eles sempre nos amigos, busco nos amigos. Não delego para ninguém essa função. Os dois são desportistas, então estão sempre com futebol. Eu vou em todos os jogos deles. Eu só não vou quando os dois estão jogando ao mesmo tempo. E mesmo assim, às vezes, eu tento olhar um, depois do outro.*

O filho que Germano recomendou a participar da pesquisa foi Gabriel, que está com dez anos. O pai elogiou Gabriel, com orgulho, dizendo que é nota dez em tudo, enfatizando que é um líder:

*Os meus jogam os dois no Inter, mas aí eu fui tirar. Os caras disseram: ele é um líder nato. Se alguém se machuca, ele corre lá para ver se o guri se machucou. Ele que intermedeia, ele que aparta as brigas, ele que canta as músicas no ônibus. Ele é um guri fora de série. As professoras, nossa, tem paixão por ele. Ele termina a prova antes de todo mundo e vai ajudar os outros.*

Na descrição da rotina diária, esse pai narrou que o responsável por colocar o relógio para despertar é seu filho Gabriel; e acrescentou que não é necessário pedir ou mandá-lo fazer. Às vezes, quem prepara o café é Germano; em outras, as próprias crianças. O pai leva os filhos para a escola e, ao voltar, cuida da limpeza da casa. Atualmente, trabalha em sua própria residência. O almoço era preparado em casa por ele, mas, neste momento de sua vida, a família tem almoçado na casa da mãe de Germano durante a semana. Houve épocas em que almoçavam em restaurante.

O pai relatou que o trabalho profissional realizado na própria residência facilita um acompanhamento mais efetivo dos filhos, oportunizando que, juntos, preparem a janta e façam a refeição. Depois, em vez de lavarem a louça, reúnem-se no quarto do pai para ver televisão, para conversar e, depois, juntos, dormirem. A exceção é quando Germano coloca os filhos de castigo ou quando se desentendem. O castigo é dormirem separadamente:

*Ontem, eles estavam querendo brigar, de lutinha e vão se passando. Eu disse: 'Mais uma dessa e vocês vão para o quarto de vocês'. Daí como eles querem dormir comigo, no mesmo quarto, eles se comportam. E a gente fica ali, a gente olha televisão, olhamos o Pânico. É bom porque a gente gosta dos mesmos programas, um pouco de esporte, um pouco de Fantástico e vamos dormir.*

Os filhos de Germano jogam em times de futebol e participam de campeonatos. O pai acompanha todos os jogos dos filhos. No sábado, por exemplo, que é um dos dias da semana em que os filhos mais têm atividades, Germano fica o dia todo em função das crianças. No horário da janta, costumam convidar amigos de Gabriel e do irmão para jantarem, quando é possível propiciar momentos de diversão para os filhos e estes amigos. A janta geralmente é pizza e, respeitando os gostos, cada um prepara a sua. Lembra:

*Tem que ter esse momento com eles fazendo a pizza: 'Não bota cebola'. 'Cuida a minha'. 'Essa é a minha'. Mas eles ficam ali comigo ou metendo o bedelho ali, fazendo a parte deles. E é legal, daí eu boto som [...].*

Em relação aos familiares de Germano, quem mais participa do dia a dia da família é sua mãe, pois moram muito próximos, o que facilita o auxílio que ela traz à alimentação diária. Além disso, quando os filhos não podem acompanhar o pai, ficam sob responsabilidade dela:

*Claro que, às vezes, eu conto com ela. Eu preciso sair, de noite, eu tenho a minha vida, também. Então eu quero sair sábado de noite, ela fica com eles. Eles ficam tranquilos com a minha mãe.*

A mãe de Gabriel reside fora do Brasil e entra em contato diariamente com os filhos por meio da internet. Germano considera que há um relacionamento saudável entre ele, seus filhos e a ex-esposa. Depois que ela saiu do Brasil, visitou os filhos duas vezes, já se contabilizando dois anos sem visita. O pai de Gabriel reconhece a qualidade de relação, mesmo distante:

*Mas ela é uma mãezona. Ela liga todo o dia e fica falando com eles e daí, sabe: ‘Tu levou eles no dentista?’ Sabe? Se preocupando se eu levei eles no dentista. Um dia ela viu os dois brigando aqui: ‘Mas o que é isso? Vem cá os dois’. Botou os dois na frente, porque é pela ‘webcam’: ‘Um pede desculpas para o outro’. Eu do quarto dando risada: ‘Ela acha que isso não acontece toda a hora, ela acha que aconteceu só agora’.*

Germano define que ser pai é ser companheiro e presente. Para ele, o mais importante é o amor, o afeto, a presença, a educação, mais do que os bens materiais que poderia dar aos filhos:

*Presente, tem que ser presente. Daí eu peguei e disse exatamente o que eu comecei falando contigo e que eu vou terminar: meu pai nunca foi num jogo meu e eu tenho 46 troféus na minha sala. Eu joguei tênis, futebol, vôlei, handebol, xadrez, tudo que tu pode imaginar de esporte, meu pai nunca viu um. Eu nunca deixei de ver uma medalha que os meus filhos tem. Eles têm mais de cinquenta já, todas eu dei. Ser pai é isso. Pai é estar presente, eu tenho que estar ali.*

#### 1.5.3.6 Concepções das figuras parentais identificadas por meio do TAT

Diante da primeira gravura, Germano relata a história de um garoto que não quer aprender tocar violino, mas que está sendo obrigado pelos pais a aprender, já que lhe é imposto realizar um sonho que é deles. Emerge a imagem de figuras parentais autoritárias, que, antes do final da história, é direcionada ao personagem do pai. No entanto, o menino consegue desvencilhar-se, não cumprindo a meta do pai, já que não é o que gosta de fazer. Descreve:

*Eu vejo um menino que foi obrigado a tocar violino. Está na aula de violino e está exausto de querer tocar o violino. Não quer mais tocar o violino, enfim, está cansado. Acho que ele está sendo obrigado a tocar o violino. Ele está cansado disso e está relutante. Eu acho que é bem aqueles pais que não tiveram um sonho e querem que o filho tenha. Ou que é bonito porque o filho do fulano toca e então obrigam ele a ir para um colégio tocar esse violino. É bem aquele sonho de pai. [...] Eu acho que vai acabar que ele pode ir até mais um tempo, mas ele vai acabar largando o violino, ou quebrando o violino, não vai seguir nunca essa carreira de tocar violino.*

Germano pontua o desejo e a imposição do pai, mas revela a possibilidade de o filho não seguir o que está sendo imposto e, inclusive, rebelar-se. Nesse sentido, o pai tenta realizar o seu sonho por intermédio do filho, mas este demonstra que possui vontade própria e rejeita seguir o caminho traçado pelos pais.

Em outras gravuras, Germano projeta no personagem um pai que é a referência e o modelo para o filho. Entretanto, provavelmente por considerar importante preparar o filho para

exercer a autonomia muito mais do que a dependência, desempenha seu papel de conselheiro e referência, considerando que o filho deva resolver seus problemas, mesmo que, para o pai, seja difícil tolerar a tristeza do rapaz. O pai, nesse caso, é apresentado como conselheiro, como alguém mais experiente que mostra a direção mais adequada e que deseja ocupar esse lugar ao lado do filho:

*Esse aqui é o pai conversando com o filho, dando uns conselhos para o filho, falando alguma passagem da vida dele e ele está ouvindo. Parece que ele está meio triste, o rapaz, está precisando mesmo de um conselho e o velho está dando o que ele sabe para o rapaz. Eu acho que aconteceu alguma de coisa de mal com o guri, ou financeiramente ou com o casamento e o velho veio dar o apoio para ele. No final, ele acata o que o velho diz e tal, dá um abraço e vai tentar resolver o problema dele. Quem tem que resolver é ele mesmo, ele vai só abraçar o velho e vai sair, cabisbaixo mas tentando seguir o que o velho falou, eu acho. E o velho vai ficar ali, triste, porque queria que fosse com ele e tal.*

Nessa história, Germano parece projetar, no personagem do pai, as características e o relacionamento entre pai e filho, aquilo que sonhou estabelecer com seu pai. Além disso, o personagem parece exercer a paternidade em concordância com o modelo de paternidade que é para seus filhos. Na história, depois de receber o conselho, o filho vai “só” abraçar o pai. É possível que, nessa passagem, esteja expresso o desejo de ter recebido do pai o que atualmente afirma ser o mais importante ao exercício da paternidade: a presença, o afeto e a proteção. Ao mesmo tempo em que não recebeu tais atitudes de seu pai, é isso o que prioriza na relação com seus filhos.

Em outra história, Germano fala da ausência das figuras parentais. Imagina a história de um menino que está num orfanato e que sonha em viver um contexto social diferente daquele em que está inserido. Após atingir a idade adulta, o menino vai em busca de seus sonhos. Projeta a possibilidade de vencer, de se tornar, inclusive, um presidente da república, mesmo sem ter sido criado em uma família estruturada. Germano criou um personagem que é um exemplo de superação, e que retrata a possibilidade de manter-se íntegro e conquistar seus sonhos, mesmo sendo sonhos distantes de seu contexto. Por meio do personagem, Germano parece transmitir a mensagem de que é possível existir e ser um pai carinhoso, afetuoso, próximo dos filhos, mesmo que tenha vivido com um pai sem essas qualidades:

*Um menino no orfanato, tem que passar ali os finais de semana, a semana toda. Está olhando para liberdade, vendo o mundo lá fora e ele sempre ali. Aqui dentro é uma*

*escuridão, é uma coisa fria, triste e a vida boa está lá fora e ele está só contemplando o outro lado, porque o lado de cá é escuro, feio, e o lado de lá é bonito. Ele chegou aí como um guri, eu acho, abandonado, sem família, nasceu sem ter para onde ir, não tem parente, não tem nada. Foi parar no orfanato. Vai acontecer que ele vai sair um dia, aos 18 anos e vai trabalhar, vai curtir lá fora, vai ver como era bonito de fato o que ele olhava e vai seguir a vida dele, vai ser um guri direito. Vai acabar aproveitando o que ele sempre almejava, né? Ele vai dizer: 'Não, agora eu vou curtir, porque eu sempre imaginei isso e não podia. Curte mais do que os outros, a vida, porque ele não teve aquela infância ali, né, quem tem não dá valor. Vai aproveitar bem, vai ser um presidente da república, quem sabe, um Lula.*

Por intermédio de uma das histórias, Germano imagina algo que deseja que aconteça com sua família: a possibilidade de viver afetuosa e amorosamente em companhia de seus filhos. Descreve um possível passeio com seus filhos para a Disney:

*Estamos passeando, estamos na Disney com tudo que tem direito, pipoca, carrossel, tudo, dando risada. Está sendo muito bom. E chegou aí, porque a gente teve esse projeto e vai acabar a gente marcando para voltar de novo e foi o começo de várias viagens, se Deus quiser.*

Além disso, Germano também demonstra a necessidade de fincar raízes e de desfrutar a alegria no âmbito do lar, através da história de uma cidadezinha onde as pessoas que ali habitam, ali nasceram, são amigos desde sempre e continuam vivendo ali, o que será assim até envelhecerem. Nesse relato, ele coloca características próprias nos personagens da história, peculiaridade que o diferencia da mãe de seus filhos:

*É um desenho, mas chegaram ali, nasceram ali, comunidadezinha do Bob Esponja, foram amigos desde pequenos e são amigos até hoje e vão seguir sem envelhecer, eles são desenho. Vão seguir ali, vão fazendo essa presepada deles, fazendo essas coisinhas deles aí, essas brincadeiras, mas vão ser amigos para sempre, ele e o Bob Esponja vão ser amigos, o Patrick, são felizes na casinha deles.*

Além dessas histórias, Germano apresentou outras que trataram de relações conjugais, algumas com filhos; outras, não. Também imaginou histórias em que ocorreram a traição, o divórcio e a infidelidade no casamento.

### 1.5.3.7 Paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai: o olhar do filho

Gabriel iniciou a entrevista afirmando que gosta de viver com seu pai. Divertem-se juntos e o tem como um amigo, como um companheiro. Afirma:

*Muito legal, a gente faz um monte de coisa, a gente come cedo e vai olhar filmes. Ele é uma pessoa legal, faz um monte de coisas, passeia, é querido, companheiro, amigo, amoroso. Sempre ele me leva para a escola. Todo dia acorda cedo, tem que me levar.*

Quando falou sobre acordar, de manhã, e ir para a escola, confirmou que está responsável por colocar o relógio para despertar todos na sua casa. Faz isso para auxiliar o pai que, segundo o menino, não tem a destreza de manusear aparelhos eletrônicos. Assim, diz:

*Meu relógio. Eu que boto para despertar. De noite quando, às vezes, eu estou dormindo, daí eu acordo: 'Ai, meu relógio, tem que botar para despertar'. Meu pai quase não sabe. As coisas eletrônicas sou eu, quase, às vezes ele não sabe alguma coisa do celular, como re-chamar, como botar para carregar, quando esta com a bateria fraca é eu que tenho que pegar o celular e ligar na tomada.*

O menino relatou que dorme com seu pai e seu irmão, os três juntos. Antes de dormir, assistem a um filme na televisão, conversam, brincam, mas, quando estão de castigo, dormem separadamente do pai. Segundo Gabriel, o pai não gosta que os irmãos briguem e, quando isso acontece, Germano delibera o castigo para os dois.

Em relação à diversão, a família costuma passear para conhecer lugares diferentes nos finais de semana. O pai costuma liderar e organizar as atividades, de modo a desafiar as crianças:

*E a gente foi acampar quinta, do aniversário do meu irmão. [...] Tinha campinho de futebol, daí a gente armou as barracas, de noite fizemos fogo de conselho, o pai contou as histórias. Tipo fogo de chão. Daí a gente tinha que ir lá procurar madeira, madeira para botar no fogo. Daí a gente acendia o fogo e de noite, todo mundo ficava em roda do fogo e o pai contando histórias ou contando piadas.*

Gabriel também relatou que gosta de quando convidam os amigos, no sábado à noite, e fazem pizza junto com seu pai. Segundo ele, em função de gostarem de sabores diferentes, fazem pizzas diferentes, respeitando o gosto de cada um:

*Tem a nossa e a do pai e do meu amigo. A minha e do meu irmão e a do pai e meu amigo, porque a gente gosta de coisas diferentes.*

*Daí quando estamos só eu, o pai e o meu irmão, daí a gente faz duas pizzas iguais. Ou, às vezes, a gente compra. Daí ele compra. Ele divide assim quase ela no meio. Ou, às vezes, a gente come a de calabresa nós três.*

Em relação às combinações que pai e filho fazem, Gabriel relatou que negocia com seu pai antecipadamente, quando necessita ou quer mudar alguma combinação feita. Quando Gabriel combina e não cumpre, Germano cobra responsabilidade, de acordo com o que expressa o exemplo citado:

*Tipo assim, eu vou no meu amigo e volto depois das seis. Daí ele fica: ‘Ah, e o combinado, não é seis?’ Daí as vezes quando eu quero ficar muito no meu amigo, daí eu ligo para ele. Daí, às vezes ele deixa e às vezes, não. Daí, às vezes, quando é muito: ‘Ah! Está de castigo’. Uma semana sem computador, às vezes, duas.*

Gabriel também tenta negociar o tempo do castigo com seu pai. Procura agradar o pai e se dispõe a ajudá-lo, com o intuito de reduzir o tempo do castigo. Comenta:

*Às vezes eu dou umas fugidinhas, daí eu faço assim: ‘Ah, pai, deixa eu te ajudar aí daí tu diminui meu castigo?’ Daí ele dá uma olhadinha, assim, daí às vezes ele deixa.*

Quando o menino precisa de algo, um tênis, por exemplo, o pai dele cobra organização e bom comportamento para dar-lhe o solicitado. Também pode ocorrer, nessas situações, de haver o auxílio da mãe, que lhe mandou, por exemplo, um tênis pelo correio. Gabriel afirmou que procura fazer conforme o pedido do pai:

*Tipo assim, daí eu tenho que me comportar, fazer as coisas. Daí ele fala assim: ‘Arruma teu quarto, se não tu não vai ganhar um tênis’. Daí, às vezes, quando meu pai não tem dinheiro, minha mãe manda, lá do exterior.*

Segundo Gabriel, seu pai presta os cuidados necessários quando está doente. Inicialmente, tenta controlar em casa, mas, quando a situação é grave, leva-o para consultar um médico. Disso, conta que:

*Daí ele vai lá, olha, bota o termômetro. Se eu estou com uma dor no pé, daí ele: ‘Tá! Vamos ver’. Daí ele tem um amigo que é fisioterapeuta, ele vai no amigo dele, daí ele só olha assim, vê do que é, daí a gente vai no médico, às vezes. Quando é febre muito alta ou está vomitando: acho que é uma virose, a gente vai no médico.*

Às vezes, Gabriel se desentende com seu irmão. Nesse momento, o pai interfere e Gabriel, quando discorda, enfrenta o pai. Porém, no final, acata a ordem de castigo e cada um vai para um espaço diferente da casa, isolando-se. Depois, o tempo se encarrega de fazer tudo voltar ao normal. O distanciamento após a punição do pai não dura muito tempo, havendo nova aproximação. Gabriel também relatou que o pai bate somente quando há uma justificativa considerável:

*Fica tudo quieto, cada um no seu canto. Depois vira tudo abraço e beijo. [...] Às vezes, quando ele nos bate, é porque a gente merece mesmo.*

Em relação à separação dos pais e à decisão pela guarda dos filhos, Gabriel relatou lembrar pouco, pois ainda era pequeno. No que concerne ao contato com a mãe, afirmou não sentir falta dela, pois conversam via internet:

*É que eu vejo todo dia ela. Daí eu não sinto muita falta. [...] Eu falo o que eu fiz durante o dia, a gente fica se falando, o que tu está fazendo, que horas é aí, que temperatura está, daí ela está tentando vender um quadro lá, que ela pintou.*

No que tange à participação de outros familiares no cotidiano da família de Gabriel, este confirmou o relato do pai, afirmando que a participação maior é de sua avó paterna e, depois, de sua dinda, irmã de Germano. Narra:

*Minha avó mora ali em baixo, daí, quando meu pai quer sair, às vezes, a gente dorme na minha avó. Daí quando minha avó quer sair e meu pai quer sair, a gente dorme na minha dinda.*

*Minha avó faz um monte de coisas para gente. Vai no centro com a gente passear. Às vezes, eu vou com ela no banco, para ela receber. Daí as vezes ela me dá sorvete. Ela que faz a comida, por que meu pai fica trabalhando, daí ela fica fazendo comida, daí o meu pai desce. Ela sobe aqui, às vezes, para me ajudar a arrumar as coisas, passar roupa, ajeitar as coisas.*

#### 1.5.3.8 Concepções das figuras parentais identificadas por meio do CAT-A

Na primeira gravura, Gabriel demonstra confusão entre as figuras paterna e materna. Descreve a história de um personagem o qual, às vezes, chamou de mãe; outras vezes, chamou de pai, referindo-se àquele que ensinou seus filhos a comer. Fica visível que projeta uma figura

parental que cuida, que ensina sem agredir, que tolera e que fica na memória conforme o tempo vai passando. Isso se expressa em:

*Os filhos foram pedir comida para sua mãe, daí ela: Ta! Então vou ensinar vocês a comerem sozinhos, que um dia eu não vou estar mais aqui e vocês vão ter que aprender a comer sozinhos. Daí, ela botou o babador em todos. A galinha mãe trouxe comida para os filhos, deu os pratos para cada pintinho, deu sua colher. É o primeiro teste para ver se eles sabem comer sozinhos, saber se eles conseguem comer. Daí ela está em volta vendo se eles vão se comportar direito, vão conseguir comer. Daí ela fica cuidando, dá comida para cada um no seu prato. Cada um come e um não consegue comer direito, daí ela vai lá, ensina mais um pouco, como é que se faz, como é que pega direito, daí ele vai aprendendo aos poucos. Daí até que todos conseguem aprender a comer com seu pai, ali. [...] Eles sempre vão comer do mesmo jeito que aprenderam, que foi bem, a mãe deles, hã, o pai ou a mãe, o pai eu acho, o pai galinha, galo, ensinou eles a comer bem certo. Daí eles sempre vão comer do mesmo jeito que o pai ensinou. Que nem na vida real, o pai ensina uma coisa, a falar, a comer, várias coisas. Daí os filhos estavam grandes, começaram a comer tudo direitinho e se lembrando: ‘Bah! A minha mãe que me ensinou a comer’.*

A figura parental é descrita como orientadora, como alguém que incentiva a autonomia a partir da sua educação, alguém de quem os filhos se lembrarão com orgulho. Nessa mesma direção, Gabriel elaborou outra história em que os personagens formam uma família unida. Todos da família participam da mesma atividade, protegendo e incentivando um ao outro:

*Os três eram da mesma família, esse era o pai, esse era o irmão pequeno e esse era o maior. O irmão maior estava bem fraco, meio mal e eles estavam escalando o Everest. Daí eles estavam descendo já, daí o irmão dele estava passando meio mal, os dois foram ajudando ele até chegar lá embaixo, que ele tinha se machucado. Daí o pai e o irmão ficaram ajudando o outro irmão. [...] A mãe deles falou para eles se cuidarem para subir lá, daí o pai, daí eles assim: ‘Bah! Minha mulher falou, eu ia salvar do mesmo, mas eu vou ter mais vontade porque a minha mulher falou e é meu filho’. ‘A gente vai cuidar de ti, vamos descer, vai que tu consegue, vamos lá, pega forças de tudo e, vamos lá, que a gente vai conseguir descer’. Eles vão descer, daí eles vão chegar na mãe e dar um abraço bem forte. Todo mundo: ‘Ah, conseguimos, mas o nosso irmão está passando mal, vamos cuidar dele, levar ele para o doutor Urso’. Daí ele cura o irmão, daí eles ficam felizes e continuam fazendo suas aventuras.*

A partir dessa história, Gabriel parece ilustrar a dinâmica de sua própria família. Pai e filhos juntos; a mãe, distante. Na história, quem está junto, participando ativamente e proximamente da atividade é o pai, enquanto a mãe está presente com o discurso. Com ela, somente no final há o encontro. Apesar de a presença da mãe, na maior parte da história ser

somente mediante a palavra, Gabriel parece atribuir importância considerável à fala da mãe. Na história, o pai salvaria o filho de qualquer maneira, mas, como a mãe orientou para terem cuidado, então o pai tem mais vontade e mais força para salvar o filho.

Gabriel também revela a perspectiva de uma família tradicional, ao contar a história de uma família composta pela mãe, pelos dois filhos e pelo pai. A mãe e os dois filhos foram fazer um piquenique, em comemoração ao aniversário do irmão menor, que estava carregando um balão de aniversário. Os três foram surpreendidos por um leão e uma raposa, por isso tiveram de fugir e se esconder. Nesse momento, o pai veio para proteger a família e para não deixar que nada mais acontecesse com eles:

*Daí eles pegaram as coisas que estavam lá, arrumaram bem rapidinho e estavam voltando para casa. Daí o papai, o papai que não estava, veio ajudar e foi como um segurança, caso alguém, algum leão viesse, ou raposa. Daí o papai foi cuidando, daí eles chegaram em casa.*

Por meio dessa história, verifica-se a figura paterna como protetiva e heróica, visto que protege a família contra todos os perigos. Gabriel parece atribuir ao personagem que interpreta o pai na história um sentimento de confiabilidade, provavelmente presente na relação real com seu pai. Esse sentimento demonstra que a família pode contar com o pai, sempre que precisar.

Em outra história, o menino colocou a figura paterna como responsável exclusiva pela família, pois houve a morte da mãe. Elaborou a história de uma família composta pela mãe, pai e quatro filhos. A mãe, numa caça, morre e os filhos ficam morando com o pai, que passa a fazer as atividades de sustento e desempenhando os cuidados do lar e das crianças. Conta:

*A onça macho e a onça fêmea, eles se casaram, daí tiveram quatro filhos. Daí a mãe dele morreu tentando caçar. Ela foi tentar pegar um hipopótamo e o hipopótamo caiu em cima dela, daí ela morreu esmagada. Daí os quatro filhos ficaram morando com o pai.*

Percebe-se, nesse relato, a concepção de uma família chefiada pelo pai. Pai que assume os cuidados perante a ausência materna. Essa história poderia ser ligada com a imediatamente anterior. O sentimento de segurança que emerge da presença do pai, projetada no personagem da história anterior, reflete na tranquilidade de imaginar a história de uma família que perde a mãe, mas que continua sua vida com a presença do pai. Para Gabriel, imaginar um pai que assumia a

família sozinho após a morte da mãe pressupõe a aceitação de um pai que pode exercer um papel diferente do papel tradicional de paternidade.

#### *1.5.3.9 Discussão do Caso*

Germano teve um relacionamento com seu pai baseado no respeito e considera que não teve o mais importante: amor, carinho e afeto. Suas necessidades materiais foram supridas, mas entende não ter sido o suficiente. O pai correspondia ao estereótipo da figura paterna tradicional (Grzybowski & Wagner, 2007). Ele se emociona ao falar do pai, dizendo que gostava muito dele, mas, simultaneamente, tal emoção parece ser a expressão da raiva que sentia do pai pelo seu distanciamento afetivo. Dessa maneira, Germano parece exercer a paternidade a partir de um modelo de pai que não quis seguir. Então, propicia aos seus filhos tudo o que não teve de seu pai. Colman e Colman (1988) e Yablonsky (1988) concluíram, em seus estudos, que os pais, na contemporaneidade, quando criados por figuras paternas tradicionais, procuram exercer a paternidade a partir da negação do modelo de pai que tiveram. Nesse caso, Germano tem um modelo de paternidade que não almeja seguir e constrói um novo modelo para si, excluindo o que não gostava em seu pai e incorporando aspectos relacionados ao modelo contemporâneo de paternidade, que inclui maior proximidade e mais afetividade.

Quando nasceram os filhos, mesmo não planejados, Germano e sua esposa comemoraram o primeiro e, juntos, decidiram ter o segundo, o que demonstra a participação do pai na decisão por ter filhos, bem como evidencia a presença paterna no acompanhamento da gestação destes. Germano afirmou que gosta de estar próximo de seus filhos desde pequenos. No entanto, em suas atividades de lazer, por exemplo, enquanto ainda era casado, não levava os filhos consigo; deixava-os sob os cuidados da mãe, atitude que, após a separação, passou a questionar. Enquanto morava com a esposa e os filhos, trabalhava próximo à residência e almoçava em casa para não se distanciar daqueles. Percebe-se que, por um lado, esse pai buscava não se distanciar dos filhos, mas, por outro, não abdicava do sábado de lazer para permanecer com eles. É possível que, enquanto casado, Germano ocupasse um papel mais próximo da paternidade tradicional, saindo para trabalhar, almoçando em casa e praticando o lazer distante dos filhos. Essa reflexão fica mais clara, ao se resgatar o fato de que Germano atribui à questão financeira um dos motivos da separação. Declara-se como principal responsável financeiro da família, assumindo a atividade de sustento, e reconhece que não mantinha estáveis os empreendimentos que gerenciava.

Durante a vivência da conjugalidade, houve poucos desentendimentos. Os que ocorreram foram motivados pelas questões financeiras e mudanças frequentes de residência, o que Germano considera terem sido os motivos da separação, a qual, segundo revela, não foi litigiosa. Mesmo que Germano estivesse disposto a lutar pela guarda dos filhos, isso não foi necessário, pois a mãe abdicou dos cuidados e da companhia deles para trabalhar fora do país, o que motivou a felicidade do pai. No entanto, os momentos iniciais foram de tensão tanto para os filhos, que sentiam falta da mãe, quanto para o pai que assumiu a guarda unilateral. Essa fase inicial de adaptação, que Germano afirma ter superado com tranquilidade, corrobora com os escritos da literatura que decorrem sobre os impactos de uma separação nos componentes familiares, sendo que um deles é a necessidade de readaptação ao novo contexto familiar (Lamela, 2009; Wallerstein & Kelly, 1998).

Germano avalia que a separação foi o marco inicial para uma ressignificação da paternidade. Enquanto anteriormente podia dividir tarefas com a esposa, agora é responsável exclusivo por tudo que acontece com os filhos e no lar, motivo de aproximação ainda maior entre pai e filhos. Segundo Garbar e Theodore (2000), a ausência do outro cônjuge no exercício da paternidade permite que o pai tenha novas experiências com os filhos. Além disso, pode fazer movimentos compensatórios, com o intuito de diminuir o vazio gerado pela saída da mãe (Yablonsky, 1990). Salienta-se o desejo de Germano em ser um pai próximo dos filhos, possivelmente gerado ao rever o que não aceitava em seu pai: a distância afetiva. Esta questão parece ter extrema importância para Germano, considerando que, ao conceituar a paternidade, relacionou imediatamente à proximidade e demonstrou a triste emoção de ter sido criado por um pai distante afetivamente. O pai distante gerou um desejo, em Germano, de se manter próximo dos filhos, buscando a guarda após a separação do casal. É possível que esse mesmo desejo tenha sido motivo de superação nas primeiras fases da paternidade após a ruptura do casamento, buscando desempenhá-la com habilidade, responsabilidade e cultivando o desejo de nutrir e cuidar dos filhos (Barsted, 1998; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Outro aspecto sobre o qual cabe refletir é a decisão pela guarda dos filhos e o desejo de exercer a paternidade exclusiva, sem a participação da mãe. É possível avaliar que Germano, quando casado, embora inquestionavelmente mantivesse proximidade da família, exercia uma paternidade com alguns traços tradicionais. O segundo ponto a ser avaliado é a decisão da ex-esposa de residir no exterior. Germano, durante a entrevista, demonstrou que realmente queria a

guarda dos filhos, mas se a ex-esposa não tivesse decidido residir no exterior, será que Germano teria lutado pela guarda dos filhos? Bastariam as visitas periódicas de final de semana? Ou aceitaria a guarda compartilhada para continuar dividindo as responsabilidades pelos filhos com sua esposa?

Após a separação, houve o acúmulo de tarefas, situação típica das famílias pós-divórcio chefiada por um dos genitores (Garbar e Theodore, 2000; Souza, 2008). Como maneira de redimensionar a carga, o pai divide algumas tarefas domésticas com os filhos (Souza, 2008) e com a família de origem (Brown, 2001), neste caso, com sua mãe. No entanto, orgulha-se de dizer que os filhos fazem parte de sua vida e que os leva consigo em diversas de suas atividades, principalmente as de lazer, o que, com a presença da ex-esposa, não fazia. Além disso, Germano fala do desempenho nas atividades domésticas, como a organização da casa, por exemplo, vista como um meio de educar os filhos. Isso justifica o fato de não contratar uma empregada e não comprar a pizza pronta. Parece que Germano desafia seus filhos o tempo todo para um aprendizado em busca da autonomia.

A proximidade dos filhos parece não promover um comportamento de dependência neles, como pode ocorrer em alguns casos. Pelo contrário, Germano incentiva a independência daqueles, oportunizando atividades para que se desenvolvam, dando aos filhos liberdade para se relacionarem com amigos, delegando-lhes responsabilidades, como, por exemplo, acordar de manhã no horário adequado.

Germano se considera tão próximo de seus filhos, que aponta essa proximidade como sinônimo de excelência no exercício da paternidade. Efetivamente, pai e filhos parecem gostar de estar juntos, pois dormem na mesma cama e o castigo é dormirem separados, quando os filhos fazem algo que, na visão de Germano, não é adequado. Por outro lado, pode-se questionar essa aproximação exacerbada entre pai e filhos, que pode motivar confusão entre os papéis, especialmente no que se refere a dormirem sempre juntos. Segundo Garbar e Theodore (2000), é possível acontecer que os filhos venham a preencher o vazio criado pela saída da mãe, principalmente se há um desejo do pai de preencher esse vazio. Por essa razão, os filhos podem ocupar o lugar de cuidadores, de apoiadores, de confidentes e até mesmo do cônjuge que partiu. Distorções como essas parecem ocorrer na família de Germano, pois há uma relação de parceria entre pai e filhos, tomada como justificativa e como autorização para o pai colocar os filhos em uma posição hierarquicamente disfuncional no grupo familiar.

Apesar de demonstrar insegurança durante a entrevista, no que concerne a uma criação adequada e saudável de seus filhos, esse pai deixa dito, nas entrelinhas, que, talvez, a decisão de lutar por ter os filhos próximos de si pudesse ter sido um erro, já que as crianças deveriam estar com a mãe, conforme indica o modelo social tradicionalmente instituído. Mesmo assim, Germano se orgulha dos filhos que tem, pois são educados, não apresentam dificuldades no colégio e cumprem com o que é combinado. Dessa maneira, afirma que a receita parece estar dando certo.

Da família ampliada, quem mais participa da vida de Germano é sua mãe, avó de Gabriel, que contribui diariamente com a atividade do almoço e, por vezes, de organização da casa. Conforme alguns autores, a família constituída por um dos genitores e seus filhos tende a buscar auxílio na família de origem e sofre influências mais significativas do contexto externo (Amazonas *et al.*, 2003; Peck e Manocherian, 2001).

Em relação às concepções de paternidade coletadas pelo TAT, observa-se que revelam uma figura paterna autoritária, possivelmente ligada com o modelo de pai que vivenciou quando criança. Paradoxalmente, é uma figura paterna também aconselhadora, que, ainda que por vezes projete os seus sonhos no filho, ensina-o e o ajuda a superar as dificuldades. Germano torna essa paternidade afetuosa e de proximidade possível, quando traz para a lâmina em branco um sonho que quer realizar com seus filhos. Sonha levar seus filhos para a Disney e se imagina envolvido pelo âmbito infantil; coloca-se como uma criança ao lado de seus próprios filhos.

Outro aspecto a ser abordado é o fato de ter imaginado uma cidade onde os personagens nasceram, cresceram, tornaram-se amigos e onde se fixaram, sem expressar o desejo de abandonar tal contexto. Essa história pode ser comparada ao fato de Germano preferir estar próximo da família, da cidade onde nasceu, dos amigos com quem cresceu, em vez de enfrentar a distância; contraditoriamente a sua ex-esposa, que, em busca de seu sonho, distancia-se da família e de seu lugar de origem. Portanto, é na figura do pai, caracterizado pela necessidade de estabelecer vínculos sociais e se manter rotineiramente próximo ao grupo social de sua cidade, que os filhos encontram o conforto da segurança e confiabilidade.

Mediante os relatos de Gabriel, foram confirmados diversos aspectos narrados e comentados pelo pai. Cabe acrescentar à discussão sobre a relação do menino com a mãe. Ele afirma que não sente falta dela, em função dos contatos que estabelecem via internet. Porém, cabe a reflexão sobre o impacto que há o distanciamento de um dos cônjuges a partir da

separação, situação que geralmente ocorre com o cônjuge que não está com a guarda do filho (Brown, 2001; Edin, Tach, & Mincy, 2009, Garbar & Theodore, 2000; Souza, 2008). A mãe está em contato com os filhos, mas de maneira virtual, o que pode produzir uma imagem simbólica distorcida dos filhos em relação à mãe e vice-versa. Esse viés emerge a partir da fala do pai, quando declara que a mãe imagina que os desentendimentos entre os irmãos não ocorrem com frequência. Além disso, a função materna pode estar sendo, nesse caso, exercida parcialmente pelo pai, quesito que pode ser entendido como necessário nessa configuração familiar na qual somente um progenitor é o principal responsável pelos filhos. No entanto, não há como negar que a presença da mãe virtualmente seja melhor do que a total ausência.

Gabriel recebe os elogios do pai, é o filho nota dez. Durante o futebol, destaca-se como líder, como narra, orgulhoso, Germano. Também recebe destaque do pai pela sua responsabilidade, organização e sucesso na escola. É possível que, na dinâmica familiar, Gabriel possa assumir ou dividir com o pai papéis que não são propriamente de uma criança. Essa questão pode ser relacionada com a história dos ursos que estão escalando o Everest, no CAT-A. Quem passa mal na história é o irmão mais velho e quem auxilia o pai nos cuidados com o irmão é filho menor. Certamente, a união da família em prol dos cuidados com o irmão é um comportamento esperado, mas, ao avaliar que a história tenha sido criada por Gabriel, sem interferências, a partir da gravura apresentada, não seria ao acaso que o filho mais novo esteja colocado ao lado do pai. Talvez essa história reflita a dinâmica familiar de Germano, que parece encontrar neste filho a responsabilidade e a parceria para dividir as atividades, ao mesmo tempo em que deseja destacar a autonomia do menino. Essa maior flexibilidade hierárquica é comum que seja observada nas famílias de progenitor único.

Ressalta-se ainda, a partir das histórias do CAT-A, que as figuras parentais ensinam e protegem os filhos de possíveis erros. Gabriel parece trazer essa questão à tona na história em que o pai/mãe-galinha propõe o desafio aos filhos de aprender a comer, ensinando e monitorando o aprendizado. Nessa história, contudo, aparece a confusão de papéis evidenciada pela percepção de Gabriel, que inicia a narração tendo como personagem a mãe e, na continuidade, refere-se a ela como pai. Afinal, quem exerce a função materna em sua vida? Germano parece ser um pai que, sem abdicar da função paterna, incorpora a função materna a partir do momento em que fica com a guarda dos filhos. Nesse sentido, a dúvida em relação à identificação da mãe e do pai pode estar ligada com a proximidade e com as atividades que o pai exerce com seus filhos. Tal

situação fica evidente, quando o próprio pai afirma que é mãe e pai para seus filhos. Esta história também faz lembrar as atividades que o pai propõe às crianças, amigos dos filhos, que estão acampando juntos. Gabriel, durante o relato, afirma que é o pai que propõe algumas diversões, enquanto Germano revelou que gosta de avaliar o desempenho de seus filhos em atividades que sugere a eles. Além disso, embora haja a demonstração de confusão de papéis, na história, a figura parental pode ser comparada ao pai, pois ensina os filhos o necessário para que possam adquirir autonomia, preparando-os para uma possível ausência, fato idêntico à maneira como Germano expressa e mostra educar seus filhos.

Em outras histórias de Gabriel, evidenciou-se a imagem da figura parental como proteção e como responsável pela segurança do lar. Além disso, com a morte da mãe, na história das onças, quem assume os cuidados com os filhos é o pai. Esta narrativa representa a partida de sua própria mãe, no momento da separação dos pais, momento em que são assumidas pelo pai as funções da educação dos filhos.

#### *1.5.4 Síntese dos casos cruzados*

A partir das descrições individuais de cada caso, torna-se possível a verificação das aproximações e dos distanciamentos das características apresentadas pelas famílias focalizadas. A análise foi realizada com base na síntese de casos cruzados, técnica de análise de dados proposta por Yin (2005).

Em relação aos modelos de paternidade, os pais demonstram seguir um modelo de paternidade já internalizado, possivelmente a partir do pai que tiveram quando crianças. Marcos tem o padrasto como modelo de pai que procura seguir, contraditoriamente ao pai biológico. Carlos, nesse mesmo sentido, considera seu pai um modelo a ser seguido. Foi com ele que construiu aprendizados importantes para sua vida; por isso, exerce a paternidade a exemplo do pai. Ao contrário, Germano afirma ter um pai presente, mas, ao mesmo tempo, distante. Presente em relação às necessidades materiais, mas distante afetivamente, por não oferecer o afeto, o amor e o carinho que o filho esperava dele. É a partir da não aceitação das faltas que existiram na relação pai-filho quando criança, que Germano elabora um modelo de paternidade, o qual desempenha atualmente. Contraditoriamente ao seu pai, procura estar presente nas atividades com os filhos, demonstrando orgulho, afeto, carinho, amor pela prole. Dessa maneira, possibilita-

se verificar que os três casos referenciam seus pais como um modelo a ser seguido, ou a ser rejeitado.

Os pais exercem, portanto, sua paternidade com base nos modelos e imagens que incorporaram durante sua história. Esse resultado corrobora os escritos de Yablonsky (1990), que defende a probabilidade de o pai exercer sua paternidade tendo como referência seu próprio pai. Aqueles que carregam boas lembranças, que concordam e se orgulham com a paternidade exercida pelo pai, oferecem-na aos filhos, contraditoriamente aos que consideram que tiveram uma paternidade insatisfatória (Colman & Colman, 1988; Yablonsky, 1990; Williams, 2008).

Quanto à busca pela guarda dos filhos, dos três participantes, Germano foi o único a buscá-la espontaneamente. Marcos e Carlos tiveram um motivador, os maus tratos e a negligência sofridos pelo filho. A partir desse dispositivo, Marcos buscou a troca da guarda do filho, enquanto Carlos precisou da iniciativa irrevogável do próprio filho para que buscasse a guarda. Carlos relatou ter buscado orientação para buscar e concretizar a guarda do filho, pouco tempo após a separação, mas recebeu a resposta de que não havia possibilidade de um pai criar e educar o filho e que essa função concernia à mãe. Carlos se culpa por não ter insistido, pois, na época, acatou a orientação, conformando-se. Dessa maneira, é possível que os pais que buscaram a guarda dos filhos motivados por questões externas a sua vontade e desejo, tenham-na buscado para superar a tendência cultural de que um pai sozinho não tem condições de criar um filho. Mesmo Germano, que tem a guarda desde a separação, afirmou, parecendo querer provar algo para a sociedade, com orgulho, o sucesso que está vivenciando com a paternidade sem a presença materna. Além disso, Marcos respondeu às professoras do filho que é separado e que vive junto com seu filho, causando certo espanto. Dessa maneira, é possível verificar que a cultura do modelo materno para a criação dos filhos não está somente nos tribunais judiciais, consoante atesta a experiência de Marcos e de Carlos, que buscaram a guarda judicialmente, mas essa concepção também vigora em diversos outros segmentos da sociedade.

Outra questão a ser discutida é o incentivo à autonomia que os pais entrevistados evidenciam oferecer aos filhos. Ao mesmo tempo em que protegem, parecem passar segurança e responsabilidade. Os filhos de Germano e de Carlos participam da organização do lar e se organizam em suas atividades, como, por exemplo: na escola, nos aniversários, no futebol, entre outras atividades. Cleomar, filho de Carlos, quando teve sua bicicleta roubada, não recebeu punições severas do pai, mas precisou arcar com as consequências de seu ato displicente: ficar

sem bicicleta para o lazer. Germano, nesse aspecto, cobra de seus filhos o cumprimento das regras que são combinadas, dando-lhes liberdade para realizarem suas atividades. Porém, Marcos não parece incentivar da mesma forma seu filho de seis anos, embora tenha comentado que organiza apenas uma vez os brinquedos do filho, delegando-lhe a responsabilidade de mantê-los arrumados. A superproteção é uma característica dessa relação que vai de encontro ao desenvolvimento da autonomia e independência do filho.

Nos casos de Germano e Marcos, a proximidade entre pai e filho é exacerbada. Verificou-se que os três entendem que uma das características de sua paternidade é o companheirismo, a amizade, a proximidade e a afetividade. No entanto, diferentemente de Carlos que procura delimitar os papéis de pai e filho, os outros dois pais mostram não fazer essa distinção com clareza, pois, inclusive, dividem espaços privados com os filhos, chegando a dormir juntos. De fato, pode ser uma atitude de amizade, companheirismo, proximidade e proteção, mas quando é exercida ilimitadamente, pode gerar dependência, isolamento, medo, comportamentos que podem ser percebidos em Marino, mas não em Gabriel. Certamente, essa diferença está ligada à maneira como cada pai exerce sua função, por exemplo: enquanto o pai de Marino prima por manter o filho dentro de casa, oferecendo-lhe a mamadeira, Gabriel recebe responsabilidades do pai, que em vez de fazer as atividades cotidianas pelos filhos, divide as tarefas com eles. Parece ocorrer um movimento compensatório em relação à função do genitor ausente. Germano e Marcos afirmaram que a ex-esposa participa pouco da vida dos filhos, o que pode fazer com que os pais assumam parte da função que deveria ser desempenhada pelo genitor ausente, fato que corrobora os achados na literatura (Yablonsky, 1990).

Quando assumiram a paternidade, principalmente Germano e Carlos, esses pais reconheceram terem sentido certa insegurança em criar e educar seus filhos. Germano afirma que, no início, temia não conseguir criar os filhos e tinha receio de necessitar recorrer à esposa. Carlos, por sua vez, ficou preocupado com os procedimentos que deveria tomar com a chegada do filho. Entende-se que ambos passaram por um processo de adaptação e, no caso de Germano, concomitante às mudanças e às incertezas geradas pela separação. Marcos, embora pouco tenha relatado sobre essa questão, certamente precisou reorganizar-se para receber o filho, por exemplo, como se comprova pelo fato de estar em licença no trabalho. O processo de separação e de guarda dos filhos, e, como foi visto nesses casos, a troca de guarda, colocam a família em fase de adaptação. As mudanças vão acontecendo e os papéis, assim como a dinâmica da família vão, aos

poucos, se ajustando, considerando os novos vínculos que se estabelecem (Brown, 2001; Peck & Manocherian, 2001; Souza & Ramires, 2006; Wallerstein & Kelly, 1998).

Observou-se que os três casos analisados não apresentam queixas em relação às questões financeiras. É possível que o homem encontre melhor aceitação no mercado de trabalho, que os salários sejam melhores e que, por isso, ao contrário das famílias chefiadas pelas mães, encontram maior facilidade de garantir o sustento da família (Souza & Ramires, 2006). Embora não tenham relatado dificuldades nessa questão, é importante analisar a facilidade ou a obrigação de aceitar suas próprias condições de vida. Germano afirmou que se acostumaram a viver com menos dinheiro. Por outro lado, Marcos relatou que recebe um auxílio financeiro da mãe. Então, cabe um questionamento: O homem, considerado cultural e historicamente o responsável por prover a família, também cobrado por isso, poderia afirmar que não está conseguindo prover a família? É possível pensar que a ausência de insatisfação nesta seara seja uma resposta à cobrança social projetada no homem? Nas famílias pós-divórcio chefiadas pela mãe, a mulher assume sua dificuldade de prover a família, por vezes, pois essa era uma responsabilidade atribuída ao homem. Entretanto, quando é o homem o chefe da família, como ele poderá dizer que não está conseguindo prover o lar, se essa, culturalmente, sempre foi sua atribuição? Será que admitir isso seria depreciativo? Ao lado disso, todos afirmam que sabem cuidar das atividades domésticas e dos filhos, o que parece ser percebido como sinônimo de vitória, de conquista.

O trabalho que realizam (Germano, com empresa própria, e Carlos, com atividades profissionais autônomas) propicia conciliarem atividades profissionais com as atividades domiciliares, criação, educação e acompanhamento das atividades dos filhos. Marcos, em função de trabalhar em empresa de transporte, negociou uma licença, com o objetivo de ficar próximo do filho na fase inicial da guarda, quando ainda ocorria a adaptação do mesmo. Marcos se sustenta com o salário que recebe por estar de licença e também da pensão que recebe pelo falecimento de seu pai. Essa característica, eminente dos casos em estudo, corrobora os achados de autores que afirmam que os pais que trabalham em jornada integral enfrentam dificuldade de conciliar as atividades domésticas e a criação dos filhos (Burdon, 1998; Gillies, 2009; Silva & Piccinini, 2007; Williams, 2008). No caso dos pais entrevistados, que possuem a guarda unilateral dos filhos, observa-se que conseguiram trabalhos com flexibilidade de horários, o que favoreceu o desempenho das funções parentais, afinal eles possuem dupla jornada de trabalho (fora e dentro do lar).

Germano e Carlos, por terem filhos entrando na fase da adolescência, dividem as atividades domésticas com eles, conforme a literatura já apontou (Souza, 2008), com o objetivo de reduzir a sobrecarga de atividades e também com a intenção de educar e ensinar os filhos. Em relação a cuidar dos filhos sozinhos, ocorre o mesmo que nas famílias com a guarda materna: o acúmulo de tarefas. Brown (2001) e Garbar e Theodore (2000) são autores os quais mencionam que uma das dificuldades na paternidade, quando exercida em famílias chefiadas pelo pai, está ligada às atividades domésticas e à educação dos filhos.

Além disso, a participação da família de origem/extensa e da mãe também é relatada, corroborando os escritos literários (Brown, 2001; Perucchi & Beirão, 2007). No caso de Germano, como ele mora próximo da mãe, esta auxilia na alimentação da família. Já em relação à família de Carlos, são divididas com a ex-esposa e seus pais algumas responsabilidades financeiras, como, por exemplo, os gastos com remédios, com o material escolar e com as roupas. Carlos reside próximo à casa da mãe, padrasto e irmãos; assim, recebe desses forte apoio emocional e continência, pois sabe que, se precisar, terá onde recorrer.

Por meio dos dados do TAT, na gravura do menino com o violino, os três imaginaram histórias cujos pais projetavam seus desejos no filho. Os participantes seguem, unanimemente, que o processo de aprendizagem será doloroso e que as consequências para o filho não serão positivas. Isso pode ser comparado com a compreensão dos filhos no cotidiano familiar e com o colocar-se ao lado deles como amigos e companheiros. Germano, no entanto, na história do violino, representou uma conquista do filho que não seguira o desejo dos pais e se rebelou, possibilidade não apresentada pelos outros dois participantes. Em outra história, Germano imagina uma criança que está no orfanato e que, quando adulta, conquistará seus objetivos. Observa-se que a criança não tem as figuras parentais e, mesmo assim, conquista seus próprios sonhos, sugerindo que é possível superar as dificuldades, o peso da ausência dos pais e tornar-se uma pessoa vitoriosa. Carlos, por outro lado, reforça a imagem de figuras parentais autoritárias, que podem interferir na decisão dos filhos, quando relata a história da filha que se casou e foi infeliz no casamento, mas que encontrou amparo no irmão. Identicamente a Germano, Carlos também imagina figuras parentais que abandonam a família. No caso desta história, o pai abandona a esposa ainda na gravidez do filho.

Em outras histórias, emerge uma figura paterna de referência, a quem os filhos podem recorrer quando precisarem. Germano relata a história de um pai que está aconselhando o filho

em um momento de dificuldade dele. Marcos, da mesma forma, imagina o pai que tomou iniciativa de auxiliar o filho, mas este não aceita e discute com o pai. Carlos imagina um rapaz muito ocupado que recebe, à noite, nos sonhos, o pai ou o avô para lhe dar conselhos. A figura paterna surge nas histórias como amigáveis, receptíveis, significando proximidade em relação à família e aos filhos. Permanece uma representação de pai como alguém que guia e que orienta.

Sobre as constituições familiares que emergiram nas histórias, Carlos imaginou uma família chefiada pela mãe. É ela quem faz todo o possível para dar ao filho o de que ele precisa para seu desenvolvimento, enquanto o pai é aquele que abandonou a família. Esse participante também cria uma família chefiada pelo pai. Em ambas as situações, a dificuldade em manter o lar, o sustento e os filhos, estão presentes. Além disso, os três projetaram uma imagem de família, de modo geral, que acolhe e que está presente. Germano, por intermédio da história da cidade onde todos são amigos desde a infância; Carlos, pela história de um rapaz que vivia bem com os pais e que após casar-se, passou a trabalhar na empresa familiar do sogro; Marcos, quando narra a história de uma família, assim como a sua, que tem desentendimentos, mas cujos participantes se acertam novamente.

Quanto aos filhos que participaram da pesquisa, relataram gostar de viver com seus pais. Os três filhos confirmaram o relato dos pais, afirmando terem momentos de lazer com esses, possuem acompanhamento nas atividades escolares, cuidados com saúde e alimentação. Cleomar e Gabriel apresentaram comportamentos autônomos e relataram sua responsabilidade por auxiliar o pai nas atividades domésticas, ao mesmo tempo em que tinham liberdade para os momentos com os amigos e o compromisso de mostrar bons resultados na escola.

Contrariamente a Marino e a Gabriel, Cleomar relatou ter enfrentado dificuldades nas primeiras semanas em que foi morar com o pai. Certamente, apesar dos maus tratos sofridos quando morava com a mãe e o padrasto, a decisão que tomou pesava sobre si. Os pais de Cleomar permitiram que a situação chegasse ao extremo, a ponto de ele precisar provar os maus tratos que sofria, com imagens gravadas de sua situação na casa da mãe, para que seu pai acreditasse e lutasse por ele. Da mesma forma, Cleomar foi o único a referenciar que recorre à mãe, quando necessário; também é o único que mantém as visitas à mãe regularmente.

Os resultados do CAT-A, para os casos de Marino e Gabriel, e do CAT-H para o caso de Cleomar, evidenciaram que as crianças visualizam as figuras parentais exercendo funções não tradicionais e dividindo tarefas. As crianças também elaboram histórias com famílias

configuradas diferentemente das intactas, a saber, famílias com a presença exclusiva do pai ou da mãe. Na história dos pintinhos e da galinha, Marino aponta para a mãe como a figura que alimenta, mas, no final da história, surge o pai para substituir a mãe, assim como na história dos ursos, com a qual sugere que a mãe durma fora da fazenda. Marino parece demonstrar, nas histórias, a troca da guarda que passou da mãe para o pai, a exemplo da experiência vivida. Na história dos cangurus, o pai também aparece como figura cuidadora, pois é ele quem fica em casa com a filha enquanto a mãe é quem sai para trabalhar. Da mesma forma, Cleomar identifica o pai como responsável por preparar a janta na figura dos meninos com a figura parental e como responsável pela guarda na separação conjugal que ocorre na história do senhor sentado com a bengala. Em diversas histórias, Cleomar identifica pai e mãe exercendo funções não tradicionais. Gabriel também narrou diversas histórias que colocam o pai próximo aos filhos. No caso da história das galinhas, o pai ensina os filhos a comer; na história dos ursos, o pai escala o Everest com os filhos enquanto a mãe fica aguardando sua volta na base da montanha. Na história das onças, é a mãe que morre e é com o pai que os filhos ficam.

### **1.6 Considerações finais**

Observou-se que a paternidade em família pós-divórcio chefiadas pelo pai é interpretada positivamente pelos participantes. Pais e filhos entram em sintonia entre si e com os familiares próximos formando uma rede de apoio inter-relacionada. Conforme pôde ser observado, os pais se mantêm como responsáveis principais pelo bem-estar dos filhos, pela manutenção financeira e pelas atividades do lar.

No início da vivência da paternidade, nesse contexto, os pais são tomados pela incerteza de sua capacidade de cumprir com todas essas responsabilidades. Iniciam, então, movimentos contrários, a fim de eliminar a incerteza. Desenvolvem mecanismos para garantir o sucesso na criação dos filhos e a manutenção do lar, aproximando-se, demasiadamente, dos filhos, atenuando a linha que demarca as fronteiras entre os subsistemas. Por outro lado, talvez pelo contexto em que a mãe não compõe o núcleo familiar, os filhos de Germano e de Carlos demonstraram autonomia nas relações com os amigos, nas atividades escolares e no desempenho das atividades domésticas.

Ressalta-se também que o entendimento do conceito de família está desvinculado do contexto tradicional. As crianças parecem perceber, com naturalidade, o fato de o pai exercer

atividades que eram realizadas pela mãe. Diferentemente de Marcos, que afirma não se envergonhar de trocar as fraldas do filho, mas, em seguida, constrangido, assevera que reforça suas atividades como provedor, parecendo revelar que realizar certos cuidados com os filhos põem em risco sua masculinidade. Diferente também de Germano, que insere a dúvida na paternidade que realiza, dizendo que parece que a receita está dando certo, como se não pudesse cuidar dos filhos sem a mãe. Embora haja esses questionamentos, os pais, de maneira alguma, demonstraram não querer dar continuidade à paternidade que exercem, voltando-se para o cuidado, a proteção e a educação dos filhos.

Essa postura pode estar ligada ao modelo de paternidade desempenhado pelos seus pais. Carlos não demonstrou, em seu discurso, a presença materna, apenas refere que seu pai era seu herói e parece sentir-se menos afrontado pelos estereótipos tradicionais de masculinidade e paternidade. Diferentemente de Marcos e Germano, que foram criados em uma família composta pelo pai e pela mãe, cada um com papéis claramente definidos. Além disso, seus pais são tidos como referência em paternidade a ser revisada, adotando-a para a própria prática ou como exemplo a não ser seguido.

É possível pensar que, para um pai assumir a responsabilidade exclusiva pelos filhos, pressupõe-se um conceito de paternidade diferente do tradicional. Um pai que exerce a função de provedor e disciplinador, imutavelmente, secundário na educação e na criação dos filhos, dotado da tradicional masculinidade, poderá encontrar dificuldades numa experiência como a que está em evidência neste estudo. Parece ser necessário haver o entendimento de uma paternidade diferente da tradicional, anterior à separação, para que o pai se sinta minimamente capaz de garantir a guarda dos filhos. No entanto, esta é uma afirmativa arriscada, considerando a escassez de pesquisas nessa área e as limitações deste estudo.

Todavia, os pais e filhos que participaram desta investigação não identificaram dificuldades que coloquem em cheque sua maneira de constituir-se como família. Com os acertos e desacertos, apresentaram uma dinâmica saudável, tendo sido elaborados e desempenhados os procedimentos e as posturas que garantem os cuidados necessários para o desenvolvimento adequado dos filhos.

## **Seção 2**

### **Artigo Teórico**

#### **2 Quando o pai detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa?**

*When the father has custody of his children: what family configuration is that?*

## **Resumo**

A maneira de constituir-se como família, em termos das diferentes configurações e da estrutura familiar, está sendo ampliada, a partir de múltiplos fatores; dentre eles as mudanças nos papéis sociais que envolvem homens e mulheres. No presente artigo, elaborado a partir de uma revisão assistemática da literatura, com base em livros e artigos científicos, é abordado o aspecto da diversidade de configurações familiares e os eventos sociais que parecem estar diretamente ligados às formas de relacionar-se em família. Com o foco nas famílias pós-divórcio, constituídas por um dos genitores e seus filhos, o objetivo deste estudo é questionar e discutir as diversas nomenclaturas que os autores utilizam para descrever esse tipo de arranjo familiar. Evidenciou-se que denominações diversas como família monoparental, família de progenitor único, família pós-divórcio chefiada por um dos genitores e famílias mononucleares são utilizadas indiscriminadamente. Além disso, verificou-se divergência na conceituação, inclusive entre autores que utilizam a mesma nomenclatura. Por exemplo, alguns autores chamam de monoparentais as famílias chefiadas por um dos genitores, independentemente do fato de o genitor que não detém a guarda dos filhos manter o vínculo com estes. Outros definem como monoparental a família em que um único genitor assume integralmente a responsabilidade de conduzir o grupo familiar, sem a participação do outro. A partir desta discussão, apresentam-se as características da configuração familiar pós-divórcio, chefiada por um dos progenitores, bem como se explicitam aspectos da sua dinâmica de funcionamento.

Palavras-chave: família monoparental, guarda dos filhos, famílias pós-divórcio.

## **Abstract**

The way to establish itself as a family in terms of different configurations and the family structure is being expanded from multiple factors, such as changes in social roles involving men and women. In the present article, drawn from an unsystematic review of literature, and based on books and scientific articles, it is addressed the aspect of the family structures' diversity, and the social events that seem to be directly connected to the ways of relating in the family. With the focus on post-divorce families comprised of one parent and their children, the aim of this study is to question and discuss the various designations that authors use to describe this kind of family arrangement. It was evident that various concepts such as one parent family, single-parent family, single-parent headed post-divorce family and mononuclear family are used indiscriminately. Furthermore, it was verified divergence in the conceptualization even among authors who use the same nomenclature. For instance, some authors call one parent families the ones headed by one parent, regardless of whether the parent who does not have custody of their children maintain or not ties with their children. Yet others define one-parent families those in which a single parent assumes full responsibility for running the family group, without the participation of the other parent. From this discussion, it is presented the characteristics of the post-divorce family arrangement, headed by one of the parents, as well as it is explained aspects of its dynamic of operation.

Key-words: one parent family, child custody, post-divorce families.

## **2.1 Introdução**

No presente artigo, o foco de análise é o fenômeno da diversidade de configurações familiares, mais especificamente das famílias pós-divórcio chefiadas por um dos genitores. Diversos eventos sociais ampliaram as formas de relacionar-se em família, como, por exemplo: a inserção da mulher no mercado de trabalho, o controle de natalidade promovido pelos métodos anticoncepcionais, a mobilização masculina em sua aproximação da família, assumindo papéis não tradicionais, e o divórcio, acompanhado de procedimentos de guarda dos filhos. De maneira alguma, é possível ser identificada a totalidade de eventos causadores da diversidade familiar, pois, em concordância com Grzybowski (2002), são muitas as causas mobilizadoras desse fenômeno.

Compondo a diversidade de arranjos familiares, encontram-se famílias intactas, famílias chefiadas por um dos genitores e famílias reconstituídas. Cabe salientar que a primeira e a terceira são apresentadas brevemente, pois não fazem parte do escopo deste estudo. O seguimento do artigo é construído, como anotado, com foco nas famílias chefiadas por um dos genitores. A nomenclatura desse tipo de família é discutida com base na terminologia utilizada pelos autores pesquisados, a saber: famílias monoparentais, mononucleares, de progenitor único, entre outras. Tal discussão compõe o objetivo deste estudo de revisão de literatura. Posteriormente, são abordadas as principais características desse modelo de configuração familiar, visando discutir a dinâmica de funcionamento desses núcleos.

## **2.2 Diversidade de configurações familiares: eventos que mobilizaram a ampliação das possibilidades de constituir família.**

A constituição familiar e os papéis exercidos por seus componentes, estão se modificando e, conseqüentemente, impõem desafios aos pais e às mães, no sentido de se adaptarem às novas funções paterna e materna (Dantas, 2003; Grzybowski, 2002; Hennigen & Guareschi, 2002; Souza, 2008). No âmbito conjugal, destaca-se uma busca importante pela igualdade na divisão de poder, nas atividades domésticas, no provimento financeiro e na criação e educação dos filhos, entre os gêneros (Souza & Ramires, 2006).

No clássico modelo de família, entre as responsabilidades paternas encontram-se o sustento financeiro – obtido por meio do trabalho extradomiciliar –, o controle disciplinar e o pátrio poder. Nesse modelo social, estão sob a responsabilidade materna a educação e os

cuidados da criação dos filhos, além das atividades domésticas. Essas características da família clássica atendiam aos modelos instaurados numa sociedade em que o homem se mantinha vinculado às questões sociais, políticas e econômicas, contraditoriamente ao papel feminino (Grzybowski & Wagner, 2007). Porém, tal modelo familiar vem sofrendo modificações e, distante de culminarem no fim da família (Fleig, 2005; Grzybowski, 2002; Osório, 1996, Wagner, 2002), podem indicar uma crise, propiciando a criação de novas dinâmicas e configurações familiares (Grzybowski, 2002; Osório, 1996, Wagner, 2002).

Com algumas mudanças no cenário político, as reivindicações por igualdade civil tornaram-se mais frequentes (Silva, 2003; Souza & Ramires, 2006). Uma delas resultou na modificação do papel social feminino. Assim, as mulheres ocuparam gradativa e marcadamente, por exemplo, o mercado de trabalho (Silva, 2003). Segundo o IBGE (2010), o percentual de mulheres economicamente ativas na região metropolitana de Porto Alegre, no mês de setembro de 2010, atingiu 47,2%, enquanto os homens economicamente ativos somaram 52,8%. Wagner *et al.* (2005), pesquisando uma amostra de 100 famílias, verificaram que 90% dos homens e 69% das mulheres exercem uma atividade profissional fora do lar. Esses dados evidenciam o movimento social de inserção da mulher no mercado, comprovando que tanto a maternidade quanto a paternidade não respondem mais às características clássicas de família, pois o fato de a mulher estar no mercado de trabalho modifica a maneira de criar os filhos e a constituição do grupo familiar (Wagner *et al.*, 2005).

Outro aspecto a ser destacado e que tem impacto na diversidade de configurações familiares é a utilização dos medicamentos anticoncepcionais e os incentivos para o controle da natalidade (Souza & Ramires, 2006). A possibilidade de desvincular a sexualidade da procriação abriu as portas para o planejamento da gravidez e oportunizou a opção pela maternidade (Garbar & Theodore, 2000) e paternidade.

Respondendo aos movimentos sociais dos quais a mulher vem participando na sociedade, o homem também busca novos espaços na família. Um exemplo disso é uma aproximação maior dos filhos (Silva, 2003), unindo sensibilidade, afeto, colaboração e cuidados, também em relação à esposa (Souza, 2008). O homem assume o exercício da paternidade, participando mais ativamente do processo gestacional, do nascimento, da alimentação e da higiene de seus filhos, incluindo afeto na execução dessas atividades (Badinter, 1986). Nesse sentido, o cenário atual propicia o movimento masculino em direção à desconstrução de alguns traços tradicionais de sua

própria constituição como homem, como pai e nas demais funções sociais que pode assumir, reduzindo os sentimentos de enfraquecimento da masculinidade quando do desempenho dessas funções (Souza, 2008).

O divórcio ou a separação também é um fator que contribui expressivamente para a diversidade de arranjos familiares. Por se tratar de um estudo relacionado a famílias pós-divórcio, é este o tema que se aprofunda de forma mais minuciosa.

### **2.3 Divórcio ou separação conjugal e a guarda dos filhos**

A possibilidade de um casal divorciar-se ou separar-se é um fator que contribuiu tanto para a diversidade de configurações familiares quanto para a revisão do exercício dos papéis parentais (Brown, 2001; Cano, Gabarra, More & Crepaldi, 2008; Grzybowski, 2002; Wagner *et al.*, 2005). Segundo o IBGE (1998; 2008), o número de casais que se separaram aumentou de 193.244<sup>2</sup>, em 1998, para 290.963<sup>3</sup>, em 2008, no Brasil. No Rio Grande do Sul, este número subiu de 14.637, em 1998, para 17.024, em 2008.

O divórcio, comumente, é escolhido pelos casais para resolver os conflitos e as insatisfações conjugais, mesmo que, por vezes, não estejam preparados para a situação pós-divórcio (Peck & Manocherian, 2001) e apesar de que essa separação não impeça ou isente os pais e os filhos de conflitos e ansiedades, podendo, pelo contrário, intensificá-los (Ramires, 2004). Wallerstein e Kelly (1998) realizaram um estudo com 60 famílias da Califórnia que passaram pela experiência do divórcio. Os pesquisadores destacam que grande parte dos divórcios ocorre sem a concordância de todos os envolvidos. Geralmente, um dos genitores, na maioria dos casos, a mulher, toma a iniciativa de divorciar-se. O processo inicia com a insatisfação conjugal e atinge seu auge com a separação, colocando os envolvidos num cenário de transição e instabilidade (Wallerstein & Kelly, 1998).

Uma decisão desta natureza não se desencadeia isoladamente, mas envolve mudanças legais, sociais, psicológicas, econômicas e sexuais (Wallerstein & Kelly, 1998), cujo impacto atinge diretamente o ex-casal (Lamela, 2009) bem como os demais componentes familiares. Peck e Manocherian (2001) destacam como transformações mais frequentes: (a) a mudança na relação

---

<sup>2</sup> Este número é resultado do somatório do total de divórcios e separações judiciais concedidos em primeira instância.

<sup>3</sup> Este número é resultado do somatório do total de divórcios e separações judiciais concedidos em primeira instância, escrituras de divórcio e separações.

do casal; (b) o distanciamento entre os irmãos; (c) o distanciamento dos filhos por parte do genitor sem a guarda; (d) a possível aproximação da família de origem; (e) a mudança na hierarquia e nos subsistemas intrafamiliares, e (f) as mudanças nos subsistemas fora do núcleo familiar.

Em relação aos filhos, a reação e a interpretação se diferenciam conforme a idade, o sexo e a história de vida, por exemplo (Peck & Manocherian, 2001). Para muitos dos filhos, o divórcio significa uma transformação no vínculo com os pais, assim como com os membros da família ampliada (Brito, 2007). Um estudo qualitativo, concretizado por Brito (2007), com 30 jovens entre 21 e 29 anos, filhos de pais separados, residentes no Rio de Janeiro, revelou que a separação ou o divórcio não se resumiu ao casal. Provocou, também, um distanciamento entre pais e filhos e gerou mudanças permanentes na vida dos jovens pesquisados. Algumas dessas mudanças referem-se ao vínculo entre pai e filho, o qual se torna frágil e distante e recebe conotação negativa. Nos casos em que o vínculo se manteve estável entre filhos e ambos os pais, o impacto negativo do divórcio foi menor.

Wagner, Falcke e Meza (1997) pesquisaram uma amostra de 60 jovens de Porto Alegre, visando avaliar o que pensam sobre a separação conjugal ou o divórcio. O resultado mostrou que 53,33% dos participantes percebem a ruptura do vínculo conjugal como um evento gerador de estresse; e 46,6% percebem essa ruptura como uma maneira de solucionar as dificuldades decorrentes da relação conjugal insatisfatória.

Juntamente com o divórcio ou a separação, nos casos de casais com filhos menores, surge a necessidade de decidir sobre a guarda de seus descendentes (Código Civil, 2002, artigo 1.583; Lago & Bandeira, 2009). Toda a criança, desde sua constituição, necessita de cuidados primordiais para seu desenvolvimento. Ela depende da intervenção de outro ser humano, preferencialmente um adulto, para garantir seu sustento, sua educação e saúde, seus interesses (Gomes, 2000), bem como precisa dos demais cuidados necessários para que se desenvolva integrada ao contexto social que a envolve (Cabral, 2008). Observando tal premissa, torna-se imprescindível integrar à discussão o conceito de pátrio poder, atualmente chamado de Poder Familiar (Venosa, 2005).

O conceito de Poder Familiar (Venosa, 2005), na legislação brasileira, institui que todo menor tenha suas necessidades básicas atendidas. Por essa razão, compete aos responsáveis a responsabilidade de agir em favor das crianças e dos adolescentes, constituindo-lhes bases sólidas,

que integrem afeto, respeito e solidariedade (Cabral, 2008). Segundo Santos Neto (1994), o Poder Familiar agrupa os direitos e deveres dos pais em relação aos filhos menores como indivíduos e seus bens. A Constituição Federal (1988), nos artigos 227 e 229, legitima que é direito da criança receber os cuidados com saúde, alimentação, educação, entre outras necessidades. Esse dever, segundo o Código Civil (2002), artigo 1.634 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990), artigos 19 e 22, é atribuído aos pais, acrescentando-se o dever de acompanhamento e de guarda dos filhos, os cuidados e a proteção aos aspectos psicológicos (Cabral, 2008).

Por muito tempo, o exercício do poder familiar cabia exclusivamente ao pai; a participação da mãe nessa função era aceita somente na ausência dele ou apenas como colaboração (Cabral, 2008; Grisard Filho, 2000; Venosa, 2005). Porém, com a Constituição Federal (1988), a igualdade entre os gêneros é legitimada (Artigo 5.º, I), bem como a igualdade entre os cônjuges (Artigo 226, § 5.º), condição reafirmada no ECA (1990), artigo 21. Dessa forma, cabe aos pais exercerem igualmente o poder familiar (Wagner & Levandowski, 2008; Santos Neto, 1994; Venosa, 2005).

O exercício dos direitos e deveres da maternidade e paternidade explicitados pela legislação brasileira não deveriam sofrer modificações em função das mudanças ocorridas nos vínculos e nas relações conjugais. O poder familiar remete à mútua ligação que há entre pais e filhos, independentemente de o casal romper o vínculo conjugal pelo divórcio (Gomes, 2000; Venosa, 2005; Vieira, 2006). Conforme o Código Civil (2002), artigos 1630 e 1632, a separação judicial ou divórcio não alteram a relação entre pais e filhos, mantendo, conforme expressa o artigo 1636, o direito de tanto ao pai quanto a mãe exercerem o Poder Familiar, mesmo após a separação.

Com a ruptura da união conjugal, ocorre uma modificação na maneira dos genitores exercerem os papéis que lhes são peculiares. Os casais com filhos menores de dezoito anos, mesmo que sobressaltados pelas dificuldades da separação (Dias, 2010; Wallerstein & Kelly, 1998), precisam definir quem será o responsável pela guarda dos filhos (Lago & Bandeira, 2009; Leite, 1997).

A guarda dos filhos é parte do Poder Familiar (Canezin, 2005; Venosa, 2005) e se caracteriza por quesitos jurídicos interligados, existentes entre o genitor que detém a guarda, e a criança, regramentos os quais legitimam os direitos e deveres entre ambos. Dessa forma, o segundo está submetido à autoridade do primeiro, que, por sua vez, deve atender a

responsabilidade de garantir os cuidados básicos ao menor (Canezin, 2005; Santos Neto, 1994). A guarda pressupõe que haja assistência material, moral, educacional (ECA, 1990; Diniz, 2007) proteção, amparo (Strenger, 1998) e convivência dos responsáveis com seus filhos (Grisard Filho, 2000). O responsável legítimo que não cumprir com seu dever de prover subsistência ao filho, e o expuser a situações de risco moral e material, ou que não garantir a instrução primária da criança, está sujeito a penalidades previstas no Código Penal (1940), artigos 244, 245, 246 e 247.

Segundo o Código Civil (2002), artigo 1.583, a vontade dos pais direcionará o processo decisório pela guarda (Dias, 2010; Grisard Filho, 2000). Porém, não havendo acordo entre os dois, o artigo 1.584 do Código Civil (2002) determina que a guarda será designada a quem apresentar melhores condições de atender às necessidades do filho, considerando-se parentesco, proximidade e afetividade na relação, procurando, ao máximo, evitar as disputas depreciativas pelos filhos, o que reflete negativamente nos próprios pais e seus descendentes (Dias, 2010).

Ainda que o Código se refira a quem apresentar melhores condições, ou seja, ainda que trate pai e mãe igualmente, os dados do IBGE demonstram que a mãe continua sendo a referência para a guarda dos filhos, como ocorria na antiga legislação (Brown, 2001; Silva, 2003; Souza, 2008; Wallerstein & Kelly, 1998). O IBGE registrou, em 1998, que, das separações judiciais e divórcios concedidos em primeira instância a casais com filhos menores de idade, a mãe ficou com a guarda dos filhos em 90,77% dos casos, enquanto o pai acumulou apenas 5,64% dos casos. Em 2008, esse percentual passou para 88,77% e 5,5%, para mães e pais, respectivamente. Dessa maneira, evidencia-se que a legislação não é suficiente para garantir a igualdade entre os gêneros, o que torna necessária a criação de uma nova concepção cultural que incorpore a evolução da família e os modelos sociais em transformação, como, por exemplo, o modelo de homem e de mulher (Souza, 2008).

A guarda pode ser compartilhada ou unilateral (Código Civil, 2002, artigo 1.583, alterado pela lei 11.698, 2008). Na guarda compartilhada, a responsabilidade em relação aos direitos e deveres de pais, oriundos do poder familiar, fica dividida entre ambos (Código Civil, 2002, artigo 1.583, § 1º, alterado pela lei 11.698, 2008). O dever de criar e educar, bem como o de estar em companhia e guarda, está depositado em ambos os pais (Dias, 2010; Leite, 1997; Strenger, 1998). Isso possibilita que os filhos permaneçam proximamente vinculados aos dois genitores, facilitando a intensa participação de ambos os pais na vida de seus descendentes. Isso igualmente oportuniza que os pais compartilhem dificuldades, decisões e soluções, influenciando na

formação integral da criança como sujeito (Diniz, 2006; Canezin, 2005; Grisard Filho, 2000; Dias, 2010; Leite, 1997; Strenger, 1998). Considera-se importante, por essa razão, que sejam esclarecidas aos pais as características dessa modalidade de guarda, mesmo quando a decisão daqueles seja pela guarda unilateral (Dias, 2010). Esse tipo de guarda, no entanto, não é indicada em casos de separação litigiosa (Canezin, 2005), quando os pais não conseguem diferenciar os conflitos conjugais do exercício saudável da parentalidade (Grisard Filho, 2000), quando não há uma superação das diferenças, dos ressentimentos e das mágoas, herança de uma conjugalidade conflituosa, que dificulta a manutenção do foco no cumprimento dos direitos e deveres do poder familiar (Canezin, 2005; Dias, 2010; Leite, 1997; Vieira, 2006).

A guarda unilateral estabelece um genitor como guardião (Código Civil, 2002, artigo 1.583, § 1º, incluído pela lei 11.698, 2008), que assume o poder familiar e será referência como autoridade parental, devendo administrar os bens, cumprir com a responsabilidade civil, a educação e a vigilância dos filhos (Diniz, 2006; Grisard Filho, 2000). Ao genitor que não detém a guarda, cabe o direito a visitas, assim como o de acompanhar se a educação, os interesses (Código Civil, 2002, artigos 1589 e 1.583, § 3º, incluído pela lei 11.698, 2008), os cuidados com a saúde, a vigilância, entre outras necessidades primordiais para o desenvolvimento saudável de seus filhos, então sendo bem conduzidos (Costa, 2002; Diniz, 2006; Grisard Filho, 2000). No que concerne ao dever de alimentação e aos demais cuidados básicos, atribui-se a responsabilidade aos dois genitores (Costa, 2002; Grisard Filho, 2000). Essa modalidade de guarda é indicada em situação de conflitos entre o casal. Tais casos ocorrem, por vezes, quando há o estabelecimento de regras, de maneira informal, por parte do genitor que detém a guarda, dificultando, por exemplo, a visitação, promovendo o distanciamento e, conseqüentemente, o enfraquecimento do vínculo afetivo entre o genitor que não possui a guarda e seu filho (Canezin, 2005).

A partir do divórcio ou da separação, portanto, há a possibilidade de os genitores se manterem solteiros, ou de estabelecerem outra união conjugal, deixando (a) o modelo de família intacta para formar (b) as famílias chefiadas por um dos genitores ou (c) as famílias reconstituídas. São esses três tipos de arranjos familiares que serão apresentados na seção a seguir.

## **2.4 Diversidade de configurações familiares**

As mudanças nas funções e nos papéis familiares não estão ocorrendo homogeneamente e de forma padronizada em todos os âmbitos, resultando em modelos familiares coexistentes

(Wagner et. al. 2005). Pode-se visualizar, dentre diversos arranjos familiares, de forma já consolidada, três grandes modelos: famílias intactas, pós-divórcio e reconstituídas. A presença do pai, mãe e filhos no grupo familiar configura a família intacta (Cervený, 1994), também denominada como original (Wagner, 2002) ou nuclear em primeira união (Ramires, 1997). As famílias reconstituídas (Dias, 2010), que podem ser chamadas de recasadas (McGoldrick & Carter, 2001) ou recompostas (Porreca, 2004), são formadas pelo casal que se uniu conjugalmente após a separação, possivelmente pelos filhos da esposa e do marido, em seu primeiro casamento, e mais os filhos dessa nova união (Castoldi, 2006). As famílias monoparentais, mononucleares (Castro, 2008), de progenitor único ou pós-divórcio chefiadas por um dos progenitores (Peck & Manocherian, 2001) são caracterizadas pela presença de um único cônjuge e de seus filhos no âmbito do lar (Castoldi, 2006; Costa, 2002; Dias, 2010; Lacerda, 2006; Leite, 1997; Marodin & Polanczick, 2007; Palma, 2001; Ramires, 1997), havendo controvérsias na literatura sobre a participação ou não do cônjuge que saiu de casa na vida familiar.

Um estudo com 100 pessoas (50 adultos e 50 crianças, entre 6 e 11 anos), de camadas populares, realizado por Amazonas *et al.* (2003), apontou uma ampla diversidade de configurações familiares: 32,7% são famílias intactas; 24,5% são famílias extensas; 16,3% são recasadas; 14,3% são monoparentais e 4,1% são famílias abrangentes. Nesse estudo, consideraram-se famílias monoparentais aquelas cuja mãe não estava em companhia do marido e detinha sozinha a responsabilidade pelos cuidados com os filhos, às vezes envolvendo a família de origem, amigos e vizinhos no dia a dia familiar.

Embora cada configuração familiar apresentada tenha sua importância, fez-se necessário fazer um recorte. Dos três grupos de famílias conceituados acima, elegeu-se o arranjo familiar pós-divórcio chefiado por um dos genitores, a fim de discutir o conceito atribuído a esse arranjo, bem como avaliar a terminologia utilizada na sua denominação. O conceito de família monoparental traz uma série de contradições, como se constata ao ser analisada a visão de vários teóricos e pesquisadores. A partir disso, as perguntas que se instauram são: tal conceito se refere a todas as famílias após o divórcio, na fase de transição para um modelo de família reconstituída? Implica na ausência total de um dos progenitores, ou podem ser consideradas como monoparentais todas as famílias nas quais um dos progenitores possui guarda unilateral dos filhos, independentemente de os filhos visitarem o outro progenitor? Como se chama a família cujos

progenitores compartilham a guarda dos filhos após o divórcio? Esgotar essa discussão ou responder a todos os questionamentos não é o objetivo da próxima seção, mas se apresentam diversas maneiras de nomear as famílias chefiadas por um dos genitores, bem como se esclarece a diversificação dos conceitos.

## **2.5 Família pós-divórcio: definição de conceitos**

O foco deste estudo está ligado às famílias pós-divórcio chefiadas por um dos genitores, considerando que esse tipo de configuração aumentou consideravelmente nos últimos anos (Brown, 2001; Carloto, 2005; Dias, 2010; Garbar & Theodore, 2000; Lacerda, 2006; Leite, 1997; Souza, 2008; Woortmann & Woortmann, 2004). Com a Constituição Federal (1988), o conceito de família teve sua seara ampliada, considerando, conforme artigo 226, § 4.º, que a família pode ser constituída por somente um dos genitores e seus filhos. O IBGE registrou um crescimento do índice de famílias com filhos menores de 16 anos e com a presença de apenas um dos genitores, denominadas pelo instituto como monoparentais, de 19,2%, em 1997, para 21,8%, em 2007 (IBGE, 1997; 2007). Ainda que utilize a nomenclatura monoparental, o IBGE considera como integrantes dessa tipologia de família aquelas em que apenas um dos progenitores reside sozinho com os filhos, não entrando no mérito o tipo de contato que se estabeleça com o outro genitor.

Em tempos passados, utilizava-se o termo família monoparental para nomear apenas os casos de viuvez, mas, recentemente, ele é empregado também em casos de separação e divórcio, pela possibilidade de um adulto criar e manter um filho sozinho (Costa, 2002; Leite, 1997). Para se entender historicamente, em 1960, na Inglaterra, iniciou-se um processo de intensificação dos estudos sobre as famílias nas quais havia a presença de um dos genitores. Em 1981, na França, o Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos passou a utilizar o termo monoparental para identificar as famílias constituídas por um genitor solteiro, separado, divorciado ou viúvo. Nos anos posteriores, tal caracterização passou a ser utilizada na Europa e, atualmente, por grande parte do ocidente, como atributiva de uma família constituída pelo pai ou pela mãe e seus filhos (Costa, 2002; Leite, 1997). Garbar e Theodore (2000) afirmam que o conceito monoparental foi utilizado em substituição dos termos “pai solteiro”, “mãe solteira” ou “pai isolado”.

As famílias monoparentais são classificadas como masculinas ou femininas, de acordo com o sexo do progenitor que fica com a guarda das crianças. Garbar e Theodore (2000) afirmam

que a família monoparental pode ser subdividida em outras duas classes: aquelas em que o genitor que tem a guarda dos filhos exerce sua função sem a participação do outro genitor, e aquelas cujo pai ou mãe tem contato e divide determinadas responsabilidades com o genitor que está fora do núcleo familiar. A primeira situação pode ocorrer em função de uma separação litigiosa ou por morte de um dos genitores. A segunda ocorre nos casos de uniões livres e nos casos de separação em que os genitores dividem as responsabilidades.

A constituição de família monoparental pode decorrer por opção ou por dispositivos fora do controle dos genitores (Leite, 1997; Souza, 2008), a saber: separação conjugal, viuvez, celibato, adoção por parte de uma pessoa adulta que decide criar a criança independentemente, inseminação artificial, nascimento fora do matrimônio e até mesmo pelo fato de os genitores deixarem seus filhos sob responsabilidade de um de seus familiares (Fujita, 2006; Lacerda, 2006; Leite, 1997; Marodin & Polanczick, 2007; Santos & Santos, 2008; Souza, 2008). Uma das causas mais frequentes da monoparentalidade, no passado, foi a viuvez (Souza, 2008). No entanto, com a legalização do divórcio, este tomou o espaço de principal causa do fenômeno da monoparentalidade (Dias, 2010; Leite, 1997; Souza, 2008).

Garbar e Theodore (2000) entendem que as seguintes configurações são chamadas de monoparentais: mãe com filho e pai desconhecido; mãe, filho e pai que não aceita reconhecer o filho; mulher ou homem que decidem ter filhos com alguém e não desejam coabitação (chamada de família monoparental voluntária); viúvos e viúvas; uniões livres com residência dupla (quando o casal com filhos decide não residir na mesma casa); adoção por pessoas solteiras e pais divorciados ou separados, cujas crianças convivem com um dos genitores e vê o outro com maior ou menor frequência.

Costa (2002) menciona que, com a dissolução do vínculo conjugal de uma família biparental e com a permanência dos filhos com um dos genitores, constitui-se a monoparentalidade. Nesse sentido, corrobora a posição de Garbar e Theodore (2000) de que uma família pode ser considerada monoparental, ainda que tenha um contato frequente com o genitor que não detém a guarda.

Dias (2010), por outro lado, acrescenta algumas condições para satisfazer os critérios da monoparentalidade. Segundo a autora, é necessário haver a guarda unilateral dos filhos e pouca participação do genitor que não detém a guarda no desenvolvimento e na criação do filho para configurar uma família monoparental. Porém, em outro momento, a autora afirma que, mesmo se

tornando uma família reconstituída, o guardião e o filho do primeiro casamento continuam sendo uma família monoparental, considerando que o poder familiar é dever dos genitores da criança e que o recasamento não concede direito e dever ao novo componente familiar, padrasto ou madrasta (Dias, 2010).

Galano (2006) complementa que família monoparental é aquela chefiada por um adulto, geralmente a mãe, havendo a possibilidade de que muitas dessas mães não recebam ajuda dos pais para criar os filhos. Yunes, Garcia e Albuquerque (2007) utilizaram o termo família monoparental para designar famílias chefiadas por mulheres viúvas que viviam com os filhos, podendo ser a mãe ou a avó a cuidadora dos filhos e netos. Costa (2002) define que família monoparental é aquela formada por uma pessoa adulta, independentemente do sexo, que está sem cônjuge e convive com uma ou mais crianças. Souza (2008) chama de monoparental a família em que somente um dos genitores vive na mesma residência com seus filhos. Oliveira, Siqueira, Dell’Aglío e Lopes (2008) afirmam que, quando um único genitor detém a responsabilidade financeira da família constitui-se a monoparentalidade. Grzybowski (2002) elaborou seu estudo com famílias em que a mãe tem sob sua guarda seus filhos e denominou de família monoparental as chefiadas por mulheres divorciadas. Porém, na continuidade do estudo, em nível de doutorado, Grzybowski (2007) não utiliza o termo monoparental e nomeia esse modelo de configuração familiar de pós-divórcio associado às expressões mãe residente e pai não residente, nos casos em que a família é chefiada pela mãe, e pai residente e mãe não residente nos casos em que o grupo familiar é chefiado pelo pai. Por vezes, utiliza a nomenclatura família divorciada e pai/mãe divorciados. Fujita (2006), também emprega o termo família monoparental e o concebe como o tipo de família constituída por um ascendente e um descendente, desvinculando do conceito a condição da menoridade ou maioridade dos filhos e a da dependência financeira. O autor considera as famílias constituídas pelo pai, mãe, avô, avó, bisavô ou bisavó e os filhos, netos ou bisnetos. Leite (1997) afirma que essa família é constituída por um genitor sem cônjuge que vive com uma ou mais crianças. A partir desses conceitos, é possível considerar que são consideradas monoparentais somente as famílias nas quais existe um único dos progenitores como referência, sem que este compartilhe a parentalidade com outra pessoa.

Nesta mesma direção, Castro (2008) utiliza a terminologia famílias mononucleares ou monoparentais em caso de produção independente e em separações, em que ocorre o rompimento do vínculo parental com um dos genitores. A autora focaliza famílias geralmente chefiadas pela

mulher, mas também observa que existem aquelas chefiadas pelo homem. Considera que, em ambos os casos, existe a responsabilidade única de um dos genitores pelos filhos. Ao mesmo tempo, Castro (2008) propõe o conceito de famílias binucleares, nos casos em que não ocorre o rompimento do vínculo parental após a separação, fato que possibilita ambos os genitores atuarem como responsáveis pelos filhos. É o caso de guarda compartilhada, por exemplo. Tal abordagem visa diferenciar uma separação com rompimento do vínculo parental (monoparentalidade) de uma separação sem o rompimento do vínculo parental.

Em uma perspectiva de famílias chefiadas por mulheres, Weissmann (2008) delimita, para seu estudo, que as famílias monoparentais são aquelas constituídas por uma única figura parental, elegendo a mãe como única referência de educação cultural e de autoridade, e colocando o pai como elemento de uma necessidade genética de procriação. Perucchi e Beirão (2007), em seu estudo sobre a concepção de paternidade, tratam essa configuração familiar como mulheres chefes de família. As autoras atribuem este nome a famílias em que a mãe não coabita com o pai e tem filhos, ressaltando que o motivo dessa situação pode ser a viuvez e a separação ou divórcio.

Brown (2001) nomeia as famílias constituídas pelos filhos e um dos genitores como família pós-divórcio de progenitor único ou sozinho. Wallerstein e Kelly (1998), por sua vez, chamam esse tipo de união familiar de famílias pós-divórcio de progenitor com a custódia dos filhos.

A partir dessa diversidade terminológica usada para nomear as famílias de casais que se divorciaram, independentemente de a guarda estar sob responsabilidade da mãe ou do pai, é possível verificar que há divergências no entendimento e na aplicação dos conceitos. Há pesquisadores que questionam a utilização da expressão monoparental para as famílias cujo genitor que não detém a guarda participa do cotidiano familiar do ex-cônjuge por intermédio de visitas, de atividades de lazer, de educação, de saúde, de necessidades financeiras do filho, bem como de acompanhamento da execução dos deveres do cônjuge que detém a guarda. Outros estudiosos do tema, porém, não fazem menção a esse aspecto, e utilizam a terminologia indiscriminadamente. Há também aqueles que, possivelmente na tentativa de não cair no abismo dessa discussão, propõem outras maneiras de identificação: famílias de progenitor único, ou famílias pós-divórcio de progenitor único. Outros, nessa mesma tentativa, acabam por ampliar a discussão e os questionamentos, utilizando termos como mononuclear, famílias divorciadas, família de progenitor sozinho ou isolado.

Cada um dos termos pode receber críticas, como por exemplo: o termo monoparental, cuja constituição etimológica faz menção à existência de uma (mono) figura parental, foi, por muito tempo, utilizado para identificar as famílias em que um dos cônjuges não estabelece contato com a ex-esposa e seus filhos, situação gerada por viuvez, pela assim denominada produção independente, ou por abandono de lar. No entanto, atualmente, o termo é utilizado para designar as famílias de casais que se divorciaram, o que não impede que se gerem questionamentos como: (a) estão incluídas as famílias em que a guarda é unilateral e em que o genitor que não detém a guarda tem participação no núcleo familiar? (b) E quando a guarda é compartilhada?

Ao tentar a utilização de outros termos, também emergem pensamentos críticos. Em relação à terminologia mononuclear, por exemplo: todas as famílias constituem um núcleo, as formadas por casais e seus filhos, as com a presença de um dos genitores, as de casais divorciados e que se uniram conjugalmente pela segunda vez. A expressão família de progenitor único ou isolado também gera questionamentos evidentes. Observa-se que essa terminologia abre margem para ampliar as discussões e distorções, remetendo, inclusive, a ideias discriminatórias.

Em síntese, tal discussão permite supor que nenhuma terminologia consegue expressar a complexidade inerente à vivência em famílias das mais diferentes configurações. Cabe enfatizar que os termos usados para outros arranjos familiares podem também ser questionados. Como exemplo, tem-se a designação de família intacta, que remete a uma imutabilidade também não caracterizadora dos núcleos familiares cujos pais permanecem casados.

Dessa maneira, evidenciando a fragilidade da terminologia utilizada para designar o modelo familiar em estudo, nesta pesquisa, optou-se por ampliar o olhar e utilizar expressões não tão específicas, a saber: família pós-divórcio chefiada por um dos genitores. Essa expressão exclui as famílias geradas por viuvez, pela conhecida produção independente e pelo abandono de lar, considerando que o divórcio não ocorreu. Também exclui as famílias cujo cônjuge divorciado, com guarda compartilhada ou unilateral, tenha efetivado uma nova união conjugal, pois há coparticipação do novo cônjuge. Pode-se questionar, porém, o termo, chefiado, já que pode ser vinculado à figura de um chefe, termo que lembra o autoritário, o opressor, a quem se designa poder e responsabilidade, por vezes, exclusiva. Apesar disso, optou-se pela utilização desta expressão para o curso desta pesquisa, considerando que na família existe hierarquia e os pais devem assumir uma posição de maior poder.

## **2.6 Caracterizando a família pós-divórcio chefiada por um único genitor**

Logo após a separação, faz-se necessária uma reorganização no sistema familiar, o que inclui a criação de novas regras e de padrões de convivência (Brown, 2001; Peck & Manocherian, 2001). A família enfrenta uma crise (Souza & Ramires, 2006), e, geralmente, sente fortemente o impacto da mudança nos seguintes aspectos: (a) financeiro, especialmente nas famílias chefiadas pela mãe, pois a mulher recebe salários menores e encontram menos oportunidade de trabalho; (b) paternidade (no caso das famílias pós-divórcio femininas) ou maternidade (famílias pós-divórcio masculinas), porque a ausência de um dos progenitores impacta diretamente nos cuidados básicos, na educação e na criação dos filhos; e (c) relações sociais, já que pode ser enfrentado um distanciamento dos amigos, com preferência para a criação dos filhos, possibilitando haver recusa a envolvimento, com o temor de futuras indesejabilidades (Brown, 2001). Quando o pai fica sozinho com seus filhos, pode enfrentar dificuldades em relação às atividades domésticas e aos cuidados com os filhos (Garbar & Theodore, 2000), enquanto a mulher tende a enfrentar piora nas condições financeiras, dificuldades no mercado de trabalho, redução do tempo com os filhos e acréscimo nas atividades domésticas (Brown, 2001; Costa, 2002; Garbar & Theodore, 2000). A necessidade de buscar uma renda para a manutenção do lar sobrecarrega a mulher responsável pela família, considerando que, muitas vezes, recebe baixos salários, em função da discriminação no mercado de trabalho. O mesmo fato não ocorre com as mulheres que têm renda garantida e alta escolaridade (Costa, 2002).

O arranjo familiar pós-divórcio chefiado por um dos genitores pode configurar um momento de passagem para a constituição de uma nova união (Brown, 2001; Costa, 2002; Leite, 1997; Souza, 2008) ou pode manter-se como tal por longo tempo ou definitivamente (Souza, 2008). Independentemente disso, Brown (2001) aponta para a importância de compreender este núcleo familiar como uma família, não apenas como um momento transitório, de modo que o genitor responsável não tente manter a mesma dinâmica da configuração biparental, mas crie uma nova maneira de se envolver na nova organização da família.

Pode ocorrer que o genitor chefe de família pós-divórcio busque a convivência de sua família de origem, de amigos ou de vizinhos (Amazonas *et al.*, 2003). Outro aspecto dessa configuração familiar é o distanciamento do genitor que não está com a guarda, pois sua participação nas atividades ligadas aos filhos sofre uma queda considerável após a separação,

principalmente quando se une conjugalmente com outra pessoa (Brown, 2001; Edin, Tach, & Mincy, 2009; Garbar & Theodore, 2000; Souza, 2008).

A falta de um genitor para dividir as tarefas domésticas, tais como a de criação dos filhos e do sustento da família, sobrecarrega o genitor que está com a guarda das crianças ou adolescentes. Ocorre, em diversos casos, por um lado, uma participação maior dos filhos nas atividades domésticas, a fim de auxiliar o genitor responsável pela família, fato capaz de criar um clima de colaboração, união e solidariedade (Souza, 2008). Por outro, o vazio gerado pela saída de um dos genitores tende a ser compensado pelos avós, que assumem um papel de pais dos netos, muitas vezes, anulando ações do genitor responsável pela família (Brown, 2001). Pode ocorrer, também, que a criança venha a tomar o lugar do genitor que saiu, seja como cônjuge, com quem o genitor divide seus sentimentos, por exemplo. Outras vezes, ocorre que o pai ou a mãe que está só seja tomado por profunda tristeza, depressão, e os filhos venham a exercer um papel de cuidadores (Garbar e Theodore, 2000), motivando, nesses casos, uma inversão hierárquica.

Nas famílias pós-divórcio femininas, os cuidados com a educação, o lazer e as tarefas escolares dos filhos, geralmente, ficam sob responsabilidade da mãe (Brito, 2008; Carloto, 2005; Perucchi & Beirão, 2007). Para manter economicamente o lar e os dependentes, as mulheres trabalham em atividades formais e informais. Ocupadas com o trabalho, é comum a busca de creches, escolas e familiares para auxiliar nos cuidados com os filhos. As mulheres chefes de família sentem dificuldade em assumir as responsabilidades antes desempenhadas pelo cônjuge. Entendem que é muita responsabilidade assumir a função materna e paterna ao mesmo tempo. Além disso, apontam para a necessidade da participação efetiva do pai na educação e na afetividade dos filhos (Perucchi & Beirão, 2007).

Costa, Cia e Barham (2007) realizaram um estudo numa cidade do interior de São Paulo, comparando o envolvimento materno com os filhos e seu desempenho escolar em 15 crianças de famílias monoparentais femininas e em 15 de famílias intactas. Constatou-se que, nas famílias monoparentais, buscar esclarecimento sobre as saídas de seus filhos era uma prática pouco frequente e o tempo de que as mães dispunham para acompanhar as atividades sociais e acadêmicas de seus filhos era menor do que nas famílias intactas. Além disso, apresentaram comportamentos negativos (menor paciência com os filhos, nervosismo, cansaço etc.) em maior índice do que nas famílias intactas. Supõe-se que tais comportamentos estejam ligados ao estresse,

ao acúmulo de tarefas e às responsabilidades. As crianças percebiam suas mães mais agressivas e respondiam a seus questionamentos com menor sinceridade (omitindo e, às vezes, mentindo).

É importante não considerar as famílias pós-divórcio de antemão como famílias desorganizadas, desestruturadas, instáveis ou desintegradas. É certo que o progenitor que exerce a função parental nessa categoria de família acumula tarefas, além de ter que lidar com as dificuldades decorrentes da adaptação ao novo estilo de vida em família (Souza, 2008; Yunes, Mender e Albuquerque, 2007). Em função dessas questões, torna-se importante a constituição de uma rede de apoio, incluindo outros componentes familiares como avós, tios, primos, bem como instituições governamentais destinadas a realizar atividades com famílias (Yunes, Mender e Albuquerque, 2007).

Conhecendo melhor as características das famílias constituídas por um dos genitores e seus filhos, que inegavelmente compõem uma grande parcela do total de famílias existentes no Brasil e até mesmo mundialmente, percebe-se que podem ocorrer frustrações, descontrole e sofrimento. Entretanto, é inegável a possibilidade de elaboração de laços concisos capazes de promover o desenvolvimento saudável dos filhos, bem como do genitor responsável. Com suas características, dificuldades e superações, a família pós-divórcio chefiada por um dos genitores merece reconhecimento, respeito e valorização (Weissmann, 2008) antes mesmo de fundamentar discussões em preconceitos e pensamentos discriminatórios.

## **2.7 Considerações finais**

Além da diversidade de configurações familiares que se apresenta na contemporaneidade, pode-se perceber uma ampla diversidade na nomeação das famílias constituídas por um dos genitores e seus filhos. Qual é a maneira mais adequada de nomeá-las? Será possível homogeneizar o conceito discutido acima?

Diversos questionamentos emergem, quando se pensa no fenômeno das configurações familiares inseridas na complexidade social contemporânea. No entanto, evidencia-se que a família é uma instituição em movimento, em contínuo processo de mudança, acompanhando o contexto social que a envolve. O falecimento de um dos componentes familiares, a perda de emprego de um dos genitores, uma separação conjugal, entre outros, são fatores que colocam o grupo familiar em situação turbulenta, conseqüentemente, com a necessidade de uma reestruturação (Minuchin & Fishman, 1990).

Independentemente da configuração familiar e da terminologia que pode ser adotada para identificá-la, quando há bom relacionamento entre os pais após a separação, as possibilidades de uma reestruturação no novo modelo pode ocorrer de maneira mais tranquila. Em meio a diversas dúvidas, a certeza de que o amor dos pais pelos filhos não deve se romper com o divórcio emerge como reforço para os filhos enfrentarem o dia a dia, envoltos pelo novo modelo familiar (Wagner, 2002). Viver em família possibilita vivenciar emoções contraditórias, amor e ódio, alegria e tristeza, vitória e derrota. Pensar essas oposições sentimentais em meio à necessidade de reestruturar-se após a separação, por exemplo, e outras possíveis crises familiares, é um desafio que se lança para pais e filhos em busca do equilíbrio.

## **Seção 3**

### **Artigo Empírico**

#### **3 Paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos**

*Fatherhood in post-divorce families whose father has unilateral custody over the children*

## Resumo

Contemporaneamente, motivada por diversos movimentos sociais, a concepção de paternidade vem sofrendo mudanças, redefinindo-se diferentemente da paternidade tradicional, cujo pai detinha o poder e cumpria a responsabilidade pelo sustento familiar, dentre outras atribuições que o distanciavam da família. Hoje, alguns pais vivenciam modelos diferentes do tradicional, exercendo a paternidade com maior participação nas atividades domésticas, nos cuidados e na educação dos filhos e firmando vínculos próximos, afetuosos e amorosos com esses e a esposa. A partir desse novo cenário, delineado na literatura, o objetivo deste estudo é compreender o exercício da paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos. Participaram desta pesquisa, de cunho qualitativo, três pais com idade entre 29 e 44 anos, com a guarda unilateral, durante um período maior do que seis meses, de, pelos menos, um filho entre 6 e 13 anos de idade. Observou-se que os pais investigados exercem a paternidade de maneira diversa da tradicional, ainda que de forma diferenciada entre eles. Relacionam-se com os filhos afetuosamente e ressaltam o valor da proximidade e a satisfação que sentem por exercerem a paternidade dessa maneira. Por conviverem sozinhos com os filhos, acumulam as tarefas domésticas, os cuidados e a educação dos filhos e o lugar de provedor do lar. Em função disso, dividem com as crianças determinadas tarefas, geralmente as domésticas, enquanto, com relação aos custos com saúde, material escolar, vestimentas e eventuais necessidades de cuidados dos filhos, recebem ajuda de alguns componentes da família de origem. Para o sustento familiar, realizam atividades profissionais que possibilitam trabalho em casa e flexibilidade nos horários. Em dois dos casos, houve um distanciamento da mãe em relação à família do pai, porém em outro, a mãe recebia visitas regulares do filho.

Palavras-chave: paternidade, guarda dos filhos, famílias pós-divórcio.

## **Abstract**

The concept of fatherhood contemporaneously motivated by various social movements has been changing, redefining itself differently from traditional fatherhood, whose father held the power and fulfilled the responsibility for family maintenance, among other duties that would distance him from the family. Today, some parents experience different models from the traditional one, exercising fatherhood with greater participation in domestic activities, in the care and education of children, and establishing close warm and loving bonds to the kids and wife. From this new scenario, outlined in the literature, this study aims to understand the fatherhood exercise in post-divorce families, whose father has unilateral custody over the children. In this research, from a qualitative approach, three parents have participated, with ages between 29 and 44 years, with unilateral custody for a period longer than six months, and having at least one child with between 6 and 13 years of age. It was observed that the parents investigated exercise fatherhood in a diverse way from the traditional, albeit in a differentiated form between them. They relate to the children affectionately, and emphasize the value of closeness and the satisfaction they feel by exercising parenting this way. By living together alone with the children, the parents build up the housework, the care and education of children, as well as a family provider role. As a result, they share certain tasks with the children, usually the housework, while the costs with health, school supplies, clothing and any possible care needs of children receive assistance from some family members of origin. For their livelihood, the parents carry out professional activities that enable them working at home, being able to manage it with flexible schedules. In two of the cases, there was a distancing from the mother towards the father's family, but in another, the mother received regular visits from the child.

Key-words: fatherhood, child custody, single-parent families.

### 3.1 Introdução

Considerando as mudanças que vêm ocorrendo na contemporaneidade, em relação ao exercício da paternidade, é possível localizar alguns movimentos entre os homens em direção a uma maior compreensão de seu papel de pai (Maciel, 1994). Compreendendo seu papel, podem repensar sua postura diante da paternidade (Freitas, Coelho & Silva, 2007; Maciel, 1994), o que inclui atitudes, emoções, busca de novos espaços, principalmente na família (Maciel, 1994). Dessa maneira, iniciou-se a reescrita do conceito de paternidade, que passa a incorporar novas características (Colman & Colman, 1988; Hurstel, 1999). Considera-se, portanto, importante rever o exercício da paternidade a partir desse novo olhar e verificar a aplicação deste novo modelo em famílias constituídas pelo pai e seus filhos. Outrossim, esta seara apresenta-se como um vasto campo de estudos e o número de publicações científicas nessa área ainda é escasso. Realizou-se uma pesquisa nas bases de dados LILACS, PePSIC e SciELO com os seguintes descritores: família monoparental masculina, família de pais solteiros, paternidade monoparental, família monoparental, família pós-divórcio, divórcio e guarda, guarda paterna e guarda do pai. Foram encontrados, no total, 74 artigos, sendo que 32 foram repetições. Restaram 42 e, destes, ainda podem ser retirados 25 artigos que não dizem respeito ao tema em estudo. Os 17 restantes merecem ser estudados, porém nenhum deles trata especifica e exclusivamente de famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai.

Por muito tempo, as mulheres predominam na criação de suas crianças e são, em grande parte, as favoritas na opção pela guarda dos filhos (Dantas, 2003). Contudo, o homem vem assumindo um espaço, cada vez maior, de proximidade com os filhos (Silva, 2003), podendo elevar as possibilidades de ser o responsável pela criação desses, mesmo sem a presença de uma companheira. Dessa forma, as famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai, mesmo que ainda timidamente, vêm ganhando espaço e reconhecimento nas últimas décadas (Eggebeen, Snyder & Manning, 1996; Garasky & Meyer, 1996; Souza, 2008).

Segundo o Código Civil, publicado em 2002, entre os deveres dos pais estão listados a educação, a sustentação e a guarda dos filhos. Pelo artigo 1632, a separação judicial ou divórcio não altera a relação entre pais e filhos e a guarda das crianças deve ficar com o cônjuge que tiver melhores condições de criá-los, independente de gênero. Embora as leis prevejam igualdade entre pai e mãe quanto à possibilidade da guarda dos filhos após o divórcio, os dados mostram uma tendência cultural de que a mãe fique com a guarda (Dantas, 2003). Em 1998, dos divórcios

concedidos em primeira instância a casais com filhos menores de idade, em 90,77% dos casos a guarda dos filhos ficou com a mãe, enquanto somente 5,64% dos filhos ficaram com os pais. Esse mesmo dado, em 2008, manteve-se estável, somando 88,77% para as mães e 5,5% para os pais.

O movimento das mulheres em busca de reconhecimento social ocasionou a necessidade de uma reelaboração de significantes do estereótipo masculino e feminino (Kehl, 1996). O lugar social conquistado pela mulher contemporânea abriu espaço para o homem também recolocar-se socialmente (Burdon, 1998; Eggebeen, 2002; Garbar & Theodore, 2000), propondo acumular características antes rechaçadas no meio masculino, por serem predominantemente femininas (Barsted, 1998; Staudt & Wagner, 2008), como também participar das tarefas domésticas, educação e criação dos filhos, por exemplo (Burdon, 1998; Magalhães, 2007). A partir dos desdobramentos histórico-sociais da dialética entre os gêneros feminino e masculino, pode emergir um homem que não negue totalmente as características envolvidas pela rigidez e supremacia, mas que consiga compor tais qualidades com a sensibilidade, amorosidade, afetuosidade, entre outras características (Badinter, 1993).

Essa nova configuração do masculino abre caminho para uma reconfiguração da paternidade, outrora caracterizada pela suprema autoridade, distanciamento e provimento financeiro da família (Badinter, 1993; Garbar e Theodore, 2000). O pai deixa de acumular todo o poder sobre sua família para dividir a autoridade parental com a mãe, em tom de igualdade (Hurstel, 1999). Além disso, o pai começa a participar dos cuidados com o filho: higiene, alimentação, diversão e lazer. Por vezes, substitui a mãe quando esta trabalhar fora do lar, tornando-se o responsável central por tais cuidados (Parseval, 1986). Assim, a afirmação de Colman e Colman (1988) de que os estilos de exercer a paternidade tomam novos rumos parece estar se concretizando.

Staudt (2007) afirma que ainda está presente, no exercício da paternidade, a detenção da autoridade, a responsabilidade pela preservação da segurança e do sustento da família. Porém, acrescenta que os pais revelam-se mais afetivos e próximos dos filhos. Freitas, Coelho e Silva (2007), ao final de um estudo sobre os sentimentos de paternidade durante a gestação e após o nascimento do bebê, afirmam que os pais reúnem características do modelo tradicional e outras que o situam no novo estilo de paternidade. Ao estreitar os laços com a mãe e o bebê, durante a gestação, o pai tenderá a ter um vínculo mais próximo com seu filho após o nascimento. Indo

além, segundo Freitas, Coelho e Silva (2007), participar da gestação do filho faz emergir sentimentos de proximidade e envolvimento, o que pode minimizar os conflitos com a esposa.

Um pai pode exercer sua função a partir do modelo de paternidade que teve quando criança (Yablonsky, 1990). É provável que o pai de hoje tenha sido criado nos moldes tradicionais de paternidade e não tenha recebido o preparo para se tornar um pai próximo à família, ao lar e aos filhos (Colman & Colman, 1988). O modelo pode ser seguido e reproduzido, quando vivenciou uma experiência positiva. Quando as experiências foram negativas, o pai que se conscientizar de que pode prejudicar seu filho (Yablonsky, 1990), ou que simplesmente queira exercer uma paternidade diferente da tradicional (Colman & Colman, 1988), pode rever o modelo paterno que teve e buscar novos exemplos, exercendo a sua função de maneira a contemplar os quesitos do modelo contemporâneo de paternidade (Colman & Colman, 1988; Yablonsky, 1990). O exercício da função paterna, distante de ser desempenhada de forma isolada, sofre influência da configuração familiar, da esposa, dos irmãos, bem como dos momentos do ciclo vital que o pai está vivendo, e do estado emocional e social do homem. Além disso, a paternidade também pode ser influenciada pelo próprio filho, considerando seu desenvolvimento vital e suas características (Yablonsky, 1990).

A partir de tais movimentos, seria possível pensar que existem pais que podem cuidar dos filhos tão bem quanto a mãe e, nos casos de separação, que desejam a proximidade e a companhia dos filhos e merecem receber um tratamento de igualdade no páreo pela guarda dos filhos? Hurstel (1999) afirma que a maternidade ainda é modelo na criação e educação dos filhos e nos cuidados com o lar. É a este modelo que a paternidade se compara e, por vezes, se opõe. Entretanto, as mudanças contemporâneas nas funções paterna e materna mobilizam o pai a exercer as funções de cuidado, educação dos filhos, bem como a assumir as atividades domésticas, atitudes que aproximam cada vez mais os pais de seus filhos (Souza, 2008).

Garbar e Theodore (2000) afirmam que o pai que fica com a tutela dos filhos, após a separação, enfrenta dificuldades relacionadas às atividades domésticas, provavelmente em função do despreparo. Pode ocorrer também que o pai decida por empregos ou atividades remuneradas que propiciem a proximidade do lar e dos filhos, bem como de maior disponibilidade de tempo livre, podendo enfrentar, inclusive, uma diminuição da renda financeira por conta dessa decisão. O acúmulo de tarefas, que pode sobrecarregar os pais, somando-se às questões emocionais, como ausência do outro cônjuge e solidão, faz com que alguns tendam ao desânimo. Já outros

percebem que a falta do outro cônjuge possibilita a experiência de papéis e funções antes não exercidas ou divididas que levam ao orgulho de exercitar a paternidade de maneira mais próxima dos filhos (Garbar & Theodore, 2000). Pode ocorrer que o pai, quando a mãe se distancia, faça movimentos compensatórios na tentativa de suprir a ausência dela (Yablonsky, 1990).

Um estudo realizado por Dantas (2003), com oito famílias de classe socioeconômica média e alta do Rio de Janeiro, mostrou que os pais, após a separação do casal, mesmo os que não ficaram com a guarda de seus filhos, desejam manter um vínculo próximo com eles. Ao falarem de seus filhos, os pais demonstraram amor por eles e interesse em participar da vida daqueles.

Buscando comparar famílias pós-divórcio femininas e masculinas, Jiménez (2003) estudou a relação pais-filhos em 108 famílias chefiadas por um dos genitores, 93 maternas e 15 paternas, no México. O pesquisador destacou as seguintes diferenças: as chefiadas pelo pai somam um número consideravelmente menor e dedicam menos atenção aos cuidados de saúde, à alimentação, ao dormir e brincar, com uma participação maior da avó nessas atividades. Ressalta-se como semelhança entre os dois arranjos familiares a participação na vida escolar do filho.

Outros estudos internacionais realizados, comparando diferentes configurações de família, revelaram que pais chefes de famílias pós-divórcio: a) dispensam mais tempo com os cuidados dos filhos do que os pais em famílias intactas, e menos do que as mães em famílias pós-divórcio e intactas (Hook & Chalasani, 2008); b) dedicam mais tempo brincando com seus filhos do que as mães e pais casados (Hook & Chalasani, 2008); c) dedicam mais tempo às atividades da casa e menos tempo em atividades sociais do que os pais casados (Hook & Chalasani, 2008); d) em alimentação em casa, utilidades, roupas e em educação dos filhos, os gastos são menores se comparado às famílias chefiadas pela mãe e intactas (Ziol-Guest, 2009); e) os pais trabalham menos em tempo integral fora de casa (76%) e as mães trabalham mais (56%) do que em famílias intactas (90% e 43%, respectivamente) (Hook & Chalasani, 2008); f) há um maior consumo de álcool e tabaco nas famílias chefiadas pelo pai, ultrapassando as chefiadas pela mãe e as intactas (Ziol-Guest, 2009); g) crianças em famílias chefiadas por homens estão mais vulneráveis, se comparado com as famílias intactas e, tratando-se de condições socioeconômicas, as famílias chefiadas por mulheres estão em maior desvantagem, seguidas das chefiadas por homens e depois das intactas (Leininger & Ziol-Guest, 2008).

Observa-se que a maioria dos estudos analisados são levantamentos quantitativos que buscam a diferenciação do exercício da paternidade em famílias chefiadas por um dos genitores, em comparação com outros arranjos familiares. Como se trata de uma temática de interesse que vem sendo ampliada na contemporaneidade, merece atenção e dedicação, em especial, mediante a realização de estudos qualitativos que se dediquem ao aprofundamento da compreensão sobre o exercício da paternidade. Dessa maneira, o objetivo deste estudo é compreender como os pais que detêm a guarda unilateral de seus filhos em famílias pós-divórcio percebem sua experiência como pai e o exercício da paternidade. Salienta-se, ainda, que este artigo é um recorte dos dados coletados para a dissertação de mestrado do primeiro autor deste texto.

### 3.2 Método

Para este estudo, seguiram-se os procedimentos qualitativos. Segundo Creswell (2007), na pesquisa qualitativa, os pesquisadores envolvem os participantes com o objetivo de investigar os fenômenos de maneira aprofundada. Além disso, a pesquisa qualitativa é voltada para a investigação de casos empíricos, quando busca, em detalhes, as características do dia a dia, sem desconsiderar aspectos culturais que envolvem o fenômeno.

#### 3.2.1 Participantes

Foram selecionados, por conveniência e pela indicação de conhecidos, três pais (P1, P2 e P3) que já vivenciaram um processo de separação, que possuem a guarda unilateral, por mais de seis meses, de, pelo menos, um filho biológico com idade entre 6 e 13 anos, e que não mantém um vínculo em coabitação com outra esposa.

A tabela abaixo apresenta uma breve caracterização dos participantes da pesquisa:

Tabela 1. Dados sócio-demográficos dos participantes<sup>4</sup>.

Pai	Idade	Escolaridade	Profissão	Quant. de filhos	Filhos partic.	Idades	Tipo da Guarda	Tempo
Carlos	29	Ens. Médio Comp.	Profiss. Liberal	1	Cleomar	13	Provisória	1 a/7m
Germano	43	Ens. Sup. Incomp.	Profiss. Liberal	3	Gabriel	10	Unilateral	5 anos
Marcos	44	Ens. Médio Comp.	Aux. de Arrecad.	1	Marino	6	Unilateral	6 meses

<sup>4</sup> Os nomes dos participantes foram alterados com o intuito de preservar o sigilo das informações coletadas.

### 3.2.2 Instrumentos

Os instrumentos empregados para a execução da pesquisa foram, basicamente: a Ficha de Dados Sociodemográficos, com o objetivo de identificar e registrar os dados sociodemográficos dos pais; e as Entrevistas Semiestruturadas, que objetivaram levantar dados sobre a paternidade em famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai. Os assuntos focalizados nestas entrevistas foram o relacionamento com o pai na família de origem, quando criança e adolescente; as características do exercício da paternidade antes e após a separação e guarda dos filhos, bem como da rotina familiar após a separação e guarda dos filhos; a participação da mãe na família dos entrevistados e a atuação de outros familiares nas atividades domésticas e de criação dos filhos.

### 3.2.3 Procedimentos

Após a seleção dos participantes, realizou-se o primeiro contato, pelo telefone, cujo objetivo foi explicar as características, os objetivos e o envolvimento dos participantes. Com os que consentiram verbalmente, foi agendada a primeira entrevista na residência dos participantes, com a presença exclusiva do pai. Com maior detalhamento, explicaram-se as características, os objetivos, o procedimento e o envolvimento dos participantes. Realizou-se, conjuntamente, a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado em duas vias, uma para o pesquisador e outra, para o participante. Houve um momento, também, para esclarecimento de possíveis dúvidas. Foi realizado o preenchimento da Ficha de Dados Sociodemográficos após o consentimento dos participantes. As entrevistas foram realizadas individualmente com os pais, havendo alguns casos em que foi necessário mais um encontro para cumprir todos os quesitos previstos nesse diálogo. Os encontros foram registrados em áudio e, após, foram transcritos. Para que fosse executada a pesquisa e para garantir os quesitos éticos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e aprovado sob o parecer número 10/030.

### 3.2.4 Análise dos dados

Com o *corpus* de dados estruturado, passou-se à análise dos resultados, cuja metodologia está fundamentada na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2009). Com base na diferenciação e no agrupamento do conteúdo coletado, bem como no critério de categorização semântica, cuja classificação é regida pelos significados, pelos temas desenvolvidos e explícitos no *corpus* de

dados, realizou-se a categorização (Bardin, 2009). Foram três as categorias criadas: *modelos de paternidade*, *significado da paternidade* e *paternidade em família pós-divórcio chefiada pelo pai*. Esta última foi dividida em quatro subcategorias: *aspectos da relação entre pai e filho*, *atividades domésticas*, *aspectos financeiros e participação da mãe e da família extensa*. Todas as categorias e subcategorias são apresentadas e discutidas na seção a seguir.

### 3.3 Resultados e discussão

Apresenta-se a definição de cada categoria, bem como alguns recortes que fundamentam a criação desta. Juntamente, realiza-se a discussão mediante o diálogo entre concepções de autores, ligadas ao tema, e o material empírico coletado.

#### **Modelos de paternidade**

A categoria *modelos de paternidade* reúne o conteúdo relacionado à descrição que os participantes fizeram de seus pais ou a outros modelos de paternidade. Além disso, foram relacionados os sentimentos expressos no discurso, a relação pai-filho, o papel do pai na família, entre outros aspectos que contribuem para a construção analítica do modelo de paternidade que os participantes tiveram no passado.

Foram observadas características tradicionais nos modelos de paternidade que os participantes vivenciaram com seus pais durante a infância e adolescência. Aponta-se, para exemplificar, a seguinte descrição: *“Ele me dava tudo o que eu queria, mas não me dava o fundamental que era a presença dele. Ele sempre foi um pai ausente. Em compensação não me deixava faltar nada”* (P3); *“Bens materiais, nunca deixou sentar uma mosca em nós”* (P3). Nessas falas, fica evidente o cumprimento do sustento financeiro da família como inerente ao papel do pai. A proximidade, contudo, foi descrita como um atributo preferencialmente da mãe, sendo o distanciamento e a disciplina severa relacionados à figura paterna, como se pode verificar nos seguintes exemplos: *“Eu tinha mais facilidade com a minha mãe de pedir o carro. Se tivesse que pedir para sair era tudo com a minha mãe. O pai supervisionava de longe, quando precisava de uma coisa mais grave ele entrava, com mais energia”* (P3); *“O meu pai era um cara bem severo, extremamente inteligente. Ele me educou sempre na base da chinelada. Aprontou, cinta, meu irmão brigou no colégio, eu não defendi o meu irmão, cinta”* (P2). Observou-se, também, o relato de um modelo de pai ausente, que, após o divórcio, não participou da vida do filho: *“Com*

*o meu pai, eu nunca tive um bom relacionamento, porque ele abandonou eu e minha mãe. Foi me procurar quando eu tinha sete anos” (P1). O modelo tradicional de paternidade estava associado ao distanciamento afetivo, o que, por si só, já favorecia o abandono paterno após o divórcio.*

Por outro lado, ainda observando o modelo de paternidade vivenciado na infância e adolescência dos participantes, verificou-se que esse agregava algumas características não tradicionais. Destacam-se, dessa forma, os seguintes recortes: *“Meu pai sempre disse que não era para mim ter medo do novo. O meu pai sempre me ensinou a escutar o coração” (P2); “Eu tenho um bom relacionamento com quem eu chamo de pai, meu padrasto. Eu fui criado assim, minha mãe e meu padrasto, sempre conversando” (P1). Percebe-se, por meio dessas falas, um modelo de educação concretizado pelo diálogo e pela compreensão. Exercendo a função de interdição e favorecendo a autonomia, observa-se um pai que impõe limites de forma a favorecer o crescimento, como na seguinte situação relatada: “É, meu padrasto dizia, deixa o guri aí, tem que aprender a ser homem, ficar em casa, ele quer ficar em casa, deixa ele ficar em casa. Na adolescência ele me dava a chave do carro dele para sair”; “Está conversando com ele, ele parece ser meio grosso, mas não é. Meu padrasto dizia isso: olha, se tu não quer trabalhar na oficina, não trabalha, vai trabalha em 500 empregos, uma hora tu vai achar, mas tem que trabalhar” (P1). Além do já anotado, os participantes fazem referência ao pai que participava das atividades domésticas e acompanhava os filhos na escola, bem como nas atividades de lazer: “Era sempre ele que organizava as coisas da casa. Era o meu pai que levava a gente nas lojas para escolher roupa, corrigir os temas, que passava as informações de horários que a gente ia ficar na rua, com quem que a gente podia brincar, com quem que a gente não podia brincar” (P2). O pai também ensinava os filhos a participarem da realização de tarefas domésticas, como medida educativa: “Ele que botava a gente para lavar louça. Ele dizia que o homem tinha que aprender a lavar louça para nunca se casar com uma mulher só porque ela lavava louça e cozinhava” (P2). Seria possível pensarmos que a função que esses pais exerciam na família já unia autoridade, disciplina, proximidade, amor e afeto, como reflexo de uma possível transição entre o modelo tradicional de paternidade e o que tem se observado atualmente? Por vezes, na fala dos participantes, é possível perceber que o pai parecia confundir-se, arrependendo-se de exercer a severidade e buscando compensar com amor e afetividade: “Às vezes ele batia na gente, e de noite, sempre antes de dormir, ele ia lá no quarto pedir desculpas” (P2).*

Yablonsky (1990) afirma que os pais exercem sua paternidade resgatando aspectos do estilo de paternidade que, quando crianças, vivenciaram com seus próprios pais. Caso a experiência tenha sido negativa, os pais podem reavaliar as experiências da infância e adolescência, para buscar novas imagens que fundamentem a paternidade atual, substituindo o que entendem ser negativo, pelo que acreditam ser positivo (Colman & Colman, 1988; Yablonsky, 1990).

Nesse sentido, é possível perceber a relação, elaborada pelos participantes, entre o exercício atual da paternidade e o estilo de paternidade que vivenciaram quando crianças. Quando o pai guarda boas lembranças da convivência com seu próprio pai, possivelmente reproduz o modelo de pai que experienciou. Um dos participantes da pesquisa relatou que encontrava todas as respostas que precisasse ao procurar o seu próprio pai e, atualmente, evita deixar seu filho sem respostas. Aprendeu, com seu pai, a seguir o caminho que lhe mostra o coração e busca ensinar seu filho a seguir seus próprios sentimentos e princípios. Considera seu pai um super-herói e tenta ser um super-herói para seu filho. Nessa mesma direção, outro participante, que teve como pai um padrasto, já que o pai biológico foi ausente tanto afetuosamente quanto fisicamente, objetiva exercer a paternidade com base no modelo que experienciou com o padrasto e parece ter consciência de que a ausência desta figura masculina não faria bem para seu filho. Dessa forma, afirmou que oferece ao seu filho proteção, amor, afeto, lazer e acompanhamento nas atividades escolares. No entanto, talvez como uma tentativa de resgate da relação com o pai biológico, esse pai invista em uma proximidade excessiva com o filho, não distante, em alguns momentos, da superproteção. Tomando como modelo o abandono do pai biológico, parece buscar o oposto, também não adequado ao melhor desenvolvimento do filho. Nesse sentido, a superproteção revela-se como o lado oposto da moeda, que representa ausência paterna, pois não favorece a autonomia do filho, entre outros fatores que podem prejudicar o desenvolvimento saudável da criança. Além disso, observa-se que este pai parece exercer muito mais uma função materna, após assumir a guarda do filho, constituindo, com este, uma relação dual, simbiótica, e abdicando da função paterna. As consequências podem chegar à existência de um comportamento sem leis e sem limites, pois tal pai expressa não conseguir fazer a interdição, função que, psicanaliticamente, é atribuída ao pai, ou a quem exerce esse papel. A função paterna entraria como limitador, como movimento que rompe a simbiose. Nesse sentido, esse participante que teve duas figuras parentais (o pai biológico e o padrasto) parece reconhecer o padrasto como

modelo a ser seguido, mas, em certa medida, percebe-se que o abandono do pai biológico ainda marca a sua vida e pode estar contribuindo para que ele tenha dificuldade em exercer a função paterna, sem ter a sensação de que está prejudicando o filho.

O participante que não teve “*o pai que sonhou (P3)*” parece não desejar seguir o modelo de paternidade que experienciou. Considera que seu pai exerceu a paternidade com pouca afetuosidade, o que denota ter marcado sua história. Embora afirme que o pai atendia suas necessidades materiais, considera não ter sido suficiente. Atualmente, indica atribuir importância elevada à afetuosidade, à amorosidade e à proximidade com os filhos, possivelmente para evitar que eles sintam a mesma dor que sentia. Enquanto seu pai não participava de suas atividades, esse pai participante da pesquisa não deixa de presenciar os jogos de futebol, as atividades do colégio e se preocupa com propiciar momentos de lazer aos filhos. Explicita a possibilidade de ter vivenciado um modelo de paternidade carregado de características que não deseja oferecer aos seus filhos, pois, possivelmente, percebe que pode prejudicar o desenvolvimento deles. Por consequência, elaborou um modelo de paternidade composto por características adversas às de seu pai, provavelmente baseado em imagens de outros pais que, talvez, sonhasse ter, na busca de cumprir seu desejo de ser para seus filhos o pai que sonhou ter quando criança, mas que não teve.

Esse resultado coincide com os achados de Silva e Piccinini (2007), em que dois dos três pais participantes do estudo realizado pelos autores seguem o modelo de paternidade que tiveram, enquanto um deles compunha seu estilo de paternidade excluindo características que não considerava positiva na paternidade de seu pai.

Colman e Colman (1988) afirmam que os pais de hoje provavelmente tiveram pais tradicionais. Isso pode se comprovar com a experiência relatada pelos três participantes, mesmo que seus pais tenham composto paternidades diferentemente um do outro, dois agrupando características tradicionais e não tradicionais e outro seguindo o modelo mais tradicional. Assim, observam-se características da paternidade tradicional nos relatos que os três participantes fizeram de seus pais. No entanto, estes referem praticamente a inexistência dessas características na maneira como exercem a paternidade, como progenitores que detêm a guarda unilateral dos filhos. Parecem ter selecionado as experiências que foram positivas para si e somente estas pretendem incluir em seu modo de ser pai. As situações e percepções negativas são vetadas, pois esses pais são tomados pelo que sentiam frente a elas e não querem que seus filhos sintam o mesmo.

Para atingir essa dimensão de paternidade, é necessário avaliar as características da fonte original, neste caso, o modelo de paternidade que os pais vivenciaram na companhia de seus próprios pais. Erige-se a questão: por que não pensar na mãe que tiveram? Afinal, esses pais agrupam características da função materna para formar seu estilo e seu conceito de paternidade. Dois participantes enunciaram a intermediação da mãe na relação com a figura que exercia a função paterna. Os dois tiveram a figura materna como responsável pela educação dos filhos e pelas atividades domésticas e essas responsabilidades estão incluídas no conceito de paternidade em que acreditam.

Dessa forma, parece haver uma junção de características da função materna, da função paterna, bem como uma possível compreensão de aspectos contemporâneos para a formação do conceito de paternidade. O terceiro participante, todavia, não menciona a influência que a figura materna teve em sua vida e vincula-se a seu pai, cuja figura parece acumular tudo o que ele precisava da função paterna e materna: *“Meu pai foi o meu herói, era meu melhor amigo. Eu queria me vestir como ele, queria fazer a barba como ele, eu queria saber o que ele sabia. Meu pai foi um técnico de futebol (P2)”*. Observou-se, no entanto, que os pais buscaram em seus pais possíveis referências, entre as quais podem ser incluídas determinadas características, se interpretadas como positivas, ou descartadas, caso reflitam negativamente no conceito de paternidade que formaram para si e para os filhos: *“Meu padrasto, não batia, então eu não bato” (P1)*. *“No momento que o Cleomar nasceu, eu sempre tentei ser um espelho do relacionamento que foi comigo e com o meu pai. [...] Passar um pouco para ele. Coisa que eu aprendi com o meu pai” (P2)*. *“A gente se dava muito bem, só que não era o pai que eu sonho; Meu pai nunca foi num jogo meu, eu nunca deixei de ver uma medalha que os meus filhos têm” (P3)*.

### **Significado de paternidade**

A partir do conteúdo relatado pelos pais, foi possível identificar o significado de paternidade que elaboraram. É possível verificar que consideram fundamental à paternidade estar próximo aos filhos, ter uma atitude afetiva, acompanhar as atividades da criança, participar ativamente da educação e dos cuidados com a saúde daqueles, dentre outros aspectos presentes numa convivência que aproxima afetuosamente pai e filho. Os participantes acreditam que ser pai é participar da vida do filho desde a gestação, incluindo continência à esposa e participação nos cuidados básicos com o bebê. Ser pai também é ser companheiro, é saber ouvir, ensinar, é

não deixar o filho sem respostas, buscando compreendê-lo e não recriminá-lo. Por vezes, considerando o fato de serem pais separados e com a guarda dos filhos, a paternidade assume um caráter de extrema proteção e distante da uma função que interdita e estabelece limites. Além disso, acreditam que a paternidade esteja ligada ao exercício das atividades domésticas e do sustento do lar.

Para exemplificar, destacam-se os seguintes recortes: *“Acho que ser companheiro e presente. Não adianta tu ser pai e delegar tudo. Eu vou nas reuniões de escola, vou no dia das mães, vou no dia dos pais, levo eles sempre nos amigos, busco nos amigos, não delego para ninguém essa função, eu vou em todos os jogos deles. Eu levo os meus filhos aonde eu vou, estou sempre com eles. Eles não são um estorvo. É melhor a gente pelear um pouquinho mais e formar um caráter, saber que se tu sujou o chão, vai ter que limpar. Ser pai é isso”* (P3). *“Desde o começo, sempre fui em todas as consultas dela, pré-natal, tudo, acompanhei ela em tudo. Quem fazia mamadeira para o meu filho era eu, quem cuidava dele era eu. Eu posso dizer: eu sou pai, eu criei, eu cuidei. Estava doente, quem corria com ele era eu. Eu procuro ensinar para o meu guri isso aí, converso com ele, não bato. Mas ser pai também é ter amor pelo filho, carinho”* (P1). *“Eu dou total liberdade de ele perguntar o que ele quiser e uma hora ele vai falar uma coisa que eu não quero ouvir, mas eu vou ter que entender. Eu nunca posso deixar ele sem resposta, eu deixo ele questionar bastante, deixo ele discutir comigo, mas tu tem que discutir quando tu tem certeza absoluta que tu não está errado e, quando tu começar a discutir comigo, eu vou te perguntar porque é que tu acha que não está errado. E se tu não estiver errado, eu vou entender, e se tu tiver errado, tu vai ter que entender”* (P2).

Ao analisar o que os pais entendem por paternidade, é possível verificar que a afetividade, a proximidade, participação direta na educação dos filhos e nas atividades domésticas integram o exercício da paternidade, que já carrega historicamente a responsabilidade pelo sustento da família. Distantes da paternidade tradicional, cujas características são o distanciamento dos filhos, da família, do lar, a responsabilidade pelo provimento financeiro e a detenção da autoridade (Grzybowski & Wagner, 2007), esses pais mostram fazer valer o novo modelo de pai que se propõe na contemporaneidade, ou seja, uma paternidade ligada ao afeto, à proximidade, à responsabilidade de educar, de alimentar e de cuidar da prole (Silva, 2003).

Um dos pais, por estar próximo dos filhos, acompanhá-los em suas atividades e criar os filhos sozinho, considera-se um exemplo para a paternidade contemporânea. Outro participante,

nessa mesma direção, demonstrou satisfação em poder desempenhar a paternidade, principalmente após a obtenção da guarda. Nesse caso, observou-se uma mudança considerável na maneira de exercer a paternidade após a separação. O participante que ficou com a guarda logo após a separação, relatou ter mudado o conceito de paternidade, evidenciando uma participação mais intensa na vida dos filhos. Os outros dois pais, que buscaram a troca da guarda, enfrentaram dois momentos de adaptação: um, logo após a separação, quando ocorreu o afastamento dos filhos, em vista de não possuírem a guarda, e outro, vivido com a troca de guarda, na volta à convivência intensa com o filho, sem a presença da mãe no núcleo familiar, vivendo a responsabilidade da dupla jornada, isto é, assumindo cuidados com o filho e com o lar e o sustento financeiro de ambos.

O conceito de paternidade, cujas características incluem as responsabilidades ligadas ao filho e ligadas ao lar, faz emergir a ideia de um pai herói, conforme atestam as palavras de um dos participantes: *“Eu botava na cabeça que aquela criança só contava comigo. Isso me ajudava, porque daí eu me sentia um pouquinho herói e isso me estimulava a trabalhar, levantar cedo”* (P2). O ser pai, na concepção dos participantes está ligado ao conceito de salvação, afinal, o pai salvou os filhos dos maus-tratos, em um dos casos (P1), e foi refúgio e proteção para o filho, em outro (P2). O que se observa a partir dos respectivos recortes: *“No dia 30, sete e meia da noite, quando ele me entregou [documentação da guarda provisória] não pensei duas vezes, fui buscar ele [o filho]”* (P1). *“Daí ele [o filho]: Pai! Eu não quero mais voltar para casa, quero ficar aqui”* (P2). Eles expressam sentir-se responsáveis por acompanhar tudo que acontece com os filhos e com o lar, auxiliando, educando, orientando, provendo, se percebendo, por isso, como pais heróis, exemplos para os demais. Formulações que evidenciam-se a partir dos seguintes recortes: *“Cara, se tiver um exemplo de pai até agora sou eu. Por que eu levo meus filhos no futebol, eu levo os meus filhos onde eu vou, to sempre com eles”* (P3).

Para esses pais, a paternidade envolve o acompanhamento efetivo do filho. A relação entre pai e filho é intermediada pelo diálogo, através do qual buscam educar o filho. Demonstram exercer sua paternidade fundamentada na confiança e cumplicidade. No caso do participante cujo filho está ingressando na adolescência, sua função é zelar pelo filho, visando protegê-lo e prepará-lo para os relacionamentos sociais.

Outro aspecto que os pais incluem em seu conceito de paternidade é o desempenho das atividades domésticas e a responsabilidade pelo sustento do lar. Pelo relato dos três pais, essas

responsabilidades são desempenhadas de maneira parecida. Dois dos três casos pesquisados demonstraram que as atividades domésticas, exceto a alimentação, não são realizadas com rigor, mas com certa flexibilidade. Na limpeza da casa, por exemplo, organizam-se semanalmente e contam com o auxílio dos filhos. No entanto, o terceiro pai afirma exercer tais atividades com maior severidade e não conta com a participação do filho.

Além disso, a característica que emergiu como parte mais relevante do significado de paternidade foi o companheirismo. O pai deve ser companheiro do filho e vice-versa. É o que fica explícito não somente nas falas dos participantes, mas também na interação com os filhos que pode ser observada na ocasião das entrevistas. Ser pai, para os participantes deste estudo, é compreender o filho muito mais do que punir, é ser o amigo a quem o filho poderá recorrer para o esclarecimento de dúvidas relacionadas à fase vital na qual se encontram, é buscar exemplos para resolver seus problemas, para aconselhar-se e pedir opinião.

### **Paternidade em famílias pós-divórcio chefiadas pelo pai**

Na terceira categoria, *paternidade em famílias pós divórcio chefiadas pelo pai*, foram agrupados os principais aspectos do exercício da paternidade em famílias cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos. Os aspectos considerados foram divididos em quatro subcategorias: relação entre pai e filho, atividades domésticas, aspectos financeiros e participação da mãe da família extensa. A seguir, são apresentadas, caracterizadas e discutidas cada subcategoria.

#### *Relação entre pai e filho*

Foram extraídos do discurso dos pais os conteúdos relacionados à relação entre pai e filho. Neste sentido, esta subcategoria contempla a afetividade, a educação, a alimentação, a saúde, o acompanhamento das atividades escolares e de lazer da díade pai-filho.

No que tange à afetividade entre pai e filho, destaca-se: *“Eu sempre supri ele. Eu dava o meu amor de pai e a parte que faltava dela como mãe. Tentava suprir. Até hoje é isso que acontece. Estou sempre dando beijo e abraço nele e agora, ele não fica longe de mim. Ele tem o quatinho dele ali ó, tem que dormir na minha cama, comigo, no meu braço”* (P1). *“Eu acho que o relacionamento meu e do Cleomar está legal. O Cleomar é um companheiro, sabe”* (P2). *“A gente se diverte mesmo e é a relação de amigo. Mas daí claro, quando disser, faz uma coisa, daí*

*a gente tem que ser pai daí, são as duas coisas. A gente vai para o mesmo quarto. Eles têm o quarto deles, mas eles só dormem no quarto deles quando a gente briga” (P3).*

Em relação aos momentos de lazer, destacaram-se os seguintes recortes: *“No fim de semana a gente sai. Às vezes eu levo ele num restaurante para almoçar comigo. Ele gosta. Aí vamos numa pracinha, vamos ver o trem, saímos dar uma volta, eu e ele, vou no shopping com ele. Às vezes eu brinco com ele de roubar o bico dele” (P1). “Nossos momentos juntos, a gente joga videogame juntos, a gente para para ver futebol juntos, a gente escuta uma partida de futebol juntos, a gente vai no mercado juntos, que a gente fica pensando qual vai ser o cardápio da semana.” (P2). “Tem que ter esse momento com eles fazendo a pizza: não bota cebola, cuida a minha, essa é a minha, eles ficam ali comigo metendo o bedelho, né, fazer a parte deles. Eles são companheiros para olhar um jogo, para olhar um filme, para tudo, para escutar música, fazer comida, para lavar louça. Eles são parceiros em tudo. Levo eles, sempre, nos amigos, busco nos amigos. Eu vou em todos os jogos deles” (P3).*

No quesito educação dos filhos, observou-se a importância que parece ser atribuída ao diálogo e à compreensão dos filhos, por vezes incentivando a autonomia destes: *“ Às vezes, eles estão aqui olhando televisão ou no computador, que eles gostam e eu to lá cozinhando. Eu falei: ‘Pode desligar tudo e vem para cá.’ [...] Desde pequeno eles são assim, pode fazer sujeira ao redor do prato, sujar o chão: ‘Te vira’. Daqui há pouco eu não vou estar mais aí, é a vida, e eles vão estar com trinta anos dizendo assim: ‘Bah, mas porque que meu pai não bota uma empresa para mim?’ ‘Não, te vira, tu vai ter que montar a tua empresa’”. (P3). “Daí eu tive que conversar, convencer ele, prometendo outras coisas. A princípio ele fica triste, mas daí tu começa a conversar com ele, começa, tipo, vim brincando com ele, daqui a pouco ele começa a rir, brincar. Eu sou muito assim de negociar com ele” (P1). “Eu converso muito com o Cleomar e ajudo ele a entender. Eu dou total liberdade de ele perguntar o que ele quiser. É capaz de ele me dizer: pai, experimentei um cigarro. Não posso dar um tapa na cara dele, porque eu disse para ele que ele podia me contar. Eu nunca posso deixar ele sem resposta. Eu tenho que justificar, ele precisa entender. Até para mim não deixar o guri de 17, 18 anos, mais tarde, perdido na rua sem resposta” (P2).*

A respeito dos cuidados com a alimentação, dois pais cuidam da alimentação ao mesmo tempo em que dividem essa responsabilidade com os filhos, enquanto o outro, possivelmente em função da idade da criança, procura deixar a alimentação ao alcance dele, antecipadamente

preparada: “*Tu quer tal coisa, come filho, faz isso, vai tomar uma ‘dedera’.* [...] *Ele disse para mim: ‘o pai, tu está ficando louco? Eu estou com a barriga que eu não aguento mais comer’.* *Tem que se alimentar, porque, mesmo brincando, ele corre dentro de casa, ele corre na rua, aqui dentro do pátio, gasta energia*” (P1). “*Meio-dia e meia que é o horário que mais ou menos o Cleomar está chegando em casa, eu ligo e digo para ele que ele não pode esquecer de almoçar.* [...] *Às vezes pego e digo: ‘Cleomar, mas não pode ter ovo frito no dia tal porque a gente já comeu bife frito ontem’.* *Então tem que ser uma outra coisa que não seja fritura*” (P2). “*A maioria das vezes eu tento acordar um pouquinho mais cedo para fazer umas torradas para eles, quando eu não faço, eles fazem.* [...] *A minha mãe está fazendo a comida e a gente esta indo almoçar com ela. Tivemos uma época que a gente ia num restaurante, nós três. De tardezinha vamos comprar pão, ou eu estou na rua e compro, ou peço para eles comprar, compramos pão e leite*” (P3).

Quanto à preservação da saúde dos filhos, dois participantes afirmaram que os filhos apresentaram melhoras após a troca da guarda. Além disso, quando os filhos se machucam acidentalmente ou adoecem, tomam os devidos cuidados, levando ao médico, quando necessário: “*Desde que ele veio para cá, mais que uma gripezinha, não deu. Eu cuido. E está dentro de casa, tomou um banhozinho, às vezes está frio, boto dois parzinho de meia, duas calças. Eu prefiro comprar as coisas, deixar ele no quarto dele brincando, do que deixar ele pela rua rolando, daqui a pouco vem um carro e atropela o guri*” (P1). “*Cleomar usava o nebulizador a cada dois dias. Em pouco tempo que ele está aqui, já descartou o nebulizador.* [...] *Ele estava com uma amigdalite, os remédios não faziam efeito. Fiz um remedinho para ele, caseiro. Daí ele pegou no sono, fiz uma batida forte com leite e coloquei umas bananas e algumas bolachinhas recheadas que ele gosta.* [...] *Ele tem asma, ele repudia. Quando eu vou fumar é sempre num horário que ele está dormindo*” (P2). “*A gente procura não fazer janta, a gente faz só sanduíche, porque é saudável e eles são atletas. A gente não toma refrigerante. Bolacha recheada, o mínimo, saco de salgadinho, isso aí aqui em casa não entra. Isso aí já é porque eles são atletas, então eles já sabem*” (P3).

Os pais também demonstraram que participam das atividades escolares: “*Eu vou nas reuniões de escola, vou no dia das mães, vou no dia dos pais. Eu e ele passamos dois dias, num final de semana, fazendo uma maquete para o colégio*” (P3). “*Além de pai, eu tenho que ser mais um zelador, por causa da idade que está o meu filho. Então eu tenho que prestar muita*

*atenção do que ele trás na mochila, se ele está fazendo os temas” (P2). “A escola comprou os presentinhos para dar de Natal, o Papai Noel distribuiu. Eu estava trabalhando, pedi para o meu chefe dispensa mais cedo e fui com ele. [...] Hoje tem entrega de boletim. A professora me chamou: ó, o Marino está fazendo tal coisa” (P1).*

Percebe-se que os pais demonstram afetividade e são compreensíveis na relação com os filhos. Dois participantes afirmam que os filhos são companheiros e parecem dar liberdade a eles no que se refere a determinados assuntos como se fossem amigos. Contudo, cabe questionar o limite dessa relação. Certamente, uma maior proximidade entre pai e filho é importante para o desenvolvimento saudável da criança, porém, quando esse vínculo é demasiadamente estreito, pode tornar difusas as fronteiras, o que implica tornar indefinidos ou confusos os papéis que cada um exerce na família, ou interferir na organização dos subsistemas familiares e na hierarquia entre pai e filho. Nessa direção, observa-se que dois participantes dormem com seus filhos, como se os filhos passassem a ocupar o lugar do cônjuge ausente, preenchendo o vazio deixado por este.

Garbar e Theodore (2000) afirmam que a criança pode ocupar o espaço que a mãe ocupava, em que o pai pode compartilhar seus sentimentos paternos e marital. Pode ocorrer ainda que filho venha ocupar o papel de cuidador, ou que o pai possa tentar compensar a ausência da mãe para os filhos. De todas as formas, verifica-se um desequilíbrio no exercício dos papéis que cabem ao pai e ao filho, impactando na dinâmica de funcionamento da família. O que parece ocorrer, nos casos dos dois participantes, é, efetivamente, uma tentativa de compensar a ausência da mãe. Um deles afirmou ser uma mãe para seus filhos, enquanto o outro faz tudo para o filho, como se tivesse que ser a mãe dele.

Segundo Hurstel (1999), a mãe é uma referência na criação dos filhos e nas tarefas domésticas, com a qual os pais podem comparar-se ou opor-se. Dois participantes mostraram uma tendência à comparação, ao revelarem um certo exercício da maternidade no desempenho da sua função paterna. Um deles, por vezes, critica a postura materna que torna os filhos frágeis e dependentes, dizendo que as mães estragam os filhos. No entanto, ele próprio mantém práticas que o aproximam da função materna, o que, num contexto de família constituída pelo pai e seus filhos, pode ser uma necessidade. O pai precisa dar conta de atividades desempenhadas tradicionalmente pela mulher, rompendo o estereótipo tradicional de masculinidade (Kehl, 1996) e paternidade (Badinter, 1993; Colman & Colman, 1988; Garbar & Theodore, 2000).

Foi possível evidenciar que os pais, principalmente dois deles, propiciam um incentivo e uma educação com vistas à autonomia, acreditando ser importante que as crianças aprendam a ser responsáveis pelos seus atos. Mostram ao filho que uma atitude impensada gera consequências, as quais precisam ser assumidas. É dessa maneira que ambos os pais apontam para uma paternidade dosada de limites e proteção. Ao contrário, o terceiro participante, possivelmente para compensar a negligência que o filho afirma ter recebido da mãe e também como possível forma de não se aproximar da imagem do seu pai biológico, que o abandonou, demonstra proteger o filho exageradamente. Demonstra que a paternidade está muito mais ligada à proteção do que ao estabelecimento de limites que visam equilibrar ambas as dimensões.

De maneira geral, os pais afirmam contemplar diversos aspectos das necessidades apresentadas pelos filhos. Cada um, a seu modo, realiza os cuidados com saúde, alimentação e educação dos filhos. Também propiciam momentos de lazer e diversão, demonstrando a satisfação de serem pais, de amarem os filhos e de estarem próximo deles. A constituição dessa dinâmica não exclui a responsabilidade financeira e o sustento da família e do lar.

#### *Atividades domésticas*

Na segunda subcategoria nomeada como *atividades domésticas*, foram agrupados os recortes que tratam sobre o envolvimento dos pais na realização das atividades domésticas. Os pais relataram que realizam as atividades domésticas de maneira flexível e que as dividem com os filhos, no caso de dois dos participantes. Um deles relatou procurar manter as atividades domésticas realizadas diariamente e sem a ajuda do filho, conforme pode ser identificado nos relatos a seguir: “*Em casa não é aquele primor, limpinha, tudo direitinho. [...] Estou ralhando todo o dia. ‘Oh! Vamos arrumar o quarto, vamos me ajudar na louça’. Enfim, a gente divide as tarefas. Eles não são aquelas pessoas que está fazendo a comida e arrumando a casa. Eu não sou assim. Mas daí, chegou a hora de limpeza, daí a gente vai limpar*” (P3). “*Ele [o filho] lava a louça ao meio-dia, eu que lavo de noite. [...] Dou uma arrumadinha em alguma coisa, daí eu vou no mercado com o Cleomar, compro alguma coisa que está faltando para o Cleomar fazer a janta. O Cleomar que faz a janta em quarta-feira. [...] Na sexta-feira, é o dia que eu vou fazendo, tipo, tirando o pó das coisas, varrendo, capinando, cortando grama, lavando louça, vendo porque que o chuveiro não está mais esquentando, coloco roupa para lavar*” (P2). “*O quartinho dele ali, os brinquedos, o guarda-roupinha dele, tu abre ali, as roupinhas dele tudo organizadas,*

*tudo direitinho. [...] Dou uma organizadinha na casa, limpar o pátio, lavo roupa, limpo casa, vamos no armazém comprar alguma coisa, a gente vai no mercado. Fazer comida, também, eu faço, estou sempre limpando” (P1).*

Nos casos dos participantes 1 e 2, as atividades domésticas são desempenhadas conjuntamente com os filhos, seja organizando momentos específicos de limpeza, não tão sistematizados, seja dedicando um dia da semana para as atividades de limpeza e manutenção da casa. Ambos encaram essa questão com flexibilidade, encaixando em horários que consideram adequados para a realização. Os dois pais dividem as atividades domésticas com os filhos. Alguns autores afirmam que, nas famílias chefiadas por um dos genitores, há a divisão das tarefas domésticas com os filhos, buscando diminuir o acúmulo para o genitor e, por conseguinte, oportunizam um ambiente colaborativo na família (Souza, 2008). O terceiro participante, no entanto, demonstrou não dividir as responsabilidades domésticas com seu filho e pareceu encarar essa responsabilidade com maior rigor.

#### *Aspectos financeiros*

Na subcategoria *aspectos financeiros*, foram agrupados os recortes, cujo conteúdo esclarece a maneira que os pais lidam com as questões financeiras: *“Vamos tranquilos. Não vou dizer assim que eu tenho uma vida frouxa, mas também não vou te dizer que é apertado” (P1). “Difícil não é. Onde vive uma pessoa, tranqüilamente vivem duas. Quanto a isso é bem fácil, a manutenção financeira da casa, sabe” (P2). “Aprendemos a viver com menos grana” (P3).*

Para garantir o sustento da casa, os pais possuem renda e consideram que, com o montante que recebem, conseguem atender às necessidades da família. Para receber a renda, trabalham em negócios próprios ou, no caso de um deles, essa renda é proveniente de uma pensão que recebe da mãe em função do falecimento do pai e também do salário que recebe da empresa onde trabalha, mas de que está em período de licença, por motivos de saúde. *“Relata: A minha mãe recebe uma pensão e ela repassa para mim, também, além do meu salário” (P1). “Eu faço construções de site, faço filmagem de aniversário, casamento, videoclipe de banda, folder para divulgação. Sou músico, trabalho de ativista comunitário contratado, manutenção e formatação de computador. Então eu sempre arrumo alguma forma de fazer o dinheiro entrar” (P2). “Eu sempre fui, eu mesmo, empreendedor. Eu trabalho com Internet” (P3).*

Os pais afirmaram que, na medida do possível, fazem um planejamento financeiro, garantindo uma certa estabilidade financeira familiar, procurando atender primeiramente os filhos. Isso se confirma em: “*Aqui, entre aluguel, água e luz, R\$ 500,00, tem mais vestir o Marino. Quando eu recebo, eu vou ao mercado, compro o que tem que comprar, o rancho eu busco na empresa. Carne, esse negócio eu compro também e o que ele precisa no dia a dia eu vou suprindo. De vez em quando, vou, faço uma prestação de uma roupa, de um calçadinho para ele ou para mim mesmo, mas tudo planejado*” (P1). “*Então eu me obriguei a começar investir em comida. Isso não foi só bom para ele como foi bom para mim, sabe? A casa poderia estar melhorzinha, os móveis poderiam. [...] Eu estou economizando uma grana, eu quero desmanchar essa casa e quero construir uma de material. Eu preciso fazer muita economia porque o Cleomar, em questão de três anos, quatro anos, ele estará entrando na faculdade*” (P2).

É possível perceber que os pais enfrentam certa dificuldade financeira, mas não consideram algo difícil de ser superado, ao contrário de alguns autores que afirmam que as famílias chefiadas por um dos genitores enfrentam dificuldades financeiras (Souza & Ramires, 2006). Pode-se constatar que, possivelmente, as famílias chefiadas por mulheres encontram maiores e conhecidas dificuldades financeiras pelo motivo de sua histórica dependência econômica do marido, pela maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e por receberem salários menores que os homens (Brown, 2001; Costa 2002; Garbar e Theodore, 2000). Isso não pareceu ocorrer nas famílias pesquisadas, que, apesar de afirmarem não serem abastadas economicamente, buscam, por intermédio do planejamento, um certo equilíbrio financeiro. No entanto, cabe questionar se esses pais, com facilidade de acesso ao mercado de trabalho, com maiores salários do que as mulheres, culturalmente responsáveis pelo sustento da família, responsabilidade que, quando não desempenhada pelo homem, pode gerar deméritos, assumiriam e afirmariam que estão com dificuldades em manter economicamente a família e o lar? Ao homem coube, prioritariamente, ocupar o espaço público e à mulher, o privado. Como o homem, acostumado a sustentar a família, não iria fazê-lo adequadamente?

É possível verificar que dois participantes exercem atividades profissionais liberais, o que facilita o acúmulo de tarefas. Autores discutem sobre a dificuldade que os pais encontram em exercer, simultaneamente, as atividades de sustento do lar, as domésticas e os cuidados com os filhos (Burdon, 1998; Gillies, 2009; Silva & Piccinini, 2007; Williams, 2008). Diferente é o que denota o terceiro pai, que mantém vínculo empregatício com uma empresa de transporte de

passageiros, porém, exerce, no momento da pesquisa, as atividades que lhes cabem como pai usufruindo de um período de licença do trabalho. Dessa maneira, os pais mantêm financeiramente o lar e, com a flexibilidade dos horários, bem como do local de trabalho, parecem equilibrar as responsabilidades familiares e as profissionais.

Por outro lado, vale discutir as questões sociais trabalhistas que parecem não facilitar o desempenho da paternidade, quando o pai tem a guarda unilateral dos filhos, o que pode justificar o período de licença do emprego de um dos participantes e o trabalho liberal dos outros dois. As regras para o homem são diferentes do que para a mulher, legal e culturalmente. Burdon (1998) sugere uma readaptação das normas trabalhistas à realidade, de modo a considerar as transformações dos papéis da mãe e do pai no contexto familiar. A exemplo das famílias chefiadas por mulheres, pode ocorrer, em situações em que o pai não exerce uma profissão liberal, a utilização de serviços de babá, creche e da família extensa para os cuidados com os filhos, conforme apontaram Perucchi & Beirão (2007) em seus estudos.

#### *Participação da mãe e da família extensa*

Na subcategoria *participação da mãe e da família extensa*, estão agrupados os recortes que tratam sobre a participação da mãe e da família extensa no cotidiano da família dos participantes. Verificou-se que os avós participam com maior proximidade, seguido dos tios que também auxiliam em alguns aspectos, porém de maneira um pouco mais distante. Brown (2001) afirma que o vazio gerado pela ausência da mãe pode ser compensado pelos avós, o que não parece ser exatamente o que ocorre com os casos estudados, ainda que os avós sejam um importante ponto de apoio.

Em relação à participação da mãe na família e na educação e criação dos filhos, um dos pais considera que, mesmo distante, a mãe participa. Já os outros dois pais, embora as mães mantenham contato com os filhos (um com visitas sistematizadas e outra com visitas esporádicas), consideram que a participação poderia ser melhor: *“Agora fazem dois anos que ela não vem. Ela liga todo o dia e fica falando com eles. E daí, sabe: ‘Tu levou eles no dentista?’ Sabe, se preocupando se eu levei eles no dentista. Um dia ela viu os dois brigando aqui: ‘Mas o que é isso! Vem cá os dois’. Botou os dois na frente, porque é pela webcam: ‘Um pede desculpas para o outro’”* (P3). *Não participa. [...] Não, ela não podia faltar o serviço para ir lá com ele.*

*[...] Não procura” (P1). “Eu nunca posso ser verdadeiro com ela porque ela não vai entender. Ela vê tudo como um ataque” (P2).*

Verificou-se que os pais avaliam a participação da mãe de diferentes maneiras. Um deles afirma que a mãe tenta participar do que se refere à educação dos filhos e dos quesitos de afetividade e amorosidade. Porém, as investidas da mãe, embora demonstrem, observando o relato do pai, intenções de proximidade, são limitadas pela distância física, impedindo-a de participar concretamente do cotidiano familiar. O segundo participante, nesse aspecto, avalia que a mãe não participa do cotidiano familiar e nem da educação dos filhos. Afirma que, a partir do momento em que houve a troca da guarda, a mãe distanciou-se do filho, fato que corrobora com alguns autores que afirmam que o genitor que não detém a guarda tende afastar-se do filho (Brown, 2001; Edin, Tach, & Mincy, 2009, Garbar & Theodore, 2000; Souza, 2008). Já em relação ao terceiro participante, a mãe acompanha a vida do menino, auxiliando, inclusive, em despesas com medicamentos e material escolar, mantendo, também, as visitas sistemáticas, o que, por conseguinte, favorece a proximidade entre mãe e filho. Tal dinâmica, em certo aspecto, caracteriza uma inversão em relação aos papéis tradicionais já consensuais na sociedade, pois é a mãe, nesse caso, que não detém a guarda do filho, quem atua como suporte financeiro e quem mantém contato com o filho nos dias de visita. Na maior parte das famílias pós-divórcio, em que a mãe está com a guarda do filho, esse papel é exercido pelo pai.

Torna-se evidente a importância que o genitor que não detém a guarda tem para a vida do filho e para a dinâmica familiar. Considerando a fase de adaptação que a família enfrenta quando ocorre o divórcio ou a troca da guarda, a criança é obrigada a enfrentar as mudanças naturais do processo, e, quando ocorre o distanciamento do genitor que não detém a guarda, é outro significativo desafio que se apresenta para o filho. No caso de um dos participantes, a presença da mãe foi decisiva, pois, nas dificuldades que o filho encontrou de reproduzir na relação com o pai o que gostava de fazer com a mãe, pôde recorrer a ela. Contraditoriamente à situação de outro destes pais que, com a partida da mãe, temia não conseguir superar a fase de adaptação, observando a dificuldade das crianças.

Observou-se, por meio do estudo, que os demais componentes da família extensa participam basicamente nas atividades do cotidiano familiar. Também auxiliam assumindo as crianças quando os pais saem à noite. Destacam-se os seguintes recortes: *“A minha mãe recebe uma pensão e ela repassa para mim. [...] Ele almoçou na minha mãe. [...] Às vezes quando eu*

*tenho que sair eu deixo ele com a mãe” (P1). “Então eu quero sair sábado de noite, eles ficam tranquilos com a minha mãe” (P3).*

Os pais recorrem à família extensa quando ocorre alguma emergência de saúde, por exemplo: *“Quando eu me aperto, tem os meus pais. A minha irmã, não tem hora da noite para eu ligar. Meu pai e minha mãe a mesma coisa” (P1).*

Além disso, as famílias também se reúnem para as atividades de lazer: *“Na volta, ele quer ficar na casa da avó, um pouco. Chega fim de semana, o meu padrasto pega e liga: ‘Marcos, não quer vir almoçar aqui?’ Às vezes ele quer posar lá na minha irmã, que é madrinha dele” (P1).*

Quando a mãe deixa vazio o espaço que ocupava, os membros da família de origem ou da extensa podem vir a preencher, conforme Brown (2001), substituindo-a na função materna. Não é o que parece ocorrer nestes casos, já que é o pai que parece tentar compensar este vazio. O que naturalmente pode ocorrer, embora não tenha sido evidenciado no discurso dos pais estudados, mas que se indica, a partir da afirmação de Brown (2001), é a tendência de os familiares interferirem com maior frequência no cotidiano familiar, por vezes, anulando a ação do genitor responsável.

Foi possível verificar que os pais recorrem aos familiares como: mãe, ex-sogra e irmãos para soluções com relação à alimentação, a atividades domésticas, à renda, à compra de material escolar, de medicamento e em situações emergentes, corroborando com os achados de Amazonas *et al.* (2003). Na família de um dos pais participantes, a mãe auxilia no preparo do almoço semanal e eventualmente nas demais atividades domésticas. O segundo recebe auxílio da ex-sogra e de sua mãe na compra de medicamentos, material escolar e vestimentas. O terceiro participante, por sua vez, recebe a participação da mãe na renda financeira e eventualmente nos cuidados com o filho. Conforme Amazonas *et al.* (2003), as famílias chefiadas por um dos genitores contam com o auxílio da família extensa para amenizar o acúmulo de responsabilidades e de atividades que cabem ao genitor responsável pela família.

### **3.4 Considerações finais**

Estudar a paternidade num contexto de transformações de paradigmas, como se apresentam na contemporaneidade, evidenciou que não há um modelo único e padronizado de paternidade, assim como não há uma forma de ser pai sem sofrer influência da outra figura parental e dos familiares. Além disso, o pai constitui-se como tal a partir de exemplos que busca

em seus próprios pais, bem como em possíveis imagens de outros pais, que considera coerentes com seus princípios. Sendo assim, há pais que exercem a paternidade de maneira não tradicional, o que pressupõe um entendimento do estereótipo de masculinidade diferentemente daquele incorporado pela maioria dos homens até algumas décadas atrás, e há pais que mesclam características dos dois modelos.

É possível verificar que o modelo de pais que os participantes tiveram quando crianças, apesar de contribuir, não determinou o exercício da paternidade, no caso dos participantes deste estudo. Nesses casos, em que o pai está com a guarda do filho, os participantes afirmam a importância de estarem próximos dos filhos, ao mesmo tempo em que garantem o sustento do lar. Apontam, também, para a importância que o estilo de paternidade que circula pelos diversos microcontextos intrafamiliares, a saber, educação, higiene, saúde, lazer, finanças, tem para a criação de seus filhos e para a constituição de uma família pós-divórcio chefiada pelo pai.

Independentemente dos modelos paternos serem assimilados negativa ou positivamente, exercem a paternidade voltada a priorizar as necessidades dos filhos, desvinculando-se do modelo tradicional de paternidade. É possível pensar que esse modelo de pai é que tende a buscar a guarda dos filhos, pois percebem o quanto podem vencer o desafio de criar os filhos próximos deles, do lar, da família e não se eximindo da responsabilidade de provedor.

Evidenciou-se que a paternidade se intensificou após a separação e decisão pela guarda paterna dos filhos. É possível que, durante a conjugalidade, os cuidados com os filhos, os momentos de lazer e de dificuldades sejam divididos entre o casal. Com a separação e com a guarda do filho sob responsabilidade do pai, este passa a exercer a paternidade com menor ou nenhuma participação da mãe, o que pode aproximar pai e filho e possibilitar a vivência de momentos antes não experienciados.

Nesse contexto, desejar ser pai e, ainda mais, desejar cumprir as responsabilidades de pai é imprescindível. Pensar a paternidade é muito mais do que pensar apenas a criação biológica de um filho: é pensar nas mudanças comportamentais, econômicas e sociais decorrentes da assunção desse papel, as quais ocorrem principalmente com o homem, mas também impactam os demais componentes familiares. O tipo de pai que será passa, em certa medida, pelo crivo da própria consciência que elege imagens e modelos de paternidade que estão incorporadas em si mesmo. Além disso, as mudanças em relação à paternidade continuarão ocorrendo até a criação do último filho, ou mesmo durante a totalidade da vida, já que, mesmo separado, nunca deixará de ser pai

(Colman & Colman, 1988). A cada momento de relação com os filhos, pode modificar sua maneira de exercer a paternidade, considerando que, a cada movimento, pode reconsiderar diretrizes, rever decisões e, assim, recriar e remodelar a paternidade que não está fechada e imutável, pelo contrário, está em constante formação e constituição.

Nesse sentido, ficam abertas sugestões para futuros estudos que considerem a paternidade em família constituídas pelo pai e pelos filhos, com o objetivo de ampliar o olhar sobre esse contexto familiar. Este estudo apresenta suas limitações, pois, considerando a quantidade de participantes e por ser um estudo em profundidade, não é passível de generalizações. O fator desejabilidade social apresenta-se como outro possível limitador, já que os pais podem ter omitido informações negativas de seu exercício da paternidade, revelando ao pesquisador ou ao meio externo aquilo que consideram apropriado, uma vez que revelam a forte exigência que sofrem no desempenho efetivo do seu papel como principal cuidador dos filhos. Porém, com a ampliação de estudos nesta área, com novos olhares, é possível enriquecer a discussão sobre a paternidade em famílias nas quais os pais ficam com a guarda dos filhos após o divórcio, considerando que essa é uma realidade que tende a se tornar mais comum em nossos contextos.

## **Considerações finais da dissertação**

O objetivo desta pesquisa foi estudar, de maneira aprofundada, o exercício da paternidade em família pós-divórcio, nas quais o pai detém a guarda exclusiva dos filhos. Para isso, realizaram-se entrevistas e aplicações dos testes psicológicos, TAT para os pais, CAT-A e CAT-H, para os filhos, conforme a faixa etária, com o intuito de compreender a maneira e o estilo de paternidade e entender como os filhos percebem e descrevem essa paternidade.

A partir dos resultados encontrados, constatou-se que os pais exercem sua paternidade proximamente aos filhos, responsabilizando-se pela educação, pela saúde, pela alimentação, pelas vestimentas, pelo lazer e pela segurança. Além disso, exercem as atividades domiciliares, dividindo-as, quando possível, com os filhos. Também trabalham como profissionais liberais, no caso de dois deles, pois, com a flexibilidade de horários e local de trabalho, podem conduzir suas responsabilidades com a família equilibradamente com as trabalhistas.

A paternidade é exercida com referência aos pais que tiveram na infância, independentemente de seguirem ou não os passos do pai. Esse aspecto revelou evidências diversificadas. Dos três pais, um não concorda com a paternidade do pai e oferece aos filhos uma paternidade oposta. Outro procura seguir estritamente o modelo do pai, enquanto o terceiro afirma querer dar ao filho uma parte do que recebeu quando criança.

Os pais demonstraram desejo e satisfação pela paternidade, mesmo com o acúmulo de tarefas e responsabilidades. Relataram a preocupação que eles têm em educar adequadamente os filhos, bem como de exercerem todos os cuidados necessários para um desenvolvimento saudável. Explicitaram uma paternidade ligada à afetividade, ao amor e à dedicação aos filhos, pelos momentos em que possam transmitir todo seu sentimento e proteção paterna. Isso pressupõe que o pai tenha um entendimento de gênero masculino, diferente do tradicional. Exercer uma função que culturalmente é pressuposta como feminina, juntamente, com uma concepção de feminino ligado ao menor reconhecimento do espaço privado, pode gerar insegurança e temeridade. Além disso, é a mãe quem tradicionalmente cuida, ama, protege, ensina, cuida do lar e da alimentação familiar. Como um homem pode assumir responsabilidades ditas como femininas sem deixar de ser homem? Como um pai pode assumir responsabilidades culturalmente definidas como inerentes à mãe? São questionamentos que evidenciam um momento de transição entre as maneiras múltiplas de se constituir como pai. Embora existam questionamentos como estes,

ressalta-se que os pais participantes desta pesquisa demonstraram exercer sua paternidade oferecendo aos filhos educação, cuidados, afeto, amor, proteção e sustento, num movimento que supera os questionamentos acima mencionados, ou seja, reafirmando que é possível ser pai e manter-se próximo dos filhos após a separação, inclusive conquistando sua guarda.

Quanto à participação da mãe e da família extensa, verificou-se que, quando a mãe não participa, possivelmente, o pai tentará compensar a ausência dela. São os casos de dois dos participantes, em que a mãe, ex-esposa, tem pouca participação na rotina familiar. No caso do terceiro, a mãe participa da vida do filho e divide responsabilidades com o ex-marido, minimizando o impacto do vazio gerado pela ausência e, por consequência, a necessidade de haver movimentos compensatórios do pai. Os pais também encontram amparo na família extensa, para eventuais emergências, como a alimentação e a ampliação da renda.

A visibilidade que os filhos deram à paternidade não foi muito diferente daquela dada pelos pais. Os filhos confirmaram grande parte das informações dadas pelos pais. Relataram estarem satisfeitos com o relacionamento que estabelecem com os pais e que gostam do modo como são tratados. Quanto ao contato com a mãe, o filho que mantém contatos periódicos com a mãe relatou que, às vezes, recorre a ela para falar sobre o que não consegue falar com o pai. O filho de outro participante afirmou que os contatos virtuais com a mãe são suficientes. Já o terceiro, que recentemente deixou a casa da mãe em função de uma situação de maus tratos, demonstrou não querer estar próximo dela.

A aplicação do TAT, do CAT-A e CAT-H foi realizada para verificar a internalização dos modelos das figuras parentais. Foi possível verificar a existência de figuras parentais tradicionais, principalmente na observação dos pais, mas que, nas histórias, acabavam sendo depreciadas. Enquanto isso, para as crianças, esses modelos tradicionais não foram evidenciados. Também emergiram modelos não tradicionais, de figuras parentais masculinas próximas dos filhos e responsáveis pela guarda, característica que esteve mais presente nas histórias dos filhos do que nas histórias dos pais, possivelmente por conviverem nesse tipo de arranjos familiares. Nesse mesmo sentido, os pais e filhos abordaram diferentes configurações familiares formadas por um dos genitores, podendo ser o pai, casais que vivenciaram a separação, além das famílias formadas pelo pai, mãe e filhos.

Ressaltam-se, contudo, as limitações desta pesquisa. Ao mesmo tempo em que esta pesquisa qualitativa propicia a investigação em profundidade de um fenômeno, não é aconselhada

a generalização dos resultados, principalmente por ter somente três pais e três filhos participando. Outro ponto limitador a se destacar é que as análises foram realizadas com base em relatos em que o fator desejabilidade social poderia estar presente e atuante. Os pais poderiam omitir informações que pudessem diminuir seus méritos e supervalorizar-se como pais, assim como os filhos poderiam elevar os méritos paternos, atendendo ao fator desejabilidade social, ou seja, respondendo positivamente à situação, sob a influência do meio externo, pesquisador, por exemplo, sem revelar o que realmente estão vivenciando como família pós-divórcio chefiada pelo pai.

Para pesquisas futuras, é possível visualizar estudos de casos idênticos a estes em contextos sociais diferentes. Seria importante evoluir nas discussões da paternidade com guarda exclusiva, com o objetivo de entender os modelos de paternidade e a dinâmica familiar, considerando as diversas classes sociais econômicas. Outra possibilidade é estudar a paternidade nos casos em que o pai ficou responsável exclusivamente por filhas, uma vez que coincidiu de os três participantes do estudo terem filhas. Pesquisa quantitativa nesta seara também ampliaria o olhar, considerando a abrangência e a utilização de um número maior de casos e na busca de verificar hipóteses específicas.

Contudo, espera-se que este estudo venha a contribuir para a discussão sobre os papéis parentais que estão se constituindo na contemporaneidade. Considerando as evidências de momentos de transição, espera-se contribuir com a caracterização de estilos de paternidade capaz de criar os filhos, manter o lar e sustentar a família, mesmo sem a presença da mãe. É sabido que tanto a mãe quanto o pai têm importância ímpar na constituição e desenvolvimento de um filho. Por isso, a presença de ambos de maneira afetiva na criação e educação dos filhos, mesmo após a separação, é o que merece ser incentivado. No entanto, percebeu-se que esses três casos estudados compõem um arranjo familiar diverso do tradicional, mas cujo seio familiar demonstrou suas potencialidades e condições de promover o desenvolvimento saudável dos filhos.

## Referências

- Amazonas, M. C. L. de A., Damaceno, P. R., Terto, L. de M. de S., & Silva, R. R. da. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8, 11-20.
- Badinter, E.. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. (M. I. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. (2a ed.). (C. Gomes, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L.. (2009). *Análise de conteúdo*. (4a ed.). (L. A. Reto e A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Barsted, L. L.. (1998). Contribuições do feminino para o exercício da paternidade. Em P. Silveira (Org.). *Exercício da paternidade* (pp. 65-73). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brito, L. M. T. de. (2007). Família pós-divórcio: a visão dos filhos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(1), 32-45.
- Brito, F. dos S. (2008). Mulher chefe de família: um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina. *Revista Urutágua*, 15, 42-52.
- Brown, F. H. (2001) A família pós-divórcio. Em B. Carter & M. McGoldrick (Org.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed., pp. 291-320). (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burdon, B.. (1998). Envolvendo os homens na vida familiar: Se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? Em P. Silveira (Org.), *Exercício da paternidade* (pp. 81-90). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bustamate, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cad. Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Cabral, A. C. P. (2008) *Guarda de filhos e mediação familiar: garantia de maior aplicabilidade do princípio constitucional do melhor interesse da criança e do adolescente*. Dissertação de mestrado. Universidade de Fortaleza, CE, Brasil.
- Canezin, C. C. (2005). Da guarda compartilhada em oposição à guarda unilateral. *Revista Brasileira de Direito*. 28, 5-25.
- Cano, D. S., Gabarra, L. M., More, C. O., & Crepaldi, M. A. (2008). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 214-222.

- Carloto, C. M., (2005). A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. *Revista Virtual Textos & Contextos*, 4, 1-17.
- Castoldi, L.. (2006). Psicoterapia familiar e de casal. Em V. R. Ramires, & R. Caminha (Org.), *Práticas em saúde no âmbito da clínica-escola: a teoria* (pp. 221-242). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Castro, M. C. A. de, (2008). Configurações familiares atuais. Em R. M. S. Macedo (Org.), *Terapia familiar no Brasil na última década*. (pp. 419-427). São Paulo: Roca.
- Cervený, C. M. de O.. (1994). *A família como modelo: Desconstruindo a patologia*. São Paulo: Editorial Psy II.
- Colman, A. & Colman, L.. (1988). *O pai: mitologia e reinterpretação dos arquétipos*. (A. U. Sobral, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. (1998). Brasília. Recuperado em 28 de janeiro de 2011, de <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/>.
- Costa, C. S. L. da, Cia, F., & Barham, E. J., (2007). Envolvimento materno e desempenho acadêmico: comparando crianças residindo com a mãe e com ambos os pais. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 2, 339-351.
- Costa, D. D. da. (2002). *Famílias monoparentais: Reconhecimento jurídico*. Rio de Janeiro: Aide.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2a ed.). (L. de O. da Rocha, Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Dantas, C. R. T. (2003). *O exercício da paternidade após a separação: um estudo sobre a construção e a manutenção do vínculo afetivo entre pais e filhos na família contemporânea*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Dantas, C., Jablonski, B., & Feres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347-357.
- Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940* (1940). Código Penal. Brasília, DF. Recuperado em 28 de janeiro de 2011, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm).
- Dias, M. B. (2010). *Manual de direito das famílias*. (7a ed.). São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Diniz, M. H. (2007). *Curso de direito civil brasileiro: direito de família*. (Vol. 5, 22a ed.). São Paulo: Saraiva.
- \_\_\_\_\_. (2006). Direito à convivência familiar. Em F. Tartuce & R. Castilho (Org.), *Direito Civil: direito patrimonial, direito existencial* (pp. 799-815). São Paulo: Método.

- Edin, K., Tach, L., & Mincy, R. (2009). Claiming fatherhood: race and the dynamics of paternal involvement among unmarried men. *American Academy of Political and Social Science*, 621, 149-177.
- Eggebeen, D. J. (2002). The changing course of fatherhood: men's experiences with children in demographic perspective. *Journal of Family Issues*, 23(4), 486-506.
- Eggebeen, D. J., Snyder, A. R., & Manning, W. D.. (1996). Children in single-father families in demographic perspective. *Journal of Family Issues*, 17(4), 441-465.
- Fleig, M., (2005). As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família. *IHU on-line*, 150, 12-17. Recuperado em Março 16, 2010 de <http://www.ihuonline.unisinos.br>
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2a ed.). (S. Netz, Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Freitas, W. de M. F. e., Coelho, E. de A. C., & Silva, A. T. M. C. da. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos Saúde Pública*, 23(1), 137-145.
- Fugita, J. S. (2006). Família monoparental. Em F. Tartuce & R. Castilho (Org.), *Direito Civil: direito patrimonial, direito existencial* (pp. 679-694). São Paulo: Método.
- Galano, M. H. (2006). Família e história: a história da família. Em C. M. de O. Cerveny (Org.), *Família e* (pp. 115-147). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Garbar, G. & Theodore, F.. (2000). *Família mosaico*. (L. Lopreto, Trad.). São Paulo: Augustus.
- Garasky, S. & Meyer, D.R.. (1996). Reconsidering the Increase in Father-Only Families. *Demography*, 33(3), 385-393.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gillies, V. (2009). Understandings and experiences of involved fathering in the United Kingdom: Exploring classed dimensions. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 624, 49-60.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2007). Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 83-90.
- Gomes, A. J. da S., & Resende, V. da R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Gomes, O.. (2000). *Direito de família*. (12a ed.). Rio de Janeiro: Forense.

- Grisard Filho, W.. (2000). *Guarda compartilhada: um novo modelo de responsabilidade parental*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Grzybowski, L. S. (2002). Famílias monoparentais: mulheres divorciadas chefes de família. Em A. Wagner (Org.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 39-53). Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Parentalidade em tempos de mudança: desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. de F.. (2002). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia e Ciência*, 14(1), 44-68.
- Hook, J. L., & Chalasani, S.. (2008). Gendered Expectations? Reconsidering Single Fathers' Child-Care Time. *Journal of Marriage and Family*, 70, 978-990.
- Hurstel, F.. (1999). *As novas fronteiras da paternidade*. (E. E. C. de Castro, Trad.). São Paulo: Papirus.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1997). Recuperado em Outubro 01, 2010 de <http://www.sidra.ibge.gov.br>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1998). Recuperado em Outubro 10, 2010 de <http://www.sidra.ibge.gov.br>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007). Recuperado em Outubro 01, 2010 de <http://www.sidra.ibge.gov.br>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008). Recuperado em Outubro 10, 2010 de <http://www.sidra.ibge.gov.br>
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Recuperado em Outubro 01, 2010 de <http://www.ibge.gov.br>
- Kehl, M. R. (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jiménez, A. C. (2003). La relación padres-hijos escolares em familias monoparentales de um contexto mexicano. *Revista Cubana de Psicologia*, 20(1), 91-94.
- Lacerda, C. S. M. de. (2006). *Monoparentalidade: um fenômeno em expansão*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
- Lago, V. de M., & Bandeira, D. R.. (2009). A psicologia e as demandas atuais do direito de família. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(2), 290-305.

- Lamela, D. J. P. do V.. (2009). Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19(1), 114-121.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990* (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 28 de janeiro de 2011, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm).
- Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002* (2002). Institui o Código Civil. Brasília, DF. Recuperado em 28 de janeiro de 2011, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10406.htm).
- Leininger, L. J., & Ziolk-Guest, K. M. (2008). Reexamining the Effects of Family Structure on Children's Access to Care: The Single-Father Family. *Health Services Research*, 43(1), 117-133.
- Leite, E. de O.. (1997). *Famílias monoparentais: A situação jurídica de pais e mães solteiros, de pais e mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Maciel, A. A.. (1994). *Ser/estar pai: uma figura de identidade*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, SP, Brasil.
- Magalhães, A. S. (2007). Novos arranjos familiares: qual é o papel do pai na família contemporânea? *IHU on-line*, 230, 10-11. Recuperado em Março 19, 2010 de <http://www.ihuonline.unisinos.br>
- Marodin, M., & Polanczick, T. V. (2007). Transformações na paternidade: quem é o pai na família do século XXI? *IHU on-line*, 230, 18-23. Recuperado em Março 19, 2010 de <http://www.ihuonline.unisinos.br>
- McGoldrick, M., & Carter, B. (2001). Constituindo uma família recasada. Em B. Carter & M. McGoldrick (Org.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed., pp. 291-320). (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. (C. Kinsch & M. E. F. R. Maia, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C.. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Oliveira, O. de, Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D. & Lopes, R. de C. S. (2008). Impacto das Configurações Familiares no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes: Uma Revisão da Produção Científica. *Interação em Psicologia*, 12(1), 87-98.
- Osório, L. C.. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Palma, R.. (2001). *Famílias monoparentais*. Rio de Janeiro: Forense.
- Parseval, G. D. de. (1986). *A parte do pai*. (T. C. Stummer e L. A. Watanabe, Trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Peck, J. S., & Manocherian, J. R. (2001). O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. Em B. Carter & M. McGoldrick (Org.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed., pp. 291-320). (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69.
- Piccinini, C. A., Silva, M. da R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Porreca, W. (2004). *Famílias recompostas: casais católicos em segunda união*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Ramires, V. R.. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- \_\_\_\_\_. (2004). As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 2, 183-193.
- Roudinesco, E.. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Santos, J. B. dos, & Santos, M. S. da C. (2008). Família monoparental brasileira. *Revista Jurídica*, 92, 1-30. Recuperado em Março 19, 2010 de [www.presidencia.gov.br/revistajuridica](http://www.presidencia.gov.br/revistajuridica)
- Santos Neto, J. A. de P. (1994). *Do pátrio poder*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Silva, E. L. (2003). *Os efeitos do tipo de guarda, compartilhada ou exclusiva – legal ou de fato - na dinâmica da criança: estudos de casos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Silva, M. da R. (2003). *Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento de pais que residem e pais que não residem com seus filhos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimento sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Souza, A. P. de. (2008). *Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de São Paulo, Franca, SP, Brasil.

- Souza, R. M. de, & Ramires, V. R. R. (2006). *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.
- Staudt, A. C. P. (2007). *Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Strenger, G. G. (1998). *Guarda dos filhos*. São Paulo: LTR.
- Sutter, C., Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.
- Yablonsky, L. (1990). *Pais e filhos*. (10a ed.). (A. Cancian, Trad.). São Paulo: Melhoramentos.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (3a ed.). (D. Grassi, Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Yunes, M. A. M., Garcia, N. M., & Albuquerque, B. de M. (2007). Moparentalidade, pobreza e resiliência: Entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 444-453.
- Venosa, S. de S. (2005). *Direito civil: direito de família*. (Vol. 6, 5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Vieira, C. S. (2006). Da guarda de filhos: ponderações acerca da guarda compartilhada. Em F. Tartuce & R. Castilho (Org.), *Direito Civil: direito patrimonial, direito existencial* (pp. 831-842). São Paulo: Método.
- Wagner, A. (2002). Possibilidades e potencialidades da família: a reconstrução de novos arranjos a partir do recasamento. Em A. Wagner (Org.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 23-38). Petrópolis: Vozes.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca da família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 155-168.
- Wagner, A., Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Revista Textos e Contextos Porto Alegre*. 7(1), 88-97.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wallerstein, J. S., & Kelly, J. B. (1998). *Sobrevivendo à separação: como pais e filhos lidam com o divórcio*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

- Weissmann, L.. (2008). *Famílias Monoparentais: um olhar psicanalítico*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.
- Williams, S. (2008). What is Fatherhood? Searching for the Reflexive Father. *Sociology*, 42(3), 487-502.
- Woortmann, K. & Woortmann, E. (2004). *Monoparentalidade e chefia feminina: Conceitos, contextos e circunstâncias*. (Série Antropologia). Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- Ziol-Guest, K. M. (2009). A Single Father's Shopping Bag: Purchasing Decisions in Single-Father Families. *Journal of Family Issues*, 30, 605-622.

## **Anexos**

## Anexo A



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)  
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

*Versão março/2008*

**UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**  
**RESOLUÇÃO 059/2010**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

**Projeto:** Nº CEP 10/030    **Versão do Projeto:** 17/05/2010    **Versão do TCLE:** 17/05/2010

**Coordenador:**

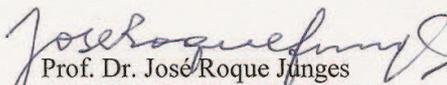
Mestrando Rogério Isotton (PPG em Psicologia)

**Título:** Exercício da paternidade em famílias monoparentais masculinas.

**Parecer:** O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

O pesquisador deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 17 de maio de 2010.

  
Prof. Dr. José Roque Junges  
Coordenador do CEP/UNISINOS

## Anexo B



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Sou o psicólogo Rogério Isotton (CRP 07/17510), mestrando em Psicologia Clínica na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – e estou realizando uma pesquisa sobre o exercício da paternidade nas famílias em que o pai ficou com a guarda dos filhos após separação conjugal, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Falcke (CRP07/07681).

Você e seu/sua filho/a estão sendo convidados a participar desta pesquisa. Antes de aceitar, é importante que você saiba do que trata o estudo. O objetivo é verificar como você exerce sua paternidade no dia-a-dia e como seu/sua filho(a) percebe essa paternidade. A participação de vocês se dará através de entrevistas sobre o dia-a-dia da família e de elaboração de histórias a partir de figuras que lhes serão apresentadas em local apropriado. Vocês poderão se recusar a responder qualquer pergunta que causar algum constrangimento e a omitir dados que possam comprometê-los. Embora os resultados derivados da pesquisa possam ser publicados, a identificação pessoal de vocês será totalmente preservada.

A participação no estudo será voluntária e vocês poderão fazer perguntas a qualquer momento. Da mesma forma, vocês têm a liberdade e o direito de optar pela não participação ou a qualquer momento decidir por deixar de participar. Tal participação não terá nenhum custo para vocês, mas também não lhes trará nenhum privilégio ou remuneração.

Vocês poderão esclarecer suas dúvidas entrando em contato com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Falcke, orientadora desta pesquisa, no PPG em Psicologia da UNISINOS, pelo telefone (51) 35908328, ou com o mestrando, responsável pela pesquisa, Psicólogo Rogério Isotton, pelo fone (51) 96877654. A sua concordância em participar do estudo, bem com a autorização da participação de seu filho se dará através da assinatura do presente termo, em duas vias, sendo que uma delas ficará sob o seu poder.

\_\_\_\_\_  
Rogério Isotton - CRP 07/17510

#### Declaração de Consentimento

Confirmando ter conhecimento do conteúdo desse termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a minha participação e de meu/minha filho/a nessa pesquisa e, por isso, dou meu consentimento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

CEP - UNISINOS  
VERSÃO APROVADA

Em: 17 / 05 / 10

.....  
*Jsp*

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Nome do filho: \_\_\_\_\_

**Anexo C**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
 Programa de Pós Graduação em Psicologia  
 Mestrado em Psicologia Clínica

**FICHA DE DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICA - PAI**

Data de Preenchimento: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**IDENTIFICAÇÃO**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_ anos. Telefone Residencial: \_\_\_\_\_ Telefone Celular: \_\_\_\_\_

**INFORMAÇÕES RESIDENCIAIS**

Rua: \_\_\_\_\_ Nº.: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

**INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS**

Profissão: \_\_\_\_\_ Renda: R\$ \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

**ESCOLARIDADE** Não escolarizado  Ensino Fundamental  Ensino Médio  Ensino Superior  Pós-graduação

Formação: \_\_\_\_\_

**INFORMAÇÕES FAMILIARES**

Número de filhos: \_\_\_\_\_ Número de pessoas que residem na casa: \_\_\_\_\_

Sexo e idade dos filhos(as): \_\_\_\_\_

Casamento: Religioso  Civil  União Estável  / Outros: \_\_\_\_\_Tempo de Casamento: \_\_\_\_\_ Houve um processo de separação?  Tempo: \_\_\_\_\_ Separação  Divórcio  Litigioso  Amigável / Outros: \_\_\_\_\_Possui a guarda dos filhos?  Tipo da guarda: \_\_\_\_\_ Tempo: \_\_\_\_\_Convive com uma segunda esposa?  Possui familiares residindo próximo? 

Tipo do vínculo: \_\_\_\_\_

**Anexo D**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
Programa de Pós Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia Clínica

**FICHA DE DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICA – FILHO(A)**

---

**IDENTIFICAÇÃO DO(A) FILHO(A)**

---

Nome: \_\_\_\_\_

Gênero:      Masculino  
               Feminino

Idade: \_\_\_\_ anos

---

**ESCOLARIDADE DO(A) FILHO(A)**

---

- Não escolarizado
- Educação Infantil
- 1º ao 4º ano
- 5º a 9º ano
- Ensino Fundamental Completo

---

**INFORMAÇÕES FAMILIARES**

---

Cidade onde a mãe mora: \_\_\_\_\_ Tem contato com a mãe? \_\_\_\_\_

Frequência: \_\_\_\_\_

**Anexo E**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
Programa de Pós Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia Clínica

**ROTEIRO DE ENTREVISTA - PAI**

1. Gostaria que você me falasse sobre como foi sua relação com seu pai quando era criança?
2. E na adolescência?
3. Bom, agora eu queria que você me contasse sobre a tua relação conjugal?
4. E a decisão de ter filhos?
5. Como foi para ti tornar-se pai?
6. Como ocorreu a separação entre você e sua ex-esposa?
7. Como foi o processo decisório da guarda dos filhos?
8. Como você avalia sua relação atual com sua ex-esposa?
9. Como era ser pai antes da separação?
10. E agora, como você exerce sua paternidade após o divórcio e a partir da decisão de ficar com a guarda dos filhos?
11. Como você percebe sua relação com seus filhos?
12. Como você avalia suas condições financeiras, considerando que você é responsável pelos seus filhos?
13. Fale-me sobre a sua rotina diária.
14. Qual é a participação de outros familiares na rotina familiar?
15. E como a mãe, sua ex-esposa, participa na criação e educação dos filhos?
16. Ser pai é...

**Anexo F**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
Programa de Pós Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia Clínica

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – FILHO(A)**

1. Como é para você viver/morar com seu pai?
2. O que você acha dele como pai?
3. Me fala o que você faz desde a hora que você acorda até o momento que vai dormir, todos os dias.
4. E o que você e seu pai fazem quando passam o tempo juntos?
5. O que ele faz quando você precisa de alguma coisa?
6. Tem outra pessoa, avó, avô, primos, tios com quem você passa parte do seu dia e que ajudam vocês?
7. Quando você tira uma nota baixa na escola, o que você faz?
8. E o que acontece quando você está brincando e se machuca?
9. E em relação aos machucados e remédios, como funciona?
10. E quando você quer muito alguma coisa: brinquedo, jogo, passear, ir na casa de um amigo(a)?
11. Quando você está cansado de ficar/brincar sozinho(a), o que você faz?
12. Você briga com seu pai? Quais os motivos principais?
13. Lembra uma briga? Me conta.
14. Como se resolve a briga?
15. Você sabe que seus pais se separaram, o que você acha disso?
16. Eles conversaram contigo sobre a separação?
17. O que você achou da decisão que eles tomaram?
18. E sobre com quem você ficaria, como foi?
19. Como você se sentiu?
20. E você passa um tempo com sua mãe?
21. O que vocês fazem quando estão juntos?
22. Você sente saudades de sua mãe? O que você faz nesses momentos?